

SILVIA HELENA VERTONI HOMSI

**TEMPERAMENTO E SUA RELAÇÃO COM
ESTILOS DE PENSAR E CRIAR**

PUC – CAMPINAS - 2006

SILVIA HELENA VERTONI HOMSI

**TEMPERAMENTO E SUA RELAÇÃO COM
ESTILOS DE PENSAR E CRIAR**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciência da Vida como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Escolar.

**Orientadora: Profa. Dra
Solange M. Wechsler**

PUC – CAMPINAS --2006

SILVIA HELENA VERTONI HOMSI

**TEMPERAMENTO E SUA RELAÇÃO COM
ESTILOS DE PENSAR E CRIAR**

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora Prof.^a Dr.^a Solange Muglia Wechsler

Prof.^a Dr.^a Raquel Souza Lobo Guzzo

Prof. Dr. José Jorge de Morais Zacharias

Campinas, 14 de fevereiro de 2006

À minha mãezinha,
fonte inesgotável de sabedoria e de amor,
dedico este trabalho.

*“Escrever é fácil:
Você começa com maiúscula
E termina com o ponto.
No meio você coloca as idéias.”*
(Pablo Neruda)

*“Somos o que fazemos, mas
somos, principalmente, o que
fazemos para mudar o que
somos.”* (Eduardo Galeano)

*“Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.”* (Cecília Meireles)

AGRADECIMENTOS

*“Desenrolei de dentro do tempo a minha canção:
Não tenho inveja às cigarras: também vou morrer de cantar.”
(Cecília Meireles)*

Esta seção é a parte mais importante para mim, porque neste espaço poderei, de alguma forma, expressar meus agradecimentos e minha gratidão a todas as pessoas que participaram direta ou indiretamente desses dois anos de minha vida que, com certeza, valeram por muitos outros. Gostaria, antes de iniciar os meus agradecimentos, de ressaltar que cada pessoa que participa ou participou da minha vida contribuiu para que eu pudesse estar “aqui” tendo a oportunidade de agradecê-las.

*Agradeço primeiramente a **Deus**, pela oportunidade da minha vida e por esse momento especial e muito significativo, fruto de uma superação de limites e também de autoconhecimento.*

*Meu profundo agradecimento à minha **orientadora Profa. Dra. Solange Muglia Wechsler**, amiga, mãezona, companheira, motivadora e minha eterna mestra, por tudo que me ensinou, apoiou e principalmente pela sua humildade e afetuosidade. Nas palavras do autor desconhecido: “Não transfiras o momento do teu sonho, no instante em que ele vem. Arrisca-te as suas cores e seu perfume. Ele é a tua herança, teu legado, teu vestígio.” Arriscar é a palavra-chave para viver ao lado dessa admirável mulher, e não somente arriscar mas também criar, viver com emoções, perigosamente, ter sede do conhecimento para, enfim, poder usufruir dessa herança deixada dentro de mim por essa pessoa tão especial.*

*Agradeço à minha amada Mãezinha, **Cleonice Aparecida do Nascimento**, por me auxiliar, amparar, consolar, acolher-me, motivar-me, incentivar-me e por estar sempre ao meu lado, em tempo integral, incansavelmente, correndo junto comigo contra as adversidades. Com as palavras de Oliver Goldsmith, finalizo meu agradecimento a essa pessoa tão importante em minha vida: “É um grande espetáculo ver um homem esforçado lutar contra a adversidade, mas há um ainda maior, ver outro homem correr em sua ajuda.”*

*Não poderia deixar de agradecer ao marido de minha mãe, que a todo instante esteve ao nosso lado, dando apoio emocional e suporte técnico. Nunca vou me esquecer de suas comidas saborosas que gentilmente fazia para nos abastecer e nem de suas piadas que contava para nos descontraír. A você, **Luciano**, meu muito obrigada por ter cedido a minha mãe por esses meses e por sua paciência e compreensão.*

*Às minhas filhas que tanto amo, **Michelle e Nathalia**, que sempre estiveram ao meu lado, auxiliando-me dentro de suas possibilidades de filhas, compreendendo com muita dor a ausência da mãe, mas sempre admirando todas as minhas conquistas e vitórias. Agradeço o amor incondicional que sentem por mim, amo vocês. **Mi**, obrigada pela realização da pesquisa, seu empenho foi imprescindível para a obtenção dos resultados. **Na**, agradeço as traduções dos textos em Inglês, sua dedicação e paciência foram essenciais para mim.*

*Ao meu querido pai, **Nelson Vertoni**, e à sua esposa, **Doroty**, agradeço pela torcida e incentivo. Apesar da distância, sei que sempre estiveram ao meu lado.*

*Ao meu divino irmão, **Sandro**, à minha maravilhosa cunhada, **Simone**, e às minhas adoráveis sobrinhas, **Mariana e Vitória**, que são pessoas iluminadas em minha vida e que sempre me apoiaram,*

principalmente em momentos em que não via saída. Obrigada por serem o que são.

*À minha tia, amiga e secretária **Cleudete**, e ao meu tio e amigo **Arlindo** que me auxiliaram em todos os momentos difíceis, agüentando meu stress, cansaço, minhas crises e nervosismos, sempre dispostos a me cobrir em várias situações em que não poderia comparecer e resolver os problemas. Meu muito obrigada pela paciência e dedicação. Amo vocês.*

*À minha amiga **Maria Aparecida (Cidinha)** fiel inseparável dos momentos mais felizes e tristes que vivemos literalmente juntas. Você sempre esteve incansavelmente ao meu lado, forte como um carvalho. Amo você.*

*À minha amiga e funcionária psicóloga **Kelly Thom**, por tudo que dedicou por mim durante a execução da dissertação, fazendo buscas bibliográficas na internet, mandando e-mails, fazendo ligações para PUCC, resolvendo vários problemas na clínica, e principalmente me acalmado sempre que eu achava que não iria conseguir. Minha gratidão a você.*

*Meus agradecimentos às minhas estagiárias e colaboradoras, **Ana Paula, Karina, Fabiane, Ellen, Jaqueline, Andressa**, e ao único homem da turma, **Igor**, pela colaboração que deram durante todo o tempo, cada um ao seu tempo. Com certeza vocês me ajudaram muito nesse período turbulento e, além de tudo, puderam tirar proveito dessa experiência.*

*À minha querida tia **Cleiva** e a minha adorável prima **Manuela** pela força constante nos momentos tão sofridos, pelas incertezas do cotidiano que sem o apoio de vocês não conseguiria superá-los. Amo muito vocês minha grande família.*

Aos meus colegas e professores da PUC Campinas. Sem o apoio de todos vocês provavelmente não chegaria até aqui.

Aos meus colegas e amigos, professores da Universidade Paulista UNIP pela constante força e disponibilidade em sempre me ajudarem. Obrigada por estarem por perto.

A todos meus alunos de graduação da Universidade Paulista UNIP, pelo apoio, entusiasmo, torcida, incentivo, força e credibilidade; este trabalho conjunto de energia é que dá forças para continuarmos.

Aos meus pacientes, pela paciência em me esperar todas as vezes que desmarcava para fazer a dissertação, pela torcida que, mesmo sem palavras, podia ser demonstrada por meio de suas expressões.

*À minha querida amiga e coordenadora **Rosana Garcia**, pelo incentivo inicial, pela persistência em me fazer aceitar a idéia de elaborar o projeto e prestar a prova, por abrir os caminhos, literalmente, para que eu pudesse começar a traçar essa trajetória decisiva em minha vida ao lado de uma pessoa tão competente indicada por você.*

*À minha adorável amiga **Claudia Shiota**, por ter me fornecido informações cruciais para que eu pudesse passar na prova do Mestrado e para que eu pudesse chegar ao local em tempo de realizá-la. Você foi minha salvação por me mostrar o caminho.*

*À minha irmãzinha adotiva **Katy**, que sempre esteve ao meu lado, apoiando-me com seus dizeres amorosos.*

*À **Ka Ale**, amiga inseparável, iluminada, guerreira, de idéias geniais que me salvaram no pior momento de minha vida, muito obrigada. Eternamente te amo.*

*À minha amiga e parceira **Ingrid Bergamo**, pela longa caminhada desde o início de nosso sonho até conseguirmos alcançá-lo.*

Agradeço pelos conselhos carinhosos e pela calorosa companhia em que uma se apoiava na outra. Até a próxima caminhada, amiga.

*Às minhas mestras doutoras **Tânia Vaisberg** e **Elisa Yoshida**, pelas valiosas colaborações na minha qualificação, com certeza vocês deram o toque que faltava.*

*Aos **participantes** da pesquisa, pela disponibilidade na realização dos instrumentos, pois sem o auxílio de vocês, não conseguiria desenvolver este projeto.*

*Às **secretárias** da pós-graduação, pela paciência em que me orientaram todas as vezes que solicitava.*

ÍNDICE

ÍNDICE DE TABELAS.....	xii
ÍNDICE DE FIGURAS.....	xiii
RESUMO.....	xiv
ABSTRACT.....	xv
APRESENTAÇÃO.....	01
CAPÍTULO I.....	05
1. Temperamento: suas concepções.....	05
1.1 Tipos psicológicos.....	16
2. Criatividade: possíveis considerações.....	29
2.1 Estilos de criar e suas implicações.....	45
OBJETIVOS.....	57
CAPÍTULO II.....	58
1. Método.....	58
1.1 Participantes.....	58
1.2 Instrumentos.....	61
1.3 Procedimentos.....	67
CAPÍTULO III.....	69
1. Resultados.....	69
2. Discussão.....	93
REFERÊNCIAS.....	114

ANEXOS

- Anexo A – Carta de autorização para realização de pesquisa para diretores
- Anexo B - Termo de consentimento livre e esclarecido
- Anexo C - Questionário de Avaliação Tipológica – QUATI
- Anexo D - Questionário de Estilos de Pensar e Criar

ÍNDICE – Tabelas

Tabela 1 - Descrição da Amostra por Faixa Etária e Sexo.....	59
Tabela 2 - Descrição da Amostra por Faixa Etária e Área.....	60
Tabela 3 - Eingenvalues e Variância dos quatro fatores da Escala de Estilos de Pensar e Criar.....	66
Tabela 4 - Média e Desvio-Padrão das atitudes e das funções do QUATI por Área.....	69
Tabela 5 - Média e Desvio-Padrão das atitudes e das funções do QUATI por Sexo.....	70
Tabela 6 - Correlação de Pearson entre as atitudes e as funções do QUATI.	71
Tabela 7 - Análise Multivariada de Variância para as atitudes e as funções do QUATI.....	72
Tabela 8 - Análise Univariada de Variância para a função Pensamento.....	73
Tabela 9 - Análise Univariada de Variância para a função Sentimento.....	73
Tabela 10 - Média e Desvio-Padrão dos Fatores de Estilos de Pensar e Criar (Versão I) por área.....	74
Tabela 11 - Média e Desvio-Padrão dos Fatores de Estilos de Pensar e Criar (Versão I) por sexo.....	75
Tabela 12 - Correlação de Pearson entre os Fatores de Estilos de Pensar e Criar (Versão I).....	76
Tabela 13 - Análise Multivariada de Variância para os Fatores de Estilos de Pensar e Criar (Versão I).....	77
Tabela 14 - Análise Univariada de Variância para o Fator 1 de Estilos de Pensar e Criar (Versão I).....	78
Tabela 15 - Análise Univariada de Variância para o Fator 2 de Estilos de Pensar e Criar (Versão I).....	78
Tabela 16 - Análise Univariada de Variância para o Fator 3 de Estilos de Pensar e Criar (Versão I).....	79
Tabela 17 - Análise Univariada de Variância para o Fator 4 de Estilos de Pensar e Criar (Versão I).....	79
Tabela 18 - Médias ajustadas por área no Fator 4 - Pensamento Divergente de Estilos de Pensar e Criar (Versão I).....	80
Tabela 19 - Análise Univariada de Variância para o Fator 5 de Estilos de Pensar e Criar (Versão I).....	81
Tabela 20 - Análise Univariada de Variância para o Fator 6 de Estilos de Pensar e Criar (Versão I).....	82
Tabela 21 - Análise Univariada de Variância para o Fator 7 de Estilos de Pensar e Criar (Versão I).....	83

Tabela 22 - Médias ajustadas por área no Fator 7 - Ousadia Inovadora (Versão I).....	84
Tabela 23 - Média e Desvio-Padrão dos Fatores de Estilos de Pensar e Criar (Versão II) por área.....	85
Tabela 24 - Média e Desvio-Padrão dos Fatores de Estilos de Pensar e Criar (Versão II) por sexo.....	86
Tabela 25 - Correlação de Pearson entre os Fatores de Estilos de Pensar e Criar (Versão II).....	87
Tabela 26 - Análise Multivariada de Variância para os Fatores de Estilos de Pensar e Criar (Versão II).....	88
Tabela 27 - Análise Univariada de Variância para o Fator 1 de Estilos de Pensar e Criar (Versão II).....	89
Tabela 28 - Análise Univariada de Variância para o Fator 2 de Estilos de Pensar e Criar (Versão II).....	90
Tabela 29 - Médias ajustadas por área no Fator 2 - Estilos de Pensar e Criar (Versão II).....	91
Tabela 30 - Análise Univariada de Variância para o Fator 3 de Estilos de Pensar e Criar (Versão II).....	92
Tabela 31 - Correlação de Pearson entre as atitudes e as funções do QUATI e os Fatores de Estilos de Pensar e Criar (Versão I).....	93
Tabela 32 - Correlação de Pearson entre as atitudes e as funções do QUATI e os Fatores de Estilos de Pensar e Criar (Versão II).....	94
Tabela 33 - Distribuição dos tipos psicológicos por área.....	95
Tabela 34 - Distribuição dos tipos psicológicos por sexo.....	96

ÍNDICE – Figuras

Figura 1 - Média do Fator 4 (Pensamento Divergente) de Estilos de Pensar e Criar por área.....	80
Figura 2 - Média do Fator 5 (Investimento Intuitivo) de Estilos de Pensar e Criar por sexo.....	81
Figura 3 - Média do Fator 5 (Investimento Intuitivo) de Estilos de Pensar e Criar por área.....	82
Figura 4 - Média do Fator 6 (Síntese Humorística) de Estilos de Pensar e Criar por sexo.....	83
Figura 5 - Média do Fator 7 (Ousadia Inovadora) de Estilos de Pensar e Criar por área.....	84
Figura 6 - Média do Fator 1 (Estilos de Pensar Conservador) de Estilos de Pensar e Criar por sexo.....	89
Figura 7 - Média do Fator 1 (Estilos de Pensar Conservador) de Estilos de Pensar e Criar por área.....	90
Figura 8 - Gráfico das médias nas três áreas para o Fator 2.....	91

Homsj, S. H. V. (2006). Temperamento e sua relação com estilos de pensar e criar. *Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciência da Vida, Pós-Graduação em Psicologia, São Paulo, Brasil.*

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar se existe relação entre temperamento e os estilos de pensar e criar em estudantes universitários. As amostras foram compostas de 126 estudantes das áreas das ciências Biológicas, Humanas e Exatas de duas universidades particulares do interior do estado de São Paulo, de ambos os sexos, na faixa etária entre 17 a 44 anos (Mo= 21 a 25 anos). Para tanto, foram utilizados dois instrumentos: o Questionário de Avaliação Tipológica – QUATI (Zacharias, 2003) e o Questionário sobre Estilos de Pensar e Criar (Wechsler, 1999, 2005), que foram aplicados coletivamente. Os resultados foram analisados pela Correlação de Pearson e Análises Multivariada e Univariada de Variância. Também foi feita uma análise qualitativa das funções e atitudes do QUATI. Os resultados indicaram que não existem relações significativas entre temperamento e estilos de pensar e criar. Diferenças significativas foram observadas por área e por sexo nos fatores do QUATI, sendo a área Biológica a que apresentou valores significativamente maiores para a atitude Extroversão, e as funções Pensamento e Sentimento sofreram influências para idade x área. Também para estilos de pensar e criar a área Biológicas apresentou médias significativamente maiores para os fatores Pensamento Divergente e Ousadia Inovadora e, no que se refere à variável sexo, o masculino apresentou maior índice no fator Síntese Humorística. Conclui-se que as pessoas de diferentes estilos podem expressar sua criatividade independentemente de seu temperamento.

Palavras-chave: temperamento; criatividade; tipos; estilos; avaliação; universitários.

Homsj, S. H. V. (2006). Temperament and its relationship with Thinking Creative Styles. Dissertação (Mestrado). Course of Post-Graduation in Science of Life at Pontific Catholic University of Campinas, Brazil.

Abstract

This research aims at investigating if there are relationships between temperament and thinking creative styles in university students. The samples were composed by 126 students from two private universities of São Paulo state, attending courses from the areas of Biology, Hard and Human Sciences, from both sexes, aged from 17 to 44 (Mo=21 to 25) years old. Two measures were used: the Questionnaire of Typological Assessment – QUATI (Zacharias, 2003) and Thinking and Creative Styles Scale (Wechsler, 1999, 2005), which were administered in a collective form. Pearson's Correlation and Multivariate and Unvaried Analysis of Variance were used to analyze the results. A qualitative analysis on function and attitudes of QUATI was also carried out. The results showed that there are not significant relationships between temperament and thinking and creative styles. Significant differences were observed in QUATI factors related to gender and scientific areas. Biology presented considerable higher values on Extroversion attitude, and Thinking and Feeling functions were influenced by age and area. In Thinking and Creative Styles, Biology students presented higher means on Divergent Thinking and Boldness. In relation to the gender variable, men had superior means on Humor-Synthesis scale. We conclude that people with different styles may express their creativity independently their temperament.

Key-words: temperament, creativity, types, styles, assessment, university students.

APRESENTAÇÃO

*Se eu deixar de pregar às pessoas, elas se aperfeiçoam por si mesmas,
Se eu deixar de me impor às pessoas, elas se tornam elas mesmas,
Se eu deixar de interferir nas pessoas, elas se encarregarão de si mesmas,
Se eu deixar de comandar as pessoas, elas se comportam por si mesmas.*
(Lao-Tsé)

Somos vistos por nossos tipos de personalidade, que são expressos por meio de nosso temperamento. Sabemos, por meio de pesquisas (Allport, 1937/1970; Eysenck, 1976; Myers & Briggs, 1997/1980), que o interesse pelo temperamento humano tem crescido constantemente. Mesmo assim, as teorias existentes estão longe de fornecer dados suficientes sobre o temperamento do sujeito. Têm-se atribuído causas diversas para as diferenças individuais, mas nenhuma teoria tem conseguido expressar de forma satisfatória o conceito de temperamento, demonstrando existir diferentes construtos para psicólogos e pesquisadores. Muitos consideram o conceito de temperamento como sinônimo de personalidade, uma vez que o temperamento é enfatizado pelos aspectos emocionais da personalidade, ou seja, suas disposições e reações, bem como de sua rapidez e intensidade de expressão (Akiskal, 1992).

Evidentemente não podemos negar as diferenças de funcionamento mental e as preferências de características de cada pessoa, as quais desenvolvem seus próprios estilos de personalidade, criando, assim, seus tipos psicológicos. Jung (1920/1967) foi o teórico que mais conseguiu classificar esses tipos psicológicos, que serão detalhados mais adiante.

Existem diversas controvérsias sobre o tema temperamento, e o que se pode observar por meio da literatura sobre o assunto é que não existe uma uniformidade de posições para as diferentes concepções apresentadas. Strelau (1998) defende que não existe um consenso nem mesmo entre os pesquisadores do temperamento sobre noções do próprio construto.

Outros pontos de divergência se evidenciam com relação à distinção entre temperamento e personalidade. Alguns estudiosos do temperamento afirmam que há uma relação entre temperamento e personalidade, entretanto, o grande ponto de divergência refere-se às predisposições genéticas e aos efeitos culturais e ambientais sobre a personalidade (Allen, 1997; Ito & Guzzo, 2002; Pinho, 2005). Outros autores, como Guzzo, Riello e Primi (1996), defendem que, apesar das divergências entre as principais abordagens, alguns pontos de convergência podem ser mencionados, como as possíveis bases biológicas do temperamento, a presença desde o início da vida de traços de comportamento e sua estabilidade em relação a outros tipos de expressões emocionais.

Nesta pesquisa, não pretendemos discutir os pontos discordantes ou convergentes sobre temperamento e personalidade, mas sim analisar se pessoas criativas apresentam ou não algum tipo de temperamento específico. Como base de nossos estudos neste trabalho, tomaremos, tomaremos o conceito de temperamento como sendo uma configuração de inclinações, um padrão consistente de atitudes e ações (Keirsey, 1980). Optamos pelo termo temperamento neste trabalho exatamente por aceitarmos, *a priori*, que a criatividade, um dos conceitos estudados neste trabalho, pode ter alguma relação com os aspectos consistentes do temperamento que se expressam nas situações reais da vida do indivíduo. Este estudo é uma tentativa de esclarecer alguns pontos dessa questão, ou seja, a relação entre temperamento e criatividade, ou, mais precisamente, entre temperamento e estilos de pensar e criar.

Sabemos que algumas condições são necessárias para que o indivíduo possa, de forma plena, usufruir seu potencial criativo. Alguns fatores são essenciais para que a criatividade possa se expressar, como estilos de pensamento, características de personalidade, valores e motivações pessoais (Alencar & Fleith, 2003).

Observamos que a criatividade, recurso natural humano, tem sido severamente inibida por obstáculos de natureza emocional, social e por meio do ensino, que tende a subestimar as capacidades criativas do aluno desde os primeiros anos de escola e a reduzi-lás abaixo do nível de suas reais potencialidades.

O interesse pelo tema criatividade advém da nossa experiência profissional de anos de trabalho na área da docência. Estando em constante contato com alunos, pudemos observar que eles tinham grandes dificuldades em se manterem incentivados e motivados para desenvolverem qualquer que fosse a atividade proposta.

Acreditamos que nossos professores ainda não estão preparados para receber estudantes talentos criativos, uma vez que esses mesmos professores, na maioria das vezes, não conhecem seus próprios talentos, ficando, assim, impossibilitados para vislumbrarem o potencial que o outro possui. Assim sendo, não conseguem criar condições para que talentos aflorem e sejam explorados pelas atividades escolares, nem para levá-los a descobrirem e reforçarem seu potencial criativo. Se os educadores tivessem dados disponíveis e confiáveis a respeito da existência de relações entre temperamento e os estilos de criar, possivelmente teriam condições de realizar um trabalho mais eficaz para incentivar a criatividade em seus alunos. Até mesmo a aprendizagem em sala de aula poderia ter ganhos, pois, de acordo com Wechsler (2002), a noção das dificuldades de aprendizagem são modificadas a partir da conceituação de estilos de aprender. Se os professores souberem quais os estilos dos estudantes, esses podem ser entendidos melhor em suas maneiras preferenciais de aprender.

A falta de instrumentos validados em avaliação psicológica assim como a falta de pesquisas nessa área têm influenciado imensamente a diminuição de pessoas interessadas na avaliação de construtos. Neste trabalho, utilizaram-se instrumentos validados que foram regulamentados

pela Resolução CFP no. 002/2003 do Conselho Federal de Psicologia. Assim sendo, os resultados apresentados poderão ser de alguma valia para os profissionais que desejarem ampliar seus estudos na área do temperamento e de sua relação com os estilos de pensar e criar.

As discrepâncias e discordâncias de conceitos encontradas levaram-nos a fazer apenas um recorte no tema proposto. Nossa tentativa foi a de averiguar se existem diferenças nas características de temperamento do indivíduo que apresenta determinado talento e criatividade.

O capítulo I deste trabalho está dividido em duas partes. Na primeira seção, são apresentadas concepções de alguns teóricos a respeito de temperamento. Ainda nessa seção, a Tipologia Junguiana é descrita com objetivo de oferecer uma fundamentação teórica para o embasamento e melhor compreensão do Questionário de Avaliação Tipológica – QUATI (Zacharias, 2003), que tem a tipologia citada como referencial. Na segunda seção do capítulo I, são apresentadas algumas conceituações sobre criatividade, com a finalidade de se fazerem considerações a respeito de sua importância para o indivíduo e para sociedade. Nessa seção, também são discutidos os estilos de criar e suas categorias. O primeiro capítulo encerra-se com a descrição dos objetivos gerais e específicos.

No segundo capítulo, é descrito o método, incluindo participante, instrumentos e procedimento.

No terceiro capítulo, são analisados, interpretados e discutidos os resultados da pesquisa. Na seqüência, temos as discussões da pesquisa e as considerações relevantes.

CAPÍTULO I

1. TEMPERAMENTO: SUAS CONCEPÇÕES

Os conceitos de temperamento e de personalidade são confundidos e vistos como sinônimos. Entretanto, embora historicamente temperamento esteja mais vinculado aos aspectos emocionais da personalidade, esse conceito é ainda uma dessas expressões que podem ter, dependendo da visão de alguns psicólogos, significados muito diferentes (Pasquali, 2003).

A palavra temperamento vem do latim *temperare*, que significa “equilíbrio”. Segundo Pasquali (2003), essa noção surgiu com a teoria dos humores de Hipócrates e de Empédocles, que acreditavam que a saúde do ser humano dependia de um equilíbrio entre todos componentes que a compõem.

Ao longo de toda a história, filósofos, escritores, psicólogos e outros observadores da humanidade notaram sempre existir quatro “naturezas” distintas nas quais todos nós nos ajustamos. Afirmar que as pessoas são dotadas, ao nascer, de temperamentos ou predisposições para agir de certas maneiras é uma idéia muito antiga.

Hipócrates, chamado de o pai da medicina ocidental, foi quem propôs uma teoria cósmica para a saúde das pessoas, por volta de 370 a.C. Essa teoria foi, posteriormente, enriquecida pelo médico romano Galeno, por volta de 190 d.C. Segundo ele, o nosso temperamento é determinado pelo equilíbrio dos nossos quatro fluídos corpóreos essenciais: os “alegres” de temperamento seriam aqueles em quem o sangue predomina; os

“sombrios de temperamento seriam aqueles que têm a bÍlis preta (atrabilis); os “entusiÁsticos” de temperamento seriam aqueles que têm a bÍlis amarela (bÍlis); os “calmos” seriam aqueles que têm fleuma (linfa) (Pasquali, 2003).

A ciência moderna há muito tempo descartou essa fisiologia antiga e os quatro temperamentos correspondentes, mas, como descreviam padrões tão universais das pessoas, eles se tornaram a base para a fundação da medicina grega e romana. De fato, foi Galeno quem deu aos quatro temperamentos os nomes pelos quais têm sido conhecidos ao longo dos tempos: “SanguÍneo”, “MelancÓlico”, “ColÉrico”, e “FleumÁtico”. Para essa teoria, era a química do corpo que determinava nosso tipo de temperamento, era da boa dosagem dos fluÍdos, de um equilíbrio (*temperare*) entre eles que dependia uma boa saúde. AÍ estÁ a origem do termo temperamento. Um excesso de um desses quatro humores podia provocar doenças no corpo ou traços exagerados de personalidade (Rothbart, 1989; Enciclopédia Abril, 9, 3672).

Toda essa tradição filosÓfica do número quatro remonta à filosofia pré-socrática que procurava explicar, de forma racional, a natureza, incluindo a origem das mudanças dos seres humanos. Encontramos em PitÁgoras de Samos (572-497 a.C.) uma explicação do mundo através dos números, a essência de todas as coisas, os quais representavam a ordem e a harmonia e uma explicação acerca do número 4. A teoria dos humores remonta também à teoria cosmolÓgica dos quatro elementos (ar, fogo, terra e Água) de Empédocles de Agrigento (490-430 a.C.) (Cotrim, 2002).

A medicina greco-romana e a tradição bíblica têm, em suas raÍzes, essa noção dos quatro elementos, que veio florescer na ciência e na literatura da Europa renascentista. Tanto na poesia de Chaucer como nos ensaios de Montaigne ou nos escritos científicos de Bacon e William Harvey e mesmo ao longo de toda a obra de William Shakespeare podemos

observar as referências aos quatro humores. Um médico vienense do século XVI, Paracelsus, criou a sua própria mitologia do temperamento e caracterizou as pessoas com quatro espíritos totêmicos: as mutáveis "Salamandras", os industriosos "Gnomos", as inspiradoras "Ninfas", e os curiosos "Silfos" (Negreiros, 2004).

Na Europa do século XVIII, é estabelecido o racionalismo e tem início a Idade da razão. Nesse período, aparecem filósofos como David Hume, na Escócia, Voltaire e Rousseau, na França, e Immanuel Kant, na Alemanha, todos consideravam os quatro temperamentos uma questão de conhecimento comum (Negreiros, 2004).

Os romancistas Jane Austen e as irmãs Brontë, George Eliot e Tolstoy, todos do século XIX, criaram personagens baseados nesses quatro padrões de personalidade citados acima. E mesmo alguns artistas do início do século XX também pensavam segundo esses princípios. Em 1901, o compositor dinamarquês Carl Nielsen nomeou sua segunda sinfonia de "Os Quatro Temperamentos", e, em 1921, D. H. Lawrence escreveu sobre a natureza humana como sendo organizada segundo "quatro pólos de consciência dinâmica" (Kroeger & Thuesen, 1989).

O primeiro problema com o qual nos defrontamos no estudo sobre o temperamento é a seleção de variáveis a serem estudadas, isto é, decidir em que aspectos concentraremos nossa atenção e quais serão as dimensões que mediremos. Os estudiosos do comportamento humano têm, há muito, ficado confusos com o estudo do temperamento, devido à riqueza de elementos potenciais existentes, que transformam a questão mais num problema do que se deve incluir na medida do que propriamente o que se deve medir. As pessoas, ao longo de suas vidas, recebem centenas de adjetivos, sendo que cada um deles tem o seu oposto, surgindo daí uma variável enorme de tipos de temperamento, em uma escala bipolar,

trazendo para o trabalho do pesquisador matizes de temperamento praticamente inesgotáveis. Qualquer seleção inadequada de variáveis pode invalidar os resultados de uma pesquisa científica (Sheldon, 1942/1970).

Embora reconheça as dificuldades para uma definição geral de temperamento, Bates (1989) encontra vantagens em se ter tal definição porque considera que ela favorece uma reflexão abstrata sobre o construto, assim, o mesmo poderia ser abordado como uma disposição comportamental cujas origens, estabilidade ou instabilidade poderiam ser consideradas (Bates & Wachs, 1994).

Bates (1989), entendendo o temperamento como um dos componentes que poderiam contribuir para a compreensão da ontogênese do comportamento, enumera algumas vantagens com relação à obtenção de uma definição geral para esse construto: 1) poder permitir que se faça um sumário de algumas diferenças individuais relevantes no período inicial da vida; 2) guiar a seleção de variáveis que possam mensurar o temperamento dentre outros construtos; 3) poder apresentar dados para formulações clínicas e possibilitar as orientações, discriminando as diferenças individuais das pessoas.

Riello (1999) afirma que buscar um conceito geral de temperamento permite, de acordo com o enfoque teórico do pesquisador, que o tema seja situado dentre as disposições comportamentais, seja por aspectos biológicos ou ambientais. Os conceitos específicos sobre a personalidade podem ser mais úteis para descreverem diferenças individuais em comportamento. Esses conceitos específicos levariam à percepção de quais aspectos as pessoas diferem umas das outras (Strelau, *apud* Riello, 1999).

Os estudos de Strelau (*apud*, Riello, 1999) levaram-no a reduzir o temperamento às características fisiológicas e às influências do ambiente. Partindo dessa concepção, o autor cria a Teoria Regulativa do

Temperamento, segundo a qual o temperamento é considerado como característica relativamente estável do organismo. Essa característica se revela em traços formais do comportamento como característica energética e temporal. Assim, segundo ele, o temperamento é determinado por mecanismos inatos, estando sujeito às alterações que a maturação e o ambiente causam. Comparando o temperamento a outras características do organismo, percebe-se que ele é o menos suscetível a mudanças, porém Strelau destaca que não existem características imutáveis.

De acordo com a Teoria Regulativa do Temperamento, o temperamento manifesta-se por meios de aspectos formais do comportamento e está sujeito, como todas as outras características do organismo, à influência de fatores de privação e estimulação, tais como clima, nutrição e densidade populacional (Strelau, *apud* Riello, 1999).

O temperamento manifesta-se, como já dissemos acima, em todo tipo de comportamento que envolva aspectos energéticos e temporais. Assim, Strelau (*apud* Riello, 1999) considera que existem duas dimensões básicas do temperamento, responsáveis pela diferenças individuais em energia: a reatividade e a atividade. Segundo essa concepção, a reatividade pode apresentar-se em posições extremas, isto é, o indivíduo pode ser muito ou pouco reativo. A reatividade é considerada como a dimensão primária do temperamento, que diz respeito a diferenças individuais, à maneira como as pessoas reagem frente a estimulações, podendo-se observar a intensidade ou magnitude da reação, o que possibilita sua mensuração. A reatividade é codeterminada pela sensibilidade e resistência às estimulações (Strelau, *apud*, Riello, 1999).

A atividade, considerada como a segunda característica do temperamento segundo a Teoria Regulativa do Temperamento, procura manter a reatividade do indivíduo num nível eficiente e confortável. Strelau

(*apud* Riello, 1999) considera que as pessoas, mesmo com estados psicofisiológicos semelhantes, têm necessidades de estimulações diferentes. Desse modo, é a atividade que organiza o comportamento do indivíduo, gerando aproximação ou evitação dos estímulos, o que demonstra a diferença de temperamento.

Para Gallanher (1998), é o matiz afetivo característico de cada pessoa que brilha com mais intensidade. Para ele, a natureza é uma poderosa influência sobre o comportamento, sendo seus elementos tão especiais que podem ser avaliados até mesmo no ventre materno. Tais elementos incluem os níveis de atividade e reação, o grau de concentração, a rítmica e o ânimo, isto é, o estado interno de bem estar de cada indivíduo. Akiskal (1992) afirma que devemos nos preocupar com o que as pessoas aparentam ser. Essa é a forma real de demonstrarem seu temperamento, que não é apenas uma questão de personalidade, mas algo de mais básico que tem a ver com ritmos, gestos, emoções.

Segundo Gallanher (1998), as emoções, tal como as idéias, são eventos tão fisiológicos quanto psicológicos, sendo elas que elevam a capacidade de sobrevivência do ser humano. Partindo da importância das emoções descrita por Gallanher na definição do comportamento, as pessoas que reagem pouco ao estresse e se mantêm alerta o mínimo necessário seriam descritas como destemidas, desinibidas ou relaxadas – seriam os tipos sanguíneos e fleumáticos de Hipócrates – capazes de lidar com facilidade com os problemas da vida. Já os melancólicos de Hipócrates, hoje descritos pelos cientistas como reativos, inibidos, sensíveis, ansiosos ou temerosos, têm mais probabilidade de sobrevivência frente às situações ameaçadoras, mas podem tender à depressão e levarem uma vida menos cômoda.

As descritas como coléricas por Hipócrates, segundo Gallangher (1998), são mal compreendidas, pois diante do estresse ficam irritadas e até preparam-se para brigar. Essas pessoas são chamadas pelos pesquisadores de irritáveis, impulsivas ou agressivas; nos casos de dor intensa ou derrota não agüentam assumir o fardo da depressão, pondo, assim, a culpa em outrem e partindo para o ataque. A pessoa terá a propensão para um desses tons emocionais pela forma como ela aprendeu a ser amada, entretanto, os fatores genéticos também a predispõem biologicamente a reagir de uma determinada maneira.

Considerando as características temperamentais do indivíduo, Chess e Thomas (1989) afirmaram que estímulos semelhantes produzem reações diversas no indivíduo e que estímulos diferentes podem provocar reações idênticas. Esses autores dizem que as influências do ambiente são mediadas pelo temperamento em uma reação circular, pois as características do ambiente também influenciam a manifestação temperamental.

Como dissemos anteriormente segundo o psicólogo Keirse (1980), o temperamento é uma configuração de inclinações como também afirma que caráter é uma configuração de hábitos. Para esse autor, os sinais dessa constituição subjacente podem ser observados desde a mais tenra idade, antes que a família, grupos ou outras forças sociais possam ter causado uma impressão sobre o nosso caráter. Podemos afirmar que no curso do nosso desenvolvimento – exceto naqueles casos em que tenhamos sofrido uma interferência mais séria – nós desenvolvemos um padrão consistente de atitudes e ações que expressam o nosso temperamento.

A idéia de que as pessoas nascem sem predisposições e são altamente maleáveis parece ter surgido só no século XX. Segundo Catini (1999), Pavlov via o comportamento como nada mais que respostas mecânicas à estimulação ambiental. Segundo Keller e Shoefeld (1968),

Watson, o primeiro behaviorista americano, afirmava que poderia moldar uma criança, por meio do condicionamento, da forma que desejasse. Muitos investigadores, na virada do século, também acreditavam que as pessoas são fundamentalmente semelhantes por terem uma única motivação básica. Freud (1905/1974) afirmava que somos todos motivados internamente pelo desejo sexual e o que poderiam ser motivações superiores são apenas versões disfarçadas daquele desejo.

Thomas e Chess (1977) pesquisaram, durante vinte anos, crianças do berçário até o primário e concluíram que elas possuíam características do mesmo temperamento desde a infância. Como resultado dessa pesquisa surgiu uma tipologia com três grupos básicos de temperamento a partir da identificação de nove categorias. São elas: a) regularidade e ritmicidade; b) aproximação e esquiva; c) nível de atividade; d) adaptabilidade; e) limiar sensorial; f) intensidade; g) humor; h) distratibilidade; i) duração de atenção. Com essas categorias, Thomas e Chess definiram alguns tipos básicos de temperamento: 1) a criança fácil: grupo que representa 40% da totalidade de crianças. Suas características são: grande facilidade para mudanças, humor positivo, respostas positivas a estímulos novos, sono e alimentação tranquilos, acostuma-se facilmente a novos alimentos, adapta-se a novas escolas, aceita regras novas de jogos, e, diante de frustrações, não faz escândalos; 2) a criança difícil: grupo que representa 10% da população. É um grupo com irregularidades em funções Biológicas, não apresenta adaptabilidade, é lenta a aceitação de mudanças, suas respostas são negativas, de esquiva a novos estímulos, as expressões de humor são intensas e freqüentemente negativas, suas rotinas de sono e alimentação são irregulares, com lenta aceitação de novos alimentos, reage à frustração de forma manhosa e violenta, possui longos períodos para adaptação com relação à nova rotina, assim como com relação a pessoas ou situações, os choros são freqüentes e as risadas altas; 3) grupo intermediário: grupo que

representa os 45% restantes da população. Suas características estão entre os dois grupos citados acima.

Segundo Thomas e Chess (1977), as similaridades dos dois primeiros grupos acima com as concepções Junguianas de extroversão e introversão são muito óbvias. Outros autores, tais como Martim (1984); Martim, Pager e Nagle (1983); Martim, Drew, Gaddis e Moseley (1988) (*apud* Pasquali, 2003), utilizaram-se das pesquisas de Thomas e Chess e desenvolveram instrumentos para avaliar os temperamentos das crianças. Os grupos de crianças pesquisados por esses autores apresentaram relações com os tipos de Thomas e Chess (1977) a respeito dos problemas infantis (Pasquali, 2003).

Oakland, Stafford, Horton e Delaware (2001) realizaram uma pesquisa sobre as relações entre preferências vocacionais e temperamento. Esses autores utilizaram esse construto dentro de uma definição bem ampla, que enfatizava as preferências pessoais. Procuraram investigar como os indivíduos obtinham a energia e a motivação bem como a fonte e a confiança para que decidissem sobre as qualidades essenciais das informações a serem utilizadas na tomada de decisão. Utilizaram, em sua pesquisa, dois instrumentos: o Myers-Briggs Type Indicator (MBTI; Myers & McCaulley, 1985, *apud* Oakland et alli, 2001) e o Student Styles Questionnaire (SSQ; Oakland, Glutting & Horton, 1996, *apud* Oakland et alli, 2001), que tinham em comum o fato de eles derivarem das mesmas bases teóricas dos conceitos de Jung (1926/1971) sobre o temperamento, partindo do pressuposto de que o temperamento do indivíduo se reflete nos seus interesses vocacionais. Concluíram haver relações confiáveis entre temperamento e preferências vocacionais, sendo que, em algumas vocações, pôde ser observada a existência de fortes relações em todos os grupos estudados, levando esses autores a afirmarem que, quanto mais cedo

se obtiverem informações a respeito do temperamento das crianças, mais se pode ajudá-las na exploração de seus interesses vocacionais.

Com relação aos outros autores, sobre a tipologia do temperamento, ressaltaremos Buss e Plomin (1986). Esses autores partiram da teoria de Allport (1961) e destacaram quatro componentes do temperamento: a) emocionalidade: reações intensas; b) impulsividade: reações rápidas; c) sociabilidade: desejo de afiliação; e d) atividade: a utilização total de energia psíquica.

Para comprovar a tipologia acima, Buss e Plomin (1975; 1984) desenvolveram um instrumento para a pesquisa do temperamento: o EASI - *Emotionality, Activity, Sociability, Impulsivity*. Por meio desse instrumento, os autores puderam constatar a presença forte dos temperamentos de emocionalidade, atividade e sociabilidade, sendo que a impulsividade aparece como um fator fraco. Esses fatores apareceram em população de universitários e em adultos. Em estudos com crianças, constatou-se a existência de correlações significativamente mais fortes em crianças gêmeas do que entre crianças não-gêmeas, confirmando o fator genético do temperamento.

Esses autores ainda utilizaram alguns critérios para discernir algumas disposições da personalidade em relação ao temperamento. São eles: a) adaptabilidade: as características de temperamento podem sofrer modificações sociais; b) hereditariedade: um componente genético deve aparecer numa teoria do temperamento; c) estabilidade: apesar das influências do meio ambiente e aprendizagem, o temperamento deve mostrar estabilidade como um traço genético durante toda a vida do sujeito; d) presença filogenética: se for próprio do temperamento deverá também ser representado entre os animais.

Para Fromm (1983), a diversidade de personalidades é uma característica da existência humana. O que torna original um indivíduo é a totalidade de qualidades psíquicas herdadas e adquiridas que constitui a sua personalidade. Do mesmo modo os diferentes tipos de temperamento resultam das diferenças que existem entre as qualidades adquiridas e herdadas, que também se tornam, por um lado, sinônimo das diferenças de dotes e de todas as qualidades psíquicas recebidas constitucionalmente, assim como as diferenças de caráter, por outro lado.

O temperamento é visto por Fromm (1983) como a maneira de reagir, sendo considerado imutável e constitucional; o caráter é essencialmente formado pelas experiências das pessoas na infância e irá se modificando com os *insights* e com as novas experiências durante o curso do desenvolvimento. As diferenças de caráter constituem o verdadeiro problema da ética, enquanto as diferenças de temperamento não têm significância ética. Ambos indicam até que grau um indivíduo conseguiu êxito na arte de viver. As preferências relativas às diferenças de temperamento são mera questão subjetiva, de predileção, enquanto as diferenças de caráter são, eticamente, de suma importância. Podem duas pessoas possuir temperamentos diferentes, mas terem qualidades em comum, como, por exemplo, serem agressivas, ambiciosas, podemos, no entanto, concluir que eticamente ambas são igualmente más.

Com os estudos realizados até o presente momento, verificamos as dificuldades de se ter definições conclusivas sobre temperamento. Assim, usaremos, em nossa pesquisa, questionários que não fazem distinção de conceituação entre esses construtos. Como afirma Zacharias (2003, p.8), “A singularidade de cada pessoa e sua dinâmica psíquica ultrapassam os limites de abrangência do sistema tipológico e escapam igualmente das malhas de qualquer abordagem psicológica.”

Zacharias (2003) ainda afirma que, embora testes e questionários podem ser úteis, quando usados por pessoas hábeis e preparadas, não podemos esquecer que os resultados puros e simples desses instrumentos de avaliação são estáticos e as personalidades são dinâmicas, além de elas apresentarem “um duplo aspecto de estabilidade e mudança entre as instâncias consciente e inconsciente” (p.9).

Nesta seção, procuramos destacar alguns aspectos sobre as concepções de temperamento e como já dissemos nenhuma se mostrou conclusiva levando-nos a optar por utilizar o construto temperamento de uma forma em que ele não se diferencia do construto personalidade. Assim, na próxima seção, descreveremos a Tipologia de Jung e um instrumento em que se baseia essa tipologia, um dos quais foi utilizado nesta pesquisa.

1.1 TIPOS PSICOLÓGICOS

A idéia de classificar as pessoas é tão antiga quanto à própria humanidade. O meio a que nos referimos de classificar os diversos tipos de personalidade pode ser chamado de Tipo e suas raízes remontam, há mais de 70 anos, aos trabalhos do psiquiatra suíço Carl G. Jung (1875-1961). Jung sugeriu que o comportamento humano não era aleatório, mas, na verdade, previsível e classificável. Jung não via as diferenças de comportamento como resultantes de problemas psicológicos, anormalidades ou impulsos desajustados. Em vez disso, Jung via as diferenças no comportamento, que parecem tão óbvias aos olhos, como resultantes das preferências individuais na utilização das diversas funções e atitudes mentais básicas, que mais adiante serão abordadas. Essas preferências emergem cedo na vida, constituindo as fundações das nossas personalidades. Segundo Jung, tais preferências logo se tornam o centro de muitas das nossas atrações e repulsões de pessoas, tarefas e eventos durante toda a vida (Jung, 1920/1967).

Segundo os estudos de Jung, a personalidade total, ou psique, é constituída de vários sistemas isolados que atuam uns sobre os outros e são interdependentes. Com objetivo de tornar mais clara a estrutura da personalidade, como é definida por Jung (1920/1967), faremos um breve relato de cada um dos sistemas: ego, inconsciente individual, complexo, inconsciente coletivo, *persona*, arquétipos, *anima* e *animus* e sombra.

O ego para Jung é a mente individual constituída de percepções, memórias, pensamentos e sentimentos conscientes e, por isso, é o responsável por nossos sentimentos de identidade e continuidade. Por ser a

mente consciente é encarada, do ponto de vista da própria pessoa, como o centro da personalidade.

O inconsciente individual para Jung é adjacente ao ego e é composto pelas experiências reprimidas, suprimidas, esquecidas ou ignoradas pelo indivíduo, mas esses conteúdos são acessíveis à consciência, ao ego e ao inconsciente individual, podendo realizar muitas permutas..

O sistema que Jung chama de complexo é um grupo organizado de sentimentos, pensamentos, percepções e memória que existe no inconsciente individual, ele tem um núcleo que age como um magneto que atrai e faz girar em torno de si as experiências vividas pelo indivíduo.

O inconsciente coletivo é o sistema que seria o depósito dos traços de memória herdada do passado ancestral do homem, como resíduos de experiências acumuladas e repetidas durante várias gerações, quase se destaca de qualquer coisa individual e é aparentemente universal. Ele é o resíduo psíquico do desenvolvimento resultante do processo evolutivo do homem, é o alicerce racial herdado de toda a estrutura da personalidade, pois sobre ele estão erigidos o ego e o inconsciente individual (Jung, 1920/1967).

Jung chama de *persona* o sistema que representa a personalidade que o indivíduo apresenta ao mundo, ela se origina da opinião que o público impõe ao indivíduo, seria uma máscara adotada pela pessoa como resposta às demandas impostas pelas convenções e tradições sociais. Quando o ego se identifica com a *persona*, como comumente pode fazer, o indivíduo se torna mais consciente da parte que esta representando do que de seus sentimentos genuínos. Torna-se reflexo da sociedade e não um ser humano autônomo.

O sistema chamado por Jung (1920/1967) de arquétipos corresponde aos componentes estruturais do inconsciente coletivo. É uma forma de pensamento universal (idéia) que contém grande parte de emoção,

sendo o resultado da experiência da raça com o mundo. Como ele se origina de experiências que foram continuamente repetidas durante muitas gerações, temos vários arquétipos que se interpenetram e se misturam como: a *anima*, o *animus* e a sombra. A *anima* e o *animus* são arquétipos que representam a aceitação de que o homem é essencialmente um animal bissexual no plano fisiológico, pois ambos produzem hormônios sexuais femininos e masculinos. O arquétipo feminino ele chamou de *anima* e o masculino chamou de *animus*. A sombra seria o arquétipo formado pelos instintos animais que o homem herdou na evolução da espécie. Ele é o responsável pelo aparecimento, na consciência e no comportamento, de pensamentos, sentimentos e ações desagradáveis e socialmente inaceitáveis, que podem ser ocultos pela *persona* ou reprimidos no inconsciente individual. é o lado obscuro da personalidade. A sombra penetra no ego em seus aspectos particulares e nos conteúdos do inconsciente individual e, com seus instintos animais e impetuosos, dá à personalidade uma qualidade tridimensional que ajuda a aperfeiçoar a pessoa.

O ponto central da personalidade, para Jung (1920/1967), é o *self*, em torno do qual constelam-se todos os sistemas. É ele que mantém todos esses sistemas unidos, dando unidade, equilíbrio e estabilidade à personalidade. O *self* motiva o comportamento humano na busca de sua integralidade. Ele só emerge quando os outros componentes da personalidade se tornam desenvolvidos e específicos, devido a isso, o arquétipo do *self* não se evidencia antes de a pessoa ter atingido a meia idade. para Jung é o conceito de *self* que dá a idéia de uma psicologia total. O *self* é a personalidade plenamente desenvolvida.

Jung, refletindo sobre as reações das pessoas frente às outras, apresentou-nos uma teoria que pudesse nos orientar melhor na compreensão do outro, partindo de uma observação desse outro não como

um semelhante, mas tentando entender o quadro de referência desse outro, ou seja, partindo da noção de que o outro é um dessemelhante. Chamou de *habitus* reacional a função principal de cada indivíduo como arma mais eficiente de que dispõe para a sua adaptação ao mundo exterior e para a sua orientação no relacionamento com o outro. É essa função que vem dar a marca característica aos tipos psicológicos de Jung, que, para descrevê-los, buscou orientação e explicação nos processos característicos para o controle e o funcionamento do ego, criando dois postulados: atitudes e funções.

Com relação às atitudes, Jung classificou os indivíduos como extrovertidos e introvertidos. Extrovertidos são os indivíduos que apresentam uma atitude rápida e confiante ao encontro do objeto, e introvertidos são aqueles que recuam, hesitam ao encontro do objeto, como se a tarefa lhes infundisse receio ou como se ela fosse demasiada pesada. Esses dois conceitos baseiam-se em como se movimenta a libido (energia psíquica) em relação ao objeto. A libido, na extroversão, flui de maneira livre, sem embaraços ao encontro do objeto. Na introversão, a libido recua diante do objeto, como se algo ameaçasse ou afetasse intensamente o indivíduo. Entretanto, o que se observa na circulação da libido é um movimento inconsciente de introversão cuja personalidade consciente é extrovertida e um movimento inconsciente de extroversão cuja personalidade consciente é introvertida. Ambos os tipos, extroversão e introversão são atitudes normais. Caso a introversão se apresente de forma exagerada, tornar-se-á patológica; do mesmo modo, a extroversão excessiva será também apresentada por um estado de morbidez (Jung, 1987).

São quatro as funções de adaptação do indivíduo, que a consciência usa como pontos cardeais para se orientar: pensamento, sentimento, sensação e intuição. O pensamento julga e classifica, assim sendo, gosta da

organização e da lógica, baseando seu julgamento em padrões universais e coerentes e não em valores pessoais. O sentimento faz a estimativa dos objetos e decide o que tem de valor para nós, esclarece julgamentos como o pensamento, mas sua lógica é toda diferente, é a lógica baseada num valor pessoal, sempre levando em conta o que sente em relação a algo e o sentimento dos outros, respeitando, assim, as idiossincrasias. A sensação percebe a presença das coisas que nos cercam e é responsável pela adaptação do indivíduo à realidade objetiva, está mais interessada no aqui e agora, no dado imediato e real, sem a influência da imaginação, não se prende ao todo, mas em detalhes, tendo necessidade de dados concretos para avaliar uma situação, discrimina o que significam os objetos e uma coisa da outra. A intuição é uma percepção via inconsciente, como apreensão do objeto que se move na atmosfera, de onde vem e qual curso de seu desenvolvimento, tende a farejar as possibilidades e ter atitudes imprevisíveis, observa o todo e não as particularidades de uma situação (Jung, 1986). O pensar e o sentir habilitam o homem a procurar a legitimidade no universo, sendo mais racionais. A sensação e a intuição são consideradas mais irracionais, baseiam-se nas percepções do concreto e situações acidentais (Hall & Lindzey, 1909/1973).

Nise da Silveira (1981) esclarece que Jung sempre percebeu que existiam, dentro de cada uma das duas atitudes típicas, muitas variações, percebeu também que várias pessoas introvertidas podiam diferir enormemente umas das outras, embora reagissem de modo semelhante face aos objetos. O mesmo acontecia com os extrovertidos. O autor começou a indagar o que ocorria e, por meio de um acúmulo de observações, descobriu que essas diferenças dependiam da função psíquica que o indivíduo usava preferentemente para adaptar-se ao mundo exterior. Essa observação vem ao encontro da tipologia psicológica de Jung (1987).

Jung (1987) descobriu que as **quatro funções se combinam com as atitudes de extrovertido e introvertido, resultando em oito tipos psicológicos**: tipo pensamento extrovertido, tipo sentimento extrovertido, tipo sensação extrovertido, tipo intuição extrovertido, tipo pensamento introvertido, tipo sentimento introvertido, tipo sensação introvertido e tipo intuição introvertido (Cartwright, 1974).

Faremos um breve relato de cada um dos tipos psicológicos de Jung (1987).

Tipo pensamento extrovertido: as pessoas desse tipo são extrovertidas, gostam da ordem lógica, de clareza, mas o raciocínio abstrato não as atrai. Gostam de fazer prevalecer seus pontos de vista com rigidez e impessoalidade, podendo, por isso, tornarem-se autoritários, pois seguem regras rigorosas, sem considerar nuances pessoais. Têm como ponto fraco o sentimento (função inferior). Embora sejam capazes de ter afeições profundas, têm dificuldades em expressá-las, mas, em algum momento, podem ter explosões de afeto, que, em função do sentimento (inconsciente), pode resultar em certo grau de destrutividade.

Tipo sentimento extrovertido: as pessoas desse tipo relacionam-se com objetos exteriores facilmente, vivendo bem com o seu mundo. São acolhedoras, afáveis, comunicativas, sendo o centro de amigos numerosos. Como pesam as qualidades positivas e negativas de seus amigos, não têm ilusões com relação às pessoas. Essa capacidade de avaliação afetiva poupa-os de decepções. São fiéis aos valores que lhe foram inculcados desde a infância. Têm como ponto fraco o pensamento (função inferior), sobretudo o raciocínio abstrato. São pessoas que transbordam calor humano, mas surpreendem muitas vezes quando fazem julgamentos críticos e frios. Se o controle da função superior (sentimento) falha, os pensamentos negativos emergem.

Tipo sensação extrovertida: as pessoas desse tipo comprazem-se na apreciação sensorial das coisas. Amam os prazeres da mesa, o conforto de suas casas. Por se relacionarem facilmente com os objetos exteriores, adaptam-se com facilidade às circunstâncias, por possuírem seguro sentido da realidade, são tidas como pessoas que “sabem viver”. Repelem as questões teóricas e de caráter geral, gostam de minúcias e descrição exata dos objetos. Explicam os fenômenos a causas bem estabelecidas, por isso as hipóteses do campo científico parecem-lhes sempre fantasiosas. São eficientes, práticas, mas como a intuição é sua função inferior, freqüentemente não percebem novas possibilidades e desdobramentos de situações, podendo, portanto, ter fracassos surpreendentes.

Tipo Intuição extrovertida: as pessoas desse tipo estão sempre farejando novas possibilidades, sabem antes de todos o que pode ser melhor para o futuro, estão sempre interessadas em aquisições inovadoras, empreendendo várias iniciativas ao mesmo tempo, mas facilmente podem abandoná-las a meio caminho iniciando outra que de repente as fascinou. Sentem-se prisioneiras em situações estáveis. Tendo como ponto fraco a sensação, podem não colher os frutos que semearam.

Tipo Pensamento introvertido: as pessoas desse tipo consideram as idéias como o que há de mais importante. Situam as idéias e pontos de vista em uma visão panorâmica dos temas. Idéias mal digeridas, mal diferenciadas ou confusas deixam as pessoas desse tipo irritadiças contra quem lhes apresenta tais idéias. Interessam-se principalmente pela produção de idéias novas e pela busca de originais e audaciosos jogos de espírito. Seus sentimentos são fortes e genuínos. Nas suas vidas afetivas, dizem sim ou não, amam ou odeiam, por isso julgam aqueles que têm sentimentos como calculistas em suas amizades, mas são capazes de tolerá-los se movidas pelo interesse.

Tipo sentimento introvertido: as pessoas desse tipo são calmas, retraídas e silenciosas, são pouco abordáveis, têm algo de enigmático que envolve seus sentimentos, não se exprimem externamente, são secretos. Relacionam-se com os objetos dentro de limites bem medidos e qualquer exuberância emocional lhes desagradam. Parecem frias e indiferentes, mas, na realidade, ocultam grandes paixões. Seus afetos não são desenvolvidos na escala do amor, nem na do ódio ou da crueldade. Gostam de ler e reunir informações sobre assuntos variados, mas, devido a seu pensamento pouco diferenciado, não fazem elaboração de ordem teórica, por isso suas construções intelectuais são fracas e toscas.

Tipo sensação introvertida: as pessoas desse tipo são extremamente sensíveis às impressões vindas dos objetos. Fixam-nos detalhadamente como se tivessem internamente uma placa fotográfica. As impressões dos objetos as atingem profundamente e elas podem reagir a eles de forma nem sempre compreensível, em consonância com as características que os objetos apresentam. Como não há relação racionalmente proporcional entre o objeto e a intensidade que as sensações podem provocar, suas reações resultam comportamentos imprevisíveis e fora das medidas comuns. Apreciam, acima de tudo, o prazer estético e preocupam-se muito com o próprio corpo.

Tipo intuição introvertida: as pessoas desse tipo são sensíveis à atmosfera do lugar e às possibilidades novas que as coisas possam oferecer. Sua função principal está voltada para o interior e, quando a realidade interna lhes faz muitas solicitações, elas se sentem torturadas. Têm aptidão para apreenderem encaminhamentos dos processos do inconsciente coletivo, as transformações e as elaborações dos seus conteúdos. São pessoas que não conseguem elaborar seus inúmeros projetos. O constante desejo de se colocarem a salvo do mundo real pode levá-las a se desgarrarem do mundo normal, perdendo-se em divagações inconsistentes.

Pela descrição dos oito tipos psicológicos de Jung, verificamos que todos nós possuímos as quatro funções descritas por ele, entretanto, sempre uma irá se sobressair mais do que as outras, que é chamada de principal ou superior. Quando uma função se torna principal, as outras se tornam inferiores, portanto são funções que se excluem, não podendo ocupar, ao mesmo tempo, o mesmo plano. Tomemos um exemplo: se o pensamento for a função principal ou superior, o sentimento será inferior, e assim sucessivamente (Jung, 1987).

Segundo Nise da Silveira (1981), Jung não perdeu o interesse pelas relações do homem com o meio exterior, apesar da exploração do inconsciente. Na clínica e na vida comum, percebia que a presença do outro era um desafio constante. Percebeu também que o outro não é tão semelhante como nós desejaríamos, pelo contrário, é absurdamente dessemelhante. Cada um de nós é singular nas atitudes devido a uma série de situações, tais como nosso próprio quadro de referência e as situações que estamos vivendo num determinado momento. Nós nos relacionamos com as pessoas sem considerarmos isso, avaliamos suas atitudes em face do que esperamos, considerando apenas dados aparentes, que podem ser observados facilmente, como idade, profissão, classe social ou qualquer outro dado e, a partir daí, fazemos inferências e tiramos nossas conclusões. Partimos de uma inexistente semelhança com nós mesmos ou com estereótipos por nós definidos.

Com o auxílio das teorias tipológicas de Jung, foi desenvolvido um dos instrumentos mais utilizados, que pode oferecer informações acerca das preferências tipológicas de Jung: o Indicador de Tipo Myers – Briggs (MBTI), padronizado em 1962. Esse instrumento começou a ser desenvolvido por Isabel Briggs Myers e Katherine Cook Briggs, em 1940, com objetivo de tornar compreensível e útil na vida diária a teoria tipológica proposta por Jung (Moraes, 2001). Tal instrumento identifica 16

tipos, tomando por base as distinções de Jung entre extroversão e introversão, pensamento e sentimento e sensação e intuição, mais a distinção feita por Isabel Myers entre julgar e perceber. A distinção entre julgar e perceber avalia se a orientação de um indivíduo em relação ao mundo exterior vem do par de funções racional (julgar) ou irracional (perceber). A teoria tipológica do MBTI segue Jung por acreditar que as pessoas nascem com uma predisposição para um tipo específico, assim sendo, desenvolveriam suas funções preferidas e auxiliares e deixariam de lado as funções que não preferissem nos seus primeiros anos de vida. Na maturidade, elas conseguem controlar melhor as duas outras funções e esses processos menos desenvolvidos podem, eventualmente, entrar na consciência a serviço dos processos dominantes (Hall, Lindzey & Campbell, 2000).

Zacharias (2003) elaborou um Questionário de Avaliação Tipológica – QUATI (versão II) – tendo por finalidade avaliar o grau de correspondência entre esse instrumento e a autopercepção dos sujeitos quanto às características de sua personalidade. Esse Questionário pretende avaliar os tipos psicológicos por meio de escolhas situacionais que cada indivíduo faz, definindo entre duas possibilidades opostas de atuação ou escolha de tipos resultantes da combinação entre as atitudes com as quatro funções Junguianas, agrupadas por Zacharias duas a duas (por exemplo: sensação-intuição) com seus respectivos inversos (por exemplo: intuição-sensação), resultando uma combinação de oito duplas de funções, em que a primeira função da dupla seria a função principal e a segunda a função auxiliar. Essas duplas foram combinadas com as duas atitudes (Introversão e Extroversão), surgindo, então, os dezesseis tipos descritos no QUATI. Como exemplo, podemos ter: tipo Extroversão Sentimento Intuição (E St In), o que significa atitude: Extroversão, função principal: Sentimento, função auxiliar: Intuição, e assim sucessivamente para os demais tipos.

Pelo exposto, pareceu-nos ser o QUATI um instrumento que poderia nos oferecer indicações seguras quanto à avaliação de tipos de personalidade, segundo o enfoque da teoria de Jung, podendo ser utilizado com uma boa margem de segurança. Disso resultou, entre outras coisas, a nossa opção pela utilização desse instrumento como um dos recursos para a nossa pesquisa. Veremos, no capítulo II, uma descrição da precisão e da validade desse instrumento em termos mais detalhados.

Moraes (2001) realizou uma pesquisa para a validação do QUATI. Os sujeitos avaliados (total de 185, de ambos os sexos e com idade entre 18 e 53 anos) submeterem-se a três instrumentos, sendo um questionário de Auto-Avaliação, um questionário de Hetero-Avaliação (avaliado por um colega) e o QUATI. Investigou a validade utilizando-se dos questionários de Auto-Avaliação e Hetero-Avaliação, e, por meio da análise fatorial, relacionou-os ao QUATI. Disso resultou uma sugestão da autora para que se fizesse uma alteração dos números de dimensões do QUATI de três para nove, sendo que quatro dimensões estariam associadas a Introversão e Extroversão do QUATI e uma muito próxima da dimensão Pensamento e Sentimento. Esclarece que essa nova divisão proporciona uma definição mais clara do conteúdo. Destacaremos as dimensões mencionadas pela autora que são: Sociabilidade, Pensamento e Sentimento, Intuição e Sensação, Conciliador e Crítico, Teórico e Prático, Dentro e Fora, Expansivo e Reflexivo, Agitado e Tranquilo e Disperso e Compenetrado. As dimensões Introversão-Extroversão e Pensamento-Sentimento parecem ter sido adequadamente operacionalizadas nos três instrumentos estudados, não tendo sido encontradas correlações para as dimensões Sensação-Intuição (Moraes, 2001).

Salientamos que o que Moraes (2001) propõe fere a tipologia Junguiana do quadrante que deve ser sempre quatro (4), não podendo ser

três nem nove, pois, desmontaria o princípio do quaternário, isto é, elementos agrupados de quatro em quatro.

Faremos agora algumas considerações a respeito de criatividade e os estilos de criar, buscando apresentar os pontos de vista dos teóricos para complementarmos a fundamentação necessária para darmos início a nossa pesquisa.

2. CRIATIVIDADE: POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES

Conceituar o tema da criatividade é uma tarefa ao mesmo tempo instigante e geralmente muito difícil de ser tratada, pois muitas pessoas, quando escutam alguém dizer que ele é criativo, ou aquilo ficou criativo, ou o produto é criativo, entre outras coisas que ouvimos dizer, esperam sempre algo extraordinário, reluzente, espetacular, inusitado, como se criatividade precisasse ter algum destes atributos.

Iremos ver, neste capítulo, que a criatividade deriva de muitos fatores: cognitivos, afetivos, ambientais, que, na maioria das vezes, nem imaginamos fazer parte dela, porém nos enganamos quando acreditamos que ser criativo é preciso ser alguém anormal, especial ou excepcional. É comum vermos expressões de criatividade nas construções artesanais dos habitantes de diversos países, em suas danças, suas músicas, suas comidas e mesmo nas diversas formas que usam para adaptar-se ao meio ambiente. Agem com normalidade e expressam sua criatividade sem nenhum julgamento de excepcionalidade.

Há muito tempo, cientistas tentam incursionar pela psicologia da criatividade, oferecendo-lhe uma versão que os leve por caminhos que não sejam divinos ou mitológicos. Trata-se de uma teoria complexa pelos próprios elementos nela envolvidos, tais como o mito do gênio criador, a concepção do trabalho inconsciente, a iluminação repentina, a influência de planetas, a alienação, a loucura, o estado neurótico, o transtorno psicológico, o uso de drogas, o perfil psicológico, a inspiração, as musas, a intuição, e muito outros (Romo, 1998).

Em seu trabalho, Romo (1998) mostra como os mitos populares mesclaram-se com outros elementos fictícios ou reais, formando um fundo sócio-histórico que se faz presente até hoje. Segundo a autora, as teorias

psicanalistas acabaram dando certa fundamentação às versões da origem ignorada do gênio criador, consolidada pelo folclore, por meio de seus trabalhos psicológicos sobre o inconsciente, neuroses, esquizofrenias, conflitos internos, a busca de si mesmo como fatores geradores de criação. A psicologia deixou, durante muitos anos, um grande vazio na análise dos processos psicológicos da criatividade. A pessoa criativa é uma pessoa que questiona a realidade, levanta um problema e não o abandona, está sempre em estado de alerta, e assim pode perceber qualquer coisa válida aos seus propósitos, até as mais insuspeitas.

Por outro lado, Martinez (2002) afirma que criatividade é a forma como as pessoas se expressam em determinadas situações, sendo capazes de produzir algo novo que tenha determinado valor. Assim sendo, a criatividade humana pode ser considerada um processo plurideterminado, em que fatores históricos, econômicos, sócio-culturais, ideológicos, conjunturais e subjetivos mediatizam, de forma extremamente complexa, a expressão criativa. A criatividade é considerada por Martinez (2004) como um processo complexo da subjetividade humana, que se constitui a partir dos espaços sociais de vida do sujeito, ou seja, inclui duas dimensões, a individual e a social. A autora não vê a criatividade como potencialidade psicológica com a qual o indivíduo nasce, mas como ele consegue desenvolver ou não recursos psicológicos que lhe permitirão, em maior ou menor grau e com diferente qualidade, expandir ações criativas em contextos sociais determinados.

Em suas investigações com profissionais criativos de diferentes áreas, Martinez (1997) encontrou um conjunto de recursos da personalidade associados à criatividade, são eles: motivação, capacidades cognitivas diversas, capacidade de autodeterminação, autovalorização adequada, confiança, capacidade de questionamento e elaboração personalizada, capacidade de estruturar o campo de ação e tomar decisões, flexibilidade,

audácia, e orientação para o futuro. Esses recursos não aparecem de forma justaposta ou isolada, mas se inter-relacionam de formas diversas, articulando-se uns com os outros, formando configurações dinâmicas que expressam a complexidade da dimensão subjetiva da criatividade.

As características do contexto determinam de forma diferenciada a possibilidade da expressão criativa do sujeito. A complexidade psicológica da criatividade supõe estratégias sistêmicas para a sua compreensão e desenvolvimento (Martinez, 2002).

A história nos mostra como o pêndulo de tolerância às inovações oscila de acordo com o tempo e o lugar. Ora a sociedade é extremamente intolerante, como na Idade Média, ora ela é extremamente tolerante às inovações, como na Renascença. Além disso, a sociedade valoriza diferentemente as diversas áreas da criatividade, como ciências e tecnologia, em diferentes lugares (Kneller, 1978).

Wechsler (2002) destacou que a criatividade deveria ser conceituada de uma forma bem abrangente, devendo ser entendida como resultado da interação entre processos cognitivos, características de personalidade, variáveis ambientais e elementos inconscientes. Assim, a criatividade deve ser avaliada num aspecto multidimensional, em que diversos tipos de interações se completam de forma harmônica não só para o indivíduo como também para a sociedade. Para que isso se realize, todas as possíveis combinações entre os elementos: habilidades cognitivas, características de personalidade e elementos ambientais devem ser consideradas, permitindo assim o alcance da autorealização pessoal, profissional e mesmo transcendental do desenvolvimento humano (Wechsler, 1998).

Na tentativa de se dar maior respeitabilidade à criatividade, muitos instrumentos para medi-la foram elaborados. Wechsler (1994) afirma que instrumentos psicológicos por si só são limitados quanto ao seu poder de

generalização, mas que o seu conjunto pode trazer um quadro muito esclarecedor quando se querem descrever características de pessoas criativas. A autora elenca as seguintes características da personalidade criativa: 1) fluência e flexibilidade de idéias; 2) pensamento original e inovador; 3) alta sensibilidade externa e interna; 4) fantasia e imaginação; 5) inconformismo; 6) independência de julgamentos; 7) abertura a novas experiências; 8) uso elevado de analogias e combinações em comum; 9) idéias elaboradas e enriquecidas; 10) preferência por situações de risco; 11) alta motivação e curiosidade; 12) elevado senso de humor; 13) impulsividade e espontaneidade; 14) confiança em si mesmo ou auto conceito positivo; 15) sentido de destino criativo (p.74).

Podemos perceber a relevância dessas características em qualquer produção criativa nas diversas épocas do desenvolvimento humano como também a variedade de olhares sobre os diversos aspectos da criatividade, ora enfocando a pessoa criativa, ora seu processo, outras vezes o tipo ou produto, a qualidade do ambiente que estimula ou reprime a criatividade (Wechsler, 2002).

Para Sternberg (2002), a criatividade é uma decisão corajosa. As pessoas criativas geram idéias que são vistas, inicialmente, como um produto desvalorizado. Na maioria das vezes são rechaçadas, suspeitas e vistas com ceticismo. Isso acontece porque a sociedade não se dá conta, muitas vezes, do valor da idéia proposta e opõe-se a ela para não mudar o *status quo*. Assim, o criativo necessita convencer as pessoas da validade de sua idéia, desafiando a sociedade. Segundo esse autor, impõe-se ao trabalho criativo o equilíbrio em três habilidades: sintética, analítica e prática. A habilidade sintética é o que originalmente pensamos como criatividade, é a habilidade de gerar idéias novas e interessantes. O bom pensador sintético é o que chamamos de criativo, é o que faz conexões entre as coisas que são espontaneamente reconhecidas pelas pessoas. A habilidade analítica

corresponde à habilidade do pensamento crítico, por meio dela a pessoa analisa e avalia a idéia estabelecendo suas implicações. A habilidade prática é a habilidade de traduzir a teoria em prática, é a capacidade de colocar em realizações práticas as idéias abstratas. Concluindo, Sternberg (2002) diz que deve haver um equilíbrio entre essas três habilidades na criatividade.

Para Grinberg (1997), os artistas seriam os mensageiros do inconsciente coletivo. O artista dá forma à natureza e ao espírito de sua época. Como o ato de criação pode ocorrer em qualquer momento da vida de uma pessoa, pais e educadores devem esforçar-se para não fugir às dificuldades psicológicas impostas pela psique da criança que se encontra fusionada e identificada com o meio ao seu redor. Deve-se levar em conta a noção de individualização que ocorre com cada pessoa a partir de seu nascimento. Assim, as regras e métodos de educação deveriam estar subordinados ao objetivo de permitir a manifestação de individualidade única da criança, observando, por exemplo, sua tipologia, dons e limitações, deixando-a levar uma vida rica de significados.

Nise da Silveira (1981) faz referência sobre as idéias de Jung no que diz respeito ao ato criador e como o autor analisava uma obra de arte, um sonho, uma imagem e comparava a criança que se desenvolve no seio materno com a obra de arte. Dizia ele que “os conflitos pessoais do artista, sua problemática emocional, não são decisivos para o conhecimento de sua obra” (p.161). Referindo-se à obra de arte a autora faz o seguinte comentário:

A autêntica obra de arte, porém é uma “produção impessoal”. O artista é “um homem coletivo que exprime a alma inconsciente e ativa da humanidade”. No mistério do ato criador, o artista mergulha até as funduras imensas do inconsciente. Ele dá forma e traduz na linguagem de seu tempo as intuições primordiais e, assim fazendo, torna acessível a todos as fontes profundas da vida (p.161).

Adler (1928/1967) desenvolveu a idéia de que uma realização suprema do indivíduo seria o conceito de *self* criativo, deixando todos os outros conceitos subordinados a ele. A proposta de Adler era a de descobrir a pedra filosofal, o elixir da vida, a fonte de energia, a causa primeira de tudo que era humano. Segundo ele, o *self* unitário é soberano, consistente e criativo na estrutura da personalidade. O poder do *self* não pode ser descrito, podemos apenas ver seus efeitos. Vemos os estímulos que agem sobre a pessoa e suas respostas frente a eles. A essência de sua idéia é que os seres humanos podem construir sua própria personalidade, que seria construída a partir do material de sua hereditariedade e de sua experiência de vida (Hall, Lindzey & Campbell, 2000).

O *self* criativo intervém sobre os estímulos que agem sobre a pessoa e as respostas dadas pela pessoa a esses estímulos, assim, ele age sobre os fatos estimuladores do mundo e os transforma, tornando a sua própria personalidade dinâmica, subjetiva, unificada e pessoal. Ele dá significado à vida, cria a meta, assim como os meios para atingi-la. O *self* criativo é o princípio ativo da vida humana. Dessa forma, Adler propõe que todas as pessoas teriam possibilidades de cooperação, criatividade, altruísmo, singularidade e consciência, devolvendo aos seres humanos um senso de dignidade e de valor, retratando um ser humano mais satisfatório, mais lisonjeiro e esperançoso (Hall, Lindzey & Campbell, 2000).

Embora o dito popular diga que podemos ser senhores de nosso destino e não as vítimas, preferimos dizer que podemos ser parceiros de nosso destino e não as suas vítimas

Maslow (1967a) colocou suas concepções dentro da psicologia humanística, apoiando suas investigações em pessoas saudáveis e criativas. Para ele, a Psicologia tem se ocupado mais das deficiências do que das virtudes do ser humano. Partindo desse pressuposto, considerou que o homem possui uma natureza inata que é essencialmente boa e nunca má.

Em 1968, Maslow faz uma distinção entre a agressão saudável e a violência patológica, combatendo a injustiça e o preconceito com relação a outras doenças sociais.

O autor propõe uma teoria da motivação humana, diferenciando necessidades básicas e meta-necessidades. A primeira refere-se à fome, à afeição, à segurança, à auto-estima, entre outras. A segunda refere-se à justiça, à beleza, à ordem, à bondade, à unidade e assim por diante. As necessidades básicas surgem das deficiências e estão em uma ordem hierárquica e se sobrepõem às meta-necessidades. As meta-necessidades são necessidades de crescimento que não possuem uma ordem hierárquica. São igualmente potentes e podem ser substituídas com facilidade uma pela outra. Tanto as necessidades básicas como as meta-necessidades são instintivas ou inerentes aos seres humanos e, quando não são satisfeitas, uma doença poderá se instalar, como a alienação, a angústia, a apatia, entre outras. Maslow (1968) acredita que enquanto os psicólogos se limitarem a estudar pessoas imaturas, frustradas e neuróticas acabam por criar uma psicologia deficitária.

Maslow (1967 a) propôs que se estudassem as pessoas que conseguiram realizar suas potencialidades. Estudou um grupo de pessoas famosas e bem sucedidas na vida com a intenção de descobrir as características que as distinguiam do comum dos homens e fez uma lista de traços característicos de personalidade dessas pessoas. Também investigou as experiências que chamou de “experiências de pico”, em que se pedia que a pessoa relatasse as experiências mais maravilhosas que já tivesse vivido em sua vida. Os resultados mostraram que as pessoas submetidas à experiência de pico sentiam-se mais integradas, em maior comunhão com o mundo, donas de si mesmas, mais conscientes do tempo e do espaço, mais espontâneas, mais perceptivas, entre outras coisas. Sua contribuição está na preocupação com as pessoas sadias mais do que com as enfermas. As

peessoas que conseguiam realizar-se constituíam o que esse autor chamou de personificação da teoria organísmica.

A teoria de Goldstein (1939) é a teoria organísmica que destaca a integração, a consistência, a unidade, a coerência da pessoa normal. Concebe o organismo como um sistema organizado total, assim, considera impossível compreender o todo estudando somente as partes. Tem como pressuposto que todo o indivíduo é motivado por um impulso dominante e não por uma pluralidade de impulsos. Goldstein dá a esse impulso dominante a denominação de auto-realização, o que significa que o homem luta constantemente para realizar suas potencialidades inerentes. A auto-realização é uma tendência criativa da natureza humana. Jung (1920/1967) afirma que a personalidade tem uma tendência no sentido de uma unidade estável, que é o aspecto central de sua teoria. Para o autor o “desenvolvimento seria um desdobramento da totalidade indiferenciada e original com o qual o homem nasce. O objetivo final desse desdobramento é a realização da individualidade” (p. 118).

Podemos perceber que o autor Adler (1928/1967) fala de realização suprema do indivíduo, já Maslow (1967a) fala em personificação da teoria organísmica a realização conseguida pelas pessoas, Goldstein (1939) diz que a auto-realização é uma tendência criativa da natureza humana. Jung (1920/1967) afirma que existe uma energia psíquica (a energia pela qual o trabalho da personalidade é realizado) que encontra sua expressão concreta na forma de forças atuais ou potenciais. Desejar, sentir, atender, querer, lutar são exemplos de forças atuais na personalidade; disposições, tendências, inclinações são exemplos de forças potenciais. Jung também chamou de libido essa energia psíquica. O desenvolvimento seria a busca da realização da individualidade. Deste modo, verificamos que existe um certo consenso entre esses autores a respeito da necessidade de auto-realização de todo ser humano.

Wechsler (1994/2002) reforça a idéia que a criatividade pode ajudar o indivíduo a desenvolver totalmente seu potencial, dando-lhe forças internas para resolver seus problemas presentes e condições para no futuro reagir aos problemas que surgirem. Para a autora todas as pessoas teriam criatividade, que num sentido maior ou menor vai acompanhar, a todo o momento, o indivíduo. Sua visão de mundo ou o seu sentido de um destino criativo é que vai determinar seus valores, suas atitudes, seus comportamentos, e seus relacionamentos interpessoais. Entretanto, essas características estão intimamente ligadas à motivação para a criatividade e à paixão de criar. Por meio dessa abordagem, pode-se verificar que a criatividade é uma forma de garantir a saúde mental de uma pessoa nas suas diversas fases de vida: infância, adolescência, maturidade e velhice.

A autora traça um paralelo entre seus estudos e os parâmetros definidos por Erikson (1972) sobre os estágios de psicologia do desenvolvimento e as crises de identidade vividas pelo indivíduo, apresentando a idéia de que as pessoas que conseguem superar com sucesso suas fases críticas são mais criativas.

A pessoa que adquire confiança em si mesma é aquela que soube resolver o dilema inicial entre confiança x desconfiança (Wechsler, 2002). Esse estágio pode ser explicado como sendo o estágio em que a criança, por meio de suas experiências com os adultos, aprende a confiar neles ao mesmo tempo em que desenvolve uma desconfiança básica, que é um princípio essencial do ser humano; e uma proporção adequada entre confiança e desconfiança é o que faz com que a criança inicie seu amadurecimento (Erickson, 1972).

A pessoa autônoma e independente de julgamento seria a que resolveu a crise entre a autonomia x vergonha e dúvida (Wechsler, 2002). Esse período pode ser explicado como sendo a fase em que a criança descobre que há obrigações, privilégios e limitações que são estabelecidos

para ela. Nessa fase, a criança exerce o autocontrole e a necessidade de aceitação do controle exercido por outros, isso fará com que surja o reverso da autonomia que é a vergonha e a dúvida. A vergonha e a dúvida seriam a perda do autocontrole que lhe dá entusiasmo e orgulho. Ela necessita, então, para um amadurecimento saudável, a manutenção do equilíbrio entre a autonomia, a vergonha e a dúvida (Erickson, 1972).

A pessoa que sente a necessidade de produzir e criar seria aquela que resolveu a etapa do conflito x culpa (Wechsler, 2002). Esse estágio pode ser explicado como sendo a fase em que a criança mostra-se mais desenvolvida e coesa, física e mentalmente. A iniciativa combinada com a autonomia possibilita à criança adquirir condições de planejamento e busca e determinação na consecução de tarefas e objetivos. Porém, nesse estágio, o sentimento de culpa aparece, podendo perseguir a criança por desejos de alcançar objetivos excessivamente entusiastas. Nessa fase, o brinquedo imaginativo e desinibido é muito importante para que a criança enfrente objetivos livres de insucessos; por meio das fantasias infantis, livra-se da culpa de feito algo errado e do medo da punição, o que é essencial para o seu amadurecimento (Erickson, 1972).

Wechsler (2002) afirma que, assim, em cada fase, a pessoa vai resolvendo, através dos pólos positivos entre os conflitos antagônicos, as suas crises, alcançando a autoconfiança, a identidade bem resolvida, a intimidade tranqüila consigo mesmo, vai vencendo as etapas do conflito de geração (ao invés de estagnação) e integridade (ao invés de desespero).

A autora questiona, ainda, por que os grandes talentos da humanidade tiveram tanto sofrimento para serem reconhecidos quanto à beleza e importância de sua obra. Possivelmente, isso estaria relacionado com o meio em que a pessoa produz, pois não é tarefa fácil trazer uma idéia inovadora que traga ruptura ao *status quo* vigente e ao modo como a sociedade pensa no momento, como foi apresentado nesse trabalho na

teoria de Sternberg (2002). Entretanto, as habilidades de lidar com o ambiente se tornam vitais, porque tanto a pessoa como o produto de sua criatividade devem ser aceitos pelo meio. O indivíduo criativo tem que usar toda a sua sensibilidade e capacidade de persuasão para trazer para junto de si o outro, demonstrando-lhe o quanto a nova idéia lhe trará benefícios, devendo mesmo convidá-lo a colaborar com a nova idéia. Para tanto, a pessoa deve usar processos de referências e avaliação internos, deve ser capaz de se libertar da aprovação dos outros, do conformismo, visando à sua aceitação na sociedade (Wechsler, 1994).

A pessoa criativa deve aprender a resistir às pressões sociais, sendo assim inconformista não no sentido da rebeldia, mas no de saber defender suas próprias idéias, comportando-se de maneira que consiga descobrir algo diferente do que sempre foi pensado (Wechsler 2002). As relações do criativo com a sociedade podem ser de paz e harmonia, de fuga e ilusão, de protesto e revolta, de ajuda ou incentivo, de censura ou limitação, são assim, relações dinâmicas, historicamente determinadas (Coltrim, 2002).

Para Csikszentmihalyi (1994; 1997), a criatividade seria um tipo de atividade mental, um *insighth*, que deve ser relacionado com padrões já existentes na sociedade e por ela valorizados, isto é, deve haver uma interação entre a idéia pessoal e o contexto sociocultural existente. Ele afirma que criatividade é um ato, idéia ou produto que muda um domínio (âmbito de uma arte ou ciência) existente ou cria um novo domínio. Não é necessário assumir que a pessoa criativa seja diferente das outras, o que importa é a novidade que ela produz e que pode ser incluída, reconhecida e legitimada por um domínio, e é esse fato que garantiu a sobrevivência da humanidade até os dias atuais.

O domínio faz parte de um nicho que é chamado cultura ou conhecimento simbólico, compartilhado por uma sociedade ou por toda a humanidade, como, por exemplo, o domínio da música, o da literatura, o da

arte, o da matemática, etc. À medida que a criatividade muda um campo ou um domínio, está explícito ou implícito que houve a inclusão de um determinado produto (o resultado da criação) em um domínio. Isso aconteceu porque esse produto está dentro das regras e dos símbolos reconhecidos nesse domínio pelos guardiões do mesmo (cientistas, professores, curadores de museus, administradores de fundações, etc.), que cuidarão de selecionar, aceitar e reconhecer o produto que deverá ou não ser preservado, dando-lhe a garantia de sua preservação dentro do que é chamado cultura (Csikszentmihalyi, 1994; 1997).

O mesmo autor afirma, ainda, que estamos acostumados a pensar que a criatividade começa e termina com o indivíduo. No entanto, ela depende de situações, eventos e fatos que o estimulam, vindos de mudanças que ocorrem fora da pessoa. Depende dos sistemas vigentes ou padrões em um dado lugar, em um dado tempo, como já foi descrito neste trabalho, que criam as mais diferentes motivações para a personalidade, que se vê então impulsionada a querer criar algo novo. Ele ressalta que domínios e personalidade criativa podem ser construídos e desconstruídos muitas vezes ao longo da história devido às situações advindas do meio sociocultural. Segundo Coltrim (2002), o sujeito criativo pode criar obras de arte que tendem a permanecer vivas e a se universalizar e, independentemente de seu conteúdo ideológico, expressam profunda sensibilidade, podendo assim atrair pessoas de diferentes culturas em diferentes tempos.

Em suas pesquisas, Wechsler (2001) concluiu que as características de jovens criativos que poderão tornar-se profissionais dentro dos mais diversos setores devem ser identificadas desde cedo, no processo de orientação vocacional ou profissional, para que possam ser detectados talentos em potencial que, no futuro, tenham condições de atuar de maneira criativa, contribuindo para a economia e o crescimento do país.

Para Kneller (1978), a criatividade envolve certas capacidades mentais que possibilitam ao sujeito mudar a maneira de abordar um problema, produzir idéias inusitadas e relevantes, ver além da situação imediata e encontrar um novo aspecto de um problema já existente. Segundo esse autor, as pessoas criativas têm a característica de serem inconformistas (não se submetem às regras), flexíveis (levantam várias soluções para o mesmo problema) e originais (têm idéias raras e incomuns).

Na teoria de Kneller (1978) sobre a criatividade, ele destaca que o processo criativo segue as seguintes etapas: apreensão, preparação, incubação, iluminação e verificação. Na primeira etapa, o sujeito tem que encontrar o problema, ter o seu primeiro *insight* e, na segunda, ele intera-se de tudo sobre o problema, propõe possíveis soluções, pondera-as, explora-as. Depois segue a fase de incubação, quando as idéias ficarão germinando em um tempo de atividade não consciente. Embora logicamente distintas, a preparação e a incubação não são fases que se dividem nitidamente, uma vez que o sujeito criador vai e volta de uma para a outra fase muitas vezes para então se ter a fase da iluminação, que é a do nascimento, de onde surge a resposta e o problema parece estar resolvido. Em seguida, vem a fase da verificação, para comprovar se a idéia obtida resolve o problema; deve-se distinguir, então, o que é ou não válido, pois a iluminação é passível de falhas.

A teoria centrada na pessoa, de Rogers (1961), acredita que qualquer pessoa contém dentro de si as potencialidades essenciais para a saúde e o crescimento criativo. Essas potencialidades poderão não se realizar quando existirem influências forçadas e deformadas exercidas pelos pais, pelos educadores ou por pressões sociais. Isso poderá ser diferente quando o indivíduo aceita assumir a responsabilidade pela sua própria vida. Sua teoria tem pontos em comum com a psicologia

existencial-fenomenológica, isto é, Rogers dá importância aos sentimentos e aos valores das pessoas, às suas experiências, e a tudo que pode ser resumido pela expressão “vida interior.”

Esse autor formulou a teoria da personalidade baseada nas experiências com indivíduos no relacionamento terapêutico. Ele chamou sua teoria de não diretiva, ou centrada no cliente. Suas observações terapêuticas proporcionaram um estudo valioso e um precioso material para o estudo da personalidade.

Apesar de Rogers (1961/1974) não dar valor aos construtos estruturais, preferindo valorizar o desenvolvimento e as mudanças da personalidade, existem dois construtos que são de importância fundamental para a base de sua teoria. Trata-se dos construtos de organismo e de *self*. O organismo é o *locus* de toda a experiência, que inclui qualquer coisa potencialmente ao alcance da consciência do organismo do indivíduo em um dado momento. Chamou essa totalidade de campo fenomenal, ou seja, este só pode ser conhecido pela pessoa, outro jamais o conhecerá, a não ser pela inferência empática e, mesmo assim, jamais pode ser perfeitamente conhecido. O modo de agir do indivíduo depende do campo fenomenal (realidade subjetiva) e não das condições de estimulação (realidade externa). O campo fenomenal é construído a partir de experiências conscientes (simbolizadas) e inconscientes (não simbolizadas). O organismo pode reagir a uma experiência que não esteja simbolizada, nesse caso, a pessoa se portará inadequadamente.

Como já vimos acima, as experiências constritivas e deformadoras podem ser superadas quando a pessoa passa a responsabilizar-se por sua própria vida, havendo então a emergência de uma nova pessoa, consciente de si, determinada, autogerida com capacidade de explorar o seu espaço interno mais que o externo, não aceitando o conformismo aos padrões

impostos e ao dogma da autoridade, assim pressupõe-se a possibilidade do surgimento de uma pessoa criativa (Rogers,1961).

Piaget (1981) procurou explicar a criatividade não por uma definição ou teoria, mas por meio dos problemas que ele via envolver a criatividade. Segundo o autor, os problemas seriam dois: um que se refere às origens da criatividade e outro que se refere a seu mecanismo. Para ele, as origens da criatividade estariam cobertas de mistério, ainda que ela esteja presente em todos nós. Ele acreditava que esse mistério estaria longe de ser desvendado. Quanto ao mecanismo de como a criatividade acontece, acredita que seus estudos da psicologia da inteligência poderiam nos ensinar muita coisa, uma vez que, para ele, o desenvolvimento da inteligência seria uma criação contínua. Ele explicou o desenvolvimento da inteligência em estágios e dizia que cada estágio de desenvolvimento produzia, radicalmente, algo novo, muito diferente do que existia antes, caracterizando o aparecimento de estruturas mentais novas.

Ainda segundo Piaget, o sujeito, em suas construções mentais, incorpora os objetos de sua realidade por meio de assimilações contínuas, enriquecendo-os, adicionando ou extraindo dimensões desses objetos, num processo de criação contínua (Piaget, 1970).

Nossos estudos sobre criatividade levam-nos a observar que, sem menosprezar as características individuais, verificamos uma ênfase nas influências dos aspectos sociais, históricos, culturais e educacionais sobre a criatividade. No dizer de Wechsler (2002, p.26) “a importância de um ambiente estimulador para o aparecimento e desenvolvimento do potencial criativo tem sido um dos fatores mais comumente investigados nos estudos que focalizam esse aspecto específico.”

Rogers (*apud* Wechsler, 2002) enfatizou que brincar com idéias, cores, formas e conceitos, fazendo os mais variados jogos e improváveis justaposições é muito importante, pois são características essenciais do

pensamento criativo. Construir novas associações, que requerem certas especificações ou certa utilidade também é característica do processo criativo. Assim, Mednick (*apud* Wechsler, 2002) afirma que uma mente criativa está sempre procurando estabelecer semelhanças entre elementos antes nunca percebidos como tal e acrescenta que “criar é fazer conexões”.

Wechsler (2002) utiliza as idéias de um poema de Stephens Spender (1946) para descrever a importância da fé do indivíduo em suas idéias. O poeta nos declara que tem uma fé inquebrantável em si mesmo, como a de um santo. A confiança em si próprio e em sua verdade é uma verdadeira devoção, e a mesma devoção ele dedica à tarefa. Ele acredita que se deve fazer o máximo para a realização da tarefa, sem se importar se o seu trabalho é bom ou ruim, mas sim o quanto de bom ele será para o mundo.

Do que foi exposto, até aqui, podemos concluir que a criatividade é algo de grande relevância para o desenvolvimento pessoal e social. Na próxima seção desse capítulo, trataremos da existência de diferentes estilos de pensar e criar, ressaltando que a diversidade cultural do mundo e suas múltiplas combinações definem a singularidade da personalidade do homem, que é única e incrivelmente rica em suas peculiaridades.

2.1 ESTILOS DE CRIAR E SUAS IMPLICAÇÕES

O termo estilo cognitivo foi usado por Allport, em 1937, ao se referir ao modo típico e habitual por meio do qual as pessoas resolvem problemas, pensam, percebem e se lembram de fatos ou situações. Para Wechsler (2005), os estilos são modos preferenciais de pensar e de se comportar que os indivíduos usam em determinadas situações.

Tem sido muito grande o interesse em se estabelecer um conceito para estilos, porque ele funcionaria como um elo entre o conceito de *temperamento* e o conceito de personalidade (Sternberg & Grigorenko, 1997).

A literatura tem, muitas vezes, confundido os termos temperamento e estilos, empregando-os como sinônimos; entretanto, temperamento tem uma base biológica muito forte e bastante estável enquanto os estilos, apesar de também terem uma base biológica, podem ser mudados pela educação e cultura e pelas influências do ambiente em geral. Assim, a principal característica dos estilos é sua adaptabilidade e sua possibilidade de mudança quando for necessário (Wechsler, 2005).

Os estilos cognitivos e de aprendizagem derivam de diversos referenciais teóricos advindos de diferentes abordagens em Psicologia, tais como a Gestáltica, a Psicanálise, a Cognitiva, a Comportamental, entre outras, o que tem tornado mais difícil a definição e a operacionalização desses conceitos (Messick, 1994).

Messick (1994) enfatiza que as várias concepções de estilos cognitivos evidenciam uma sobreposição de características, porém,

nenhuma delas incorpora todos os fatores identificados e não são mutuamente exclusivas.

Segundo Hayslip (1994), os estilos cognitivos e as capacidades foram erroneamente considerados como conceitos similares, o que gerou confusões. Para o autor, a teoria de estilos cognitivos prende-se ao estudo do comportamento e preferências sem juízo de valor, assim, não se pode afirmar acerca de estilo certo ou estilo errado, pois, quando se emprega o termo estilo, a preocupação prende-se com a maneira preferencial de perceber o conhecimento e, quando se emprega o termo capacidade ou habilidade, a preocupação se prende ao conteúdo dos conhecimentos. Sternberg (1997) afirmou que estilos são um conjunto de preferências e não um conjunto de capacidades. Assim, como já afirmamos anteriormente, o conceito de estilo refere-se ao modo de cognição enquanto o conceito de capacidade refere-se ao nível do conteúdo da cognição.

De acordo com Messick (1994), os estilos se referem ao meio preferido pelo qual um indivíduo processa a informação e se expressam em um campo afetivo e social da pessoa. Descrevem o modo típico de uma pessoa pensar, relembrar ou resolver problemas. Além disso, nos estilos, são consideradas dimensões bipolares que possuem valores diferenciados, ou seja, cada extremo das dimensões de estilos tem diferentes implicações adaptativas. Ao contrário dos estilos, as capacidades são dimensões unipolares que possuem valores direcionados e, por isso, são uniformemente adaptativas. As capacidades estariam relacionadas a domínios particulares de conteúdo, quanto maior a capacidade melhor, como, por exemplo, o domínio da capacidade de memória ou capacidade verbal. Nota-se, ainda, que estilos não estão relacionados com eficiência na realização de uma tarefa, mas com a maior ou menor adequação dos estilos utilizados para a realização de determinada tarefa (Messick, 1984 e 1994;

Tiedemann, 1989). Podemos inferir que problemas idênticos podem ser resolvidos por estilos bem diferentes.

Analisando a afirmação de que não se pode dizer que existe estilo certo ou errado, podemos concluir que as informações sobre os estilos de uma pessoa são mais fáceis e diretamente comunicáveis para pais, professores e estudantes do que as informações que se referem às habilidades ou à inteligência, que envolvem juízos de valor. A informação sobre um estilo é sempre realçada por seu aspecto positivo, independentemente de para qual extremo a pessoa tende, pois não se trata, conforme já mencionamos, de um construto que envolva certo ou errado. A identificação de um estilo pode apenas prever a direção de uma determinada realização, supondo diferenças qualitativas e não quantitativas da forma de aprender. É importante ressaltar esse ponto porque ele vai ao encontro das concepções mais inovadoras da educação, que tendem a reforçar o desenvolvimento de competências que devem ser desenvolvidas na escola para a solução de problemas da vida prática e não a mera transmissão de informações, preconizada pela concepção escolar tradicional (Messick, 1984).

A expressão “estilos cognitivos” tornou-se conhecida pelas investigações feitas por Witkins (*apud* Wechsler, 2005), que ressaltou a forma como a percepção influencia as maneiras de pensar.

Messick (1984) afirmou existirem oito categorias representadas por dezesseis estilos cognitivos: categorização ampla versus estreita; complexidade versus simplicidade; dependência de campo *versus* independência; igualdade *versus* destaque; exploração *versus* foco; convergência *versus* divergência; automatização *versus* reestruturação e reflexividade *versus* impulsividade. É interessante observar que alguns desses estilos (como, por exemplo, convergência versus divergência)

causaram mais impacto na psicologia do que outros, produzindo diferentes níveis de estudo e pesquisas sobre eles. Dentre os estilos citados, destacaremos alguns que têm sido mais mencionados na literatura.

Dependência e Independência de Campo. De acordo com Witkins e Goodenough (1991), esses estilos devem ser compreendidos através de todo o funcionamento perceptivo do indivíduo manifestado numa atitude perceptiva de traço analítico. Crianças com estilo independente seriam mais capazes de fazer uma análise ativa e ter diferentes percepções, enquanto as dependentes prefeririam atividades em que elas poderiam definir as próprias metas. As independentes responderiam melhor a reforços intrínsecos, saberiam organizar sua própria aprendizagem, enquanto as de estilo dependente prefeririam a aprendizagem em grupo, necessitando de reforços externos e direcionamentos.

Reflexividade e Impulsividade. Esses estilos envolvem a velocidade e a exatidão necessárias para que a pessoa use o seu tempo cognitivo individualmente e formule hipóteses alternativas cujas informações serão processadas sobre condições incertas (Messick, 1994). As pessoas reflexivas consideram todas as variáveis antes de tomarem uma decisão, enfim, refletem. As pessoas de estilo impulsivo têm como característica responderem rapidamente a um estímulo, sem maiores considerações ou ponderações, oferecendo soluções rápidas ou ligeiras, sem avaliar as possibilidades envolvidas.

Complexidade e Simplicidade. Esses são estilos que dizem respeito a como uma pessoa constrói o seu mundo individual, principalmente o mundo de seu comportamento social, de uma forma discriminada e ao mesmo tempo multidimensional (Messick, 1994). As pessoas cognitivamente complexas caracterizam-se por serem flexíveis, utilizarem-se de um grande número de dimensões distintas e de serem

capazes de discriminar a intensidade de uma variedade de estímulos (Tiedemann, 1989).

Convergência e Divergência. Esses estilos foram considerados por alguns autores como dimensões do intelecto de grande importância na área da criatividade, sendo propostos como Pensamento Convergente e Pensamento Divergente por Guilford, em 1967. O Pensamento Convergente é um pensamento direcionado para conclusões lógicas e corretas e para resultados mais convencionalmente aceitos. As pessoas com Pensamento Divergente buscam obter soluções variadas e relevantes para a solução de problemas (Tiedemann, 1989; Wechsler, 2002).

Intuitivo e Analítico. Esses são estilos que alguns autores se arriscam a explicar, como Hayes e Allinson (1994), destacando que um indivíduo intuitivo é aquele que apresenta as seguintes características: 1) confia em falta de métodos de exploração; 2) prefere tomar decisões rapidamente; 3) prefere trabalhos que tenham visão holística; 4) não se interessa por detalhes; 5) para solucionar problemas, adota uma visão global que permite alcançá-los do início ao fim; 6) adota um inconformismo relativo. O intuitivo procura fazer síntese integrativa de muitos *inputs* ao mesmo tempo, dando ênfase aos sentimentos. Os analíticos preferem caminhos seqüenciais, prendem-se a detalhes e centram-se em dados difíceis de apreender.

Wechsler (2005) cita Guastello, Shissler, Driscoll & Hyde (1998), que descrevem os estilos cognitivos como sendo uma combinação de habilidades mentais e traços de personalidade. Já Sternberg (*apud*, Wechsler, 2005) afirma que se devem entender os estilos dentro de uma proposta de auto-regulamentação mental. Classifica-os em relação às suas funções, formas e níveis, destacando três tipos principais de estilos: 1) **legislativo:** pessoas que gostam de criar leis; 2) **executivo:** pessoas que

gostam de executar leis; 3) **judicial**: pessoas que avaliam as leis. As formas principais dos estilos a se expressarem são: **monárquica**: pessoas que gostam de trabalhar com uma coisa de cada vez; **hierárquica**: pessoas que trabalham com várias coisas ao mesmo tempo, seguindo uma ordem de prioridade; **oligárquica**: pessoas que trabalham com várias coisas ao mesmo tempo sem nenhuma ordem ou prioridade; **anárquica**: pessoas que gostam de trabalhar sem ordem e sem controle externo. Os níveis podem se apresentar de maneira muito detalhada e concreta até a mais global e abstrata. No processo criativo, os três tipos de estilos podem aparecer; assim, no momento em que a pessoa criativa cria uma nova idéia, o tipo legislativo destaca-se; no momento em que a idéia é avaliada, destaca-se o tipo judicial; e o tipo executivo vai aparecer no momento de executar a idéia escolhida. Pode-se dizer que as formas e os níveis também podem combinar-se com os tipos de estilos no momento da criatividade (Sternberg & Grigorenko *apud* Wechsler, 2005).

As pesquisas de López & Casullo (*apud* Wechsler, 2005) indicaram que em diferentes culturas existem diferenças entre os estilos de personalidade de jovens e adultos assim como foram observadas diferenças entre gêneros. Em seu trabalho, Wechsler (2005) também cita a proposta de Millon (1994) sobre estilos de personalidade em que ele enfatiza a importância da aprendizagem, do contexto familiar e educacional e dos eventos casuais e vitais a que todos nós estamos expostos, elementos esses que não podem ser desconsiderados quando se descrevem os estilos de personalidade; também não podem ser desconsideradas as metas motivacionais e as condutas interpessoais.

Nos estilos cognitivos encontramos também algumas subdivisões como os estilos de ensinar, os estilos de aprendizagem, os estilos de criar e os estilos de pensar.

Entendemos por estilos de criar o modo como os indivíduos expressam seu pensamento e como agem em suas diferentes formas criativas, expressando assim sua criatividade (Wechsler, 1999).

Não podemos nos esquecer de que estilos cognitivos e estilos de criar se originam da Psicologia Cognitiva, entretanto, estilos de criar não deixam de ser estilos cognitivos como também não deixam de lado os fatores emocionais. O que observamos é que existem explicações que classificam os estilos de criar derivados de abordagens relacionadas ao pensamento criativo (Siqueira, 2001).

O autor Kirton (1976) é um dos grandes estudiosos da área que buscou explicar os estilos de pensar e trabalhar das pessoas criativas. Seus estudos levaram-no a concluir que todas as pessoas podem ser categorizadas pela sua eficiência em uma determinada habilidade ou pela forma como expressam sua habilidade. Essa forma de expressão seria seu estilo de criar.

A partir dessa conclusão, o autor acima citado concebeu os estilos de criar como comportamentos criativos que envolvem preferências consistentes. Além disso, esses estilos demonstram estabilidade para se manifestar, em qualquer situação, na solução de problemas e na tomada de decisões. Propôs, então, a Teoria Adaptador – Inovador, criando um instrumento chamado de *Kirton Adaptation-Innovation Inventory (KAI)* para avaliar os estilos de criar. Esse instrumento vem sendo utilizado em empresas dos Estados Unidos, em programas de treinamento para auxiliar os funcionários a reconhecerem a importância dos estilos de criar e as contribuições que os adaptadores e inovadores podem trazer para os seus desempenhos, com soluções criativas e inovadoras para as soluções de problemas nas empresas.

Para Kirton (1976), o indivíduo Adaptador teria as seguintes características: precisão, confiança, eficiência, prudência, disciplina e conformidade. São indivíduos que procuram solucionar problemas por modos já experimentados e compreendidos. Por darem continuidade e estabilidade às tarefas, tendem a reduzir problemas com o aumento da eficiência. São pessoas vistas com estilos sólidos, seguros, confiáveis, porém mais dependentes e vulneráveis à pressão social e autoridade. Preocupam-se com mudanças de regras, tomando muito cuidado e se assegurando de que terão suporte caso elas mudem. São detalhistas, perfeccionistas, e suas respostas criativas estão dentro de convenções e normas grupais. É importante observar, entretanto, que os Adaptadores são importantes a uma instituição, pois são eles que garantem uma certa estabilidade necessária à perpetuação da própria instituição.

Os Inovadores são tidos como indisciplinados, pensadores, abrasivos, criadores, dissonantes, visionários, com idéias diferentes que muitas vezes são difíceis de serem aplicadas. Tendem a ignorar as convenções, são questionadores quando têm que solucionar problemas, pois testam hipóteses diferentes das que são propostas. Seguem rotinas, mas necessitam de rupturas. Mantêm o controle de situações desestruturadas e, se necessário, mudam regras, desconsiderando o passado. São as pessoas ideais para instituições que passam por crises inesperadas e necessitam de soluções inovadoras (Kirton, 1976 e 1994; Gelade, 1995).

Uma pesquisa foi realizada no Brasil por Wechsler (1999) sobre estilos de pensar e criar com o objetivo de descobrir se havia estilos similares entre pessoas criativas. Para tanto, construiu uma escala denominada “Estilos de Pensar e Criar”, composta de 100 itens relacionados a 25 categorias criativas, cognitivas, afetivas e sociais, com base em uma pesquisa feita com 736 indivíduos. Comparou os estilos de

criar decorrentes dessa escala em 120 pessoas com produções reconhecidas e não reconhecidas e verificou que não há relação entre esses fatores e a produção criativa. O resultado da pesquisa levou-a à formulação de sete fatores: Confiança Motivadora, Inconformismo Inovador, Sensibilidade Interna e Externa, Fluência Flexível e Original, Investimento Intuitivo, Síntese Humorística e Ousadia Intuitiva.

Para cada fator, a autora fez uma categorização de características, que descrevemos a seguir: 1) Confiança Motivadora envolve iniciativa, dinamismo, otimismo, liderança, segurança, impulsividade e objetividade; 2) Inconformismo Inovador envolve inconformismo, originalidade, não gostar de seguir regras, preferir trabalhar de forma independente, e não ter medo de se arriscar em situações novas; 3) Sensibilidade Interna e Externa envolve maior sensibilidade emocional, preocupações ambientais e respeito aos direitos humanos; 4) Pensamento divergente envolve a produção criativa que está relacionada às distintas operações cognitivas: flexibilidade, mudanças de tipos de idéia, elaboração, imagens detalhadas e embelezadas, fluência, grande números de idéias e originalidade e idéias incomuns; 5) Investimento Intuitivo envolve fazer uso da fantasia, imaginação, intuição e capacidade de sonhar para vislumbrar maior capacidade de ação; 6) Síntese Humorística envolve capacidade de organizar grupos e alto sentido de humor; 7) Ousadia Inovadora envolve preferência por arriscar-se em novos projetos, produtividade, inconformismo, espontaneidade, facilidade para liderar grupos e expressar opiniões.

Wechsler (1999) exclui, posteriormente, de sua escala de avaliação de Estilos de Pensar e Criar, o fator Tolerância Parcial, que abrange as características de uma pessoa aberta às novas idéias, à baixa resistência a críticas e a frustrações. Destacou que esse fator não demonstrou ter relação com a produção criativa. Acrescentou que é importante a construção de

instrumentos que avaliem estilos criativos na solução de problemas, porque os seus resultados, se bem utilizados, poderiam colaborar com as mais diversas instituições da nossa realidade, desenvolvendo-as e inovando-as.

As pessoas usam vários estilos de modo flexível, adaptando-os às situações que surgem em sua vida. Assim, os estilos não seriam fixos, podendo a pessoa ter um perfil estilístico num estágio da vida e em outro estágio um outro estilo, o mesmo acontecendo com os estilos de criar. Os estilos estão fortemente relacionados a como o indivíduo interage com o meio ambiente, podendo assim desenvolver e socializar estilos. Pessoas criativas podem demonstrar vários tipos de estilos, segundo estes autores (Sternberg & Grigorenko, 1997).

Siqueira (2001) realizou uma pesquisa para analisar a influência das variáveis de sexo e série educacional sobre os estilos de criar e o desempenho escolar. Concluiu que as características femininas como passividade, aceitação, delicadeza e bom comportamento possibilitam uma melhor adaptação às exigências do padrão escolar por serem valorizadas e incentivadas. Sua pesquisa levou-a a conclusão de que o ambiente escolar e as formas de avaliação que são utilizadas para verificar o rendimento dos alunos ignoram completamente as características relacionadas aos comportamentos e atos criativos.

Posteriormente, Mundim e Wechsler (2005) pesquisaram estilos de pensar e criar de indivíduos que exerciam cargo de liderança em diversas empresas brasileiras. Concluíram que o estilo de pensar e criar dos líderes organizacionais era distinto do estilo daqueles que não exerciam postos de liderança. Os líderes, freqüentemente, apresentavam comportamentos e atitudes relacionados aos seguintes estilos: Inconformismo Inovador, Investimento Intuitivo e Ousadia intuitiva. Esses estilos estão comumente relacionados a características atribuídas aos líderes, tais como ser

inconformistas, preferir situações de risco, acreditar em sua intuição e ser ousado. O mesmo foi observado por Siqueira (*apud* Wechsler, 2005), que observou estudantes de escolas públicas e privadas e constatou que a persistência nos estudos tinha relação com todos os estilos de criar.

Podemos levantar algumas questões a respeito de como uma instituição poderia se beneficiar com informações sobre temperamento e criatividade. Por exemplo: Seriam as pessoas introvertidas mais criativas? As pessoas extrovertidas comunicariam com mais facilidade suas criações, dando oportunidade para serem rapidamente colocadas em prática? Pessoas intuitivas teriam um maior grau de criatividade, sendo, portanto, mais inovadoras? As pessoas sensitivas às vezes compreendem mais objetivamente os dados da realidade, sendo assim menos influenciadas pela imaginação? Pessoas reflexivas são realmente isentas de julgamentos pessoais, sendo mais frias, avaliando os prós e os contra de uma situação? As sentimentais são mais receptivas e têm mais facilidade em lidar com pessoas? Pessoas confiantes e otimistas são mais úteis a uma instituição? Uma pessoa ousada poderia colocar uma empresa em risco? Pessoas inconformistas são prejudiciais ao trabalho? Uma instituição que tivesse mais pessoas adaptadoras teria algumas vezes uma maior garantia de sobrevivência? Os inovadores seriam mais úteis à empresa nos momentos de crise ou às vezes os sensitivos, por serem práticos e realistas, teriam maior facilidade para adaptar uma empresa às exigências imediatas de reestruturação do maquinário? Uma pessoa reflexiva teria melhores condições de otimizar os padrões de avaliação de sua empresa? As pessoas extrovertidas e com sentimento conseguiriam criar um ambiente de trabalho mais agradável e com menos conflitos? Os extrovertidos e intuitivos criariam projetos mais ousados para a sua empresa sem criar conflitos interpessoais? Um introvertido intuitivo seria um bom professor, colocaria com facilidade suas idéias? O perfeccionismo dos introvertidos e

sensitivos poderia às vezes facilitar a implementação de ações e normas pormenorizadas em uma instituição? O senso estético dos introvertidos e sensitivos criaria situações especiais para a melhoria de projetos ambientais?

Como podemos observar pelas questões levantadas, os questionamentos que o presente estudo pode fazer são diversos e as reflexões que as possíveis respostas suscitariam poderiam trazer subsídios para o desenvolvimento social e econômico do país.

Existem diferentes tipos de estilos que podem se expressar de diversas maneiras. A grande diversidade de modelos que tentam explicar os estilos de pensar e criar nos dá uma amostra da dimensão e da importância desse tema como uma forma de se entender a pessoa criativa. Para discutí-los, reportarmo-nos ao âmbito das diferenças individuais, tratando de outros tantos temas polêmicos, como personalidade, temperamento e criatividade. Levantamos questionamentos e percebemos que o desafio ao qual nos propomos neste trabalho tornava-se mais e mais interessante, crescendo nossa motivação na busca de respostas que definimos como nosso grande objetivo e que reafirmamos agora: procurar saber, com nossa pesquisa e com os resultados dela advindos, se existem diferentes tipos de temperamento para diferentes estilos de pensar e criar.

OBJETIVOS

GERAL

- Investigar a relação existente entre os tipos de temperamento e os estilos de pensar e criar em estudantes universitários.

ESPECÍFICOS

- Identificar se existe relação entre os tipos de temperamento de estudantes universitários dentro das áreas das ciências Humanas, Exatas e Biológicas;

- Identificar se existem diferenças entre os tipos de temperamento de acordo com o sexo de estudantes universitários;

- Verificar a relação existente entre tipos de temperamento e idade.

- Analisar se há diferenças entre os estilos de pensar e criar de estudantes universitários das áreas de ciências Humanas, Exatas e Biológicas;

- Identificar se há diferenças entre os estilos de pensar e criar de acordo com o sexo de estudantes universitários;

- Verificar a relação existente entre estilos de pensar e criar de acordo com a idade;

- Verificar a relação existente entre os tipos de temperamento e os estilos de pensar e criar.

CAPÍTULO II

1. Método

1.1. Participantes

Foram objeto deste estudo estudantes universitários de duas instituições particulares, em duas cidades próximas, do interior do estado de São Paulo que cursavam do segundo ao quarto ano dos seus cursos específicos. A necessidade de se ter duas instituições foi pelo fato de uma só não possuir todas as áreas pesquisadas

As amostras coletadas para este estudo foram constituídas de: um total de 126 sujeitos, sendo 60 do sexo feminino e 66 do sexo masculino, com idade variando entre 17 e 44 anos, com média de 22,8 anos, não havendo casos inválidos. Tais sujeitos foram classificados de acordo com as áreas de atuação: Biológicas - do curso de Farmácia Bioquímica e Humanas - dos cursos de Administração de Empresas e Comércio Exterior – cuja pesquisa foi realizada em uma universidade. A área Exatas foi realizada nas duas universidades envolvidas na pesquisa, sendo o curso de Matemática em uma e de Ciências da Computação em outra.

A Faixa Etária e o Sexo foram descritos, como se vê nas Tabelas 1 e 2.

Critério de exclusão: garantia total de liberdade por parte dos participantes.

Os participantes da pesquisa tiveram a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

Tabela 1***Descrição da Amostra por Faixa Etária e Sexo***

Faixa Etária	Sexo				Total	
	Feminino	%	Masculino	%	Total por Faixa Etária	%
17 a 20 anos	22	36,7	23	34,8	45	35,7
21 a 25 anos	27	45,0	30	45,4	57	45,2
26 a 30 anos	8	13,3	8	12,1	16	12,7
31 a 35 anos	2	3,3	1	1,6	3	2,4
36 a 40 anos	1	1,7	3	4,5	4	3,2
41 ou mais	0	-	1	1,6	1	0,8
Total	60	47,6	66	52,4	126	100

De acordo com a Tabela 1, foi possível observar que o número de sujeitos do sexo feminino (47,6%) foi um pouco menor do que o número de sujeitos do sexo masculino (52,4%). Com relação às faixas etárias, houve equilíbrio quanto à distribuição da idade dos sujeitos da amostra, sendo que, para ambos os sexos, ocorreu uma concentração na segunda faixa etária (21 a 25 anos). Para o sexo feminino, essa concentração é de 45% e para o masculino é de 45,4%. A Tabela 2, a seguir, descreve a amostra por faixa etária e área.

Tabela 2***Descrição da Amostra por Faixa Etária e Área***

Faixa Etária	Área						Total	
	Biológicas	%	Humanas	%	Exatas	%	Total faixa etária	por %
17 a 20 anos	2	4,6	25	60,9	18	42,8	45	35,7
21 a 25 anos	32	74,5	10	24,4	15	35,7	57	45,2
26 a 30 anos	7	16,3	5	12,2	4	9,5	16	12,7
31 a 35 anos	1	2,3	0	-	2	4,7	3	2,4
36 a 40 anos	1	2,3	1	2,5	2	4,7	4	3,2
41 ou mais	0	-	0	-	1	2,6	1	0,8
Total	43	34,1	41	32,5	42	33,4	126	100

De acordo com a Tabela 2, o número de sujeitos da área Biológicas (34,1%) foi um pouco maior que o número de sujeitos da área Exatas (33,4%), e esta com um número maior que o da área de Humanas (32,5%). Em relação à faixa etária, os sujeitos pertencentes à área de Biológicas concentram-se na segunda faixa etária (21 a 25 anos), somando um total de 74,5%, enquanto os sujeitos pertencentes às áreas de Humanas e Exatas concentram-se na primeira faixa etária (17 a 20 anos), somando um total de 60,9% e 42,8%, respectivamente.

1.2 Instrumentos

Para a coleta de dados foram utilizados três instrumentos psicológicos, como descritos a seguir:

Questionário de Avaliação Tipológica – QUATI (Zacharias, 2003) **(Anexo C)**

Esse Questionário refere-se à Avaliação Tipológica – QUATI Versão II (1999), sendo composto por um manual, um caderno de questões, três crivos de correção (R1= introversão/extroversão; R2= intuição/sensação; R3= pensamento/sentimento) e folhas de respostas.

O Questionário é composto por 93 itens organizados em seis situações, sendo 15 itens para cada uma das cinco situações seguintes: “A Festa”, “O Trabalho”, “A Viagem”, “O Estudo”, “O Lazer”, e 18 itens para a sexta situação, “Vida Pessoal”. O participante é solicitado a assinalar uma das alternativas apresentadas (a) ou (b), indicando o que efetivamente faria e não o que gostaria de fazer em cada situação correspondente.

À dimensão extroversão (a)/introversão (b), têm-se os itens: a) A Festa; b) O Trabalho; c) A Viagem; d) O Lazer; e) O Estudo; f) Pessoal;

À dimensão intuição (a)/sensação (b), têm-se os itens: g) A Festa; h) O Trabalho; i) A Viagem; j) O Lazer; k) O Estudo; l) Pessoal;

À dimensão pensamento (a)/sentimento (b), têm-se os itens: m) A Festa; n) O Trabalho; o) A Viagem; p) O Lazer; q) O Estudo; r) Pessoal.

Zacharias (2003) realizou estudos para avaliar o grau de correspondência entre o QUATI – Questionário de Avaliação Tipológica Versão II e Auto Percepção dos sujeitos quanto às características de sua

personalidade. Para tanto, foram pesquisados 1188 sujeitos, divididos em dois grupos. Desses sujeitos, 877 eram estudantes do terceiro ano do ensino médio de escolas públicas e privadas da Grande São Paulo. Os outros 311 sujeitos eram estudantes universitários dos cursos de Psicologia e Administração de uma universidade privada da Grande São Paulo. Neste estudo, foi solicitada ao sujeito que indicasse, por meio de letras, qual sua avaliação referente aos resultados do QUATI nas seguintes categorias: A - Descreve-me totalmente; B - Descreve-me bem; C - Descreve-me razoavelmente; D - Descreve-me muito pouco; E - Não me descreve. Os resultados obtidos demonstraram alto grau de indicação das letras A e B, significando que o QUATI conseguiu identificar o tipo psicológico dos sujeitos com alto grau de aceitação dos resultados. Os estudos do autor oferecem indicações confiáveis quanto à avaliação dos tipos de personalidade de Carl G. Jung, podendo apresentar resultados que validam sua utilização (Zacharias, 2003).

O autor realizou novos estudos psicométricos para verificar a precisão do QUATI, no ano de 2003, por meio do método teste e reteste, com uma amostra de 52 sujeitos, sendo 34 do sexo feminino (65,4%) e 18 do sexo masculino (34,6%), cujas idades variavam entre 18 e 34 anos e a escolaridade variava entre ensino médio e superior. Os testes aplicados tiveram intervalo de uma semana, seguindo as instruções do manual. Entre o teste e o reteste, os coeficientes de correlação obtidos foram de 0,85 para R1 (introversão, extroversão); de 0,65 para R2 (intuição e sensação) e de 0,83 para R3 (pensamento e sentimento), estatisticamente significantes ao nível de 0,01 (Zacharias, 2003).

Uma pesquisa realizada por Moraes, em 2002, para verificar a precisão teste e reteste do QUATI, aplicando-o em 62 estudantes universitários, num intervalo de aproximadamente três meses, foram obtidos correlações significantes nas dimensões introversão e extroversão ($R=0,76$) e pensamento e sentimento ($R=0,70$). No entanto, a autora não

encontrou correlação significativa em relação à dimensão intuição e sensação ($R=0,03$).

Zacharias (2003), comparando os resultados das duas pesquisas acima citadas, afirma que elas são semelhantes no que se refere às dimensões introversão e extroversão e pensamento e sentimento. Sugeriu a hipótese de que a falta de correlação entre os resultados na dimensão intuição e sensação dever-se-ia “ao fato de que todos os instrumentos foram aplicados no mesmo dia, sendo que, o QUATI foi o último instrumento utilizado e os resultados podem ter sofrido a influência do fator cansaço e desmotivação por parte dos sujeitos. Um outro fator é a homogeneidade do grupo em que foram aplicados os testes o que, segundo Nick e Kellner (1971), pode colaborar para uma diminuição no valor do coeficiente de correlação, uma vez que ele pode ser influenciado pela variabilidade do grupo no qual foi obtido. Pode-se concluir de acordo com a pesquisa atual que os coeficientes de validade obtidos estão dentro da faixa considerada adequada por Guilford (1950)” (p. 74).

Para a validação do QUATI, foi utilizado o teste Myers-Briggs Type Indicator – MBTI. Esse instrumento foi publicado pela primeira vez em 1942 e passou por diversas adaptações. A escolha desse instrumento para a comparação com o QUATI deve-se ao fato de eles apresentarem a mesma base teórica, isto é, os Tipos Psicológicos de Jung, e ambos terem como objetivo a avaliação das mesmas características, seguindo a exigência que se faz de se validar um instrumento com outro que apresente validade simultânea, correlacionando os resultados obtidos a respeito dos mesmos construtos, quais sejam: Extroversão-Introversão; Pensamento-Sentimento; Intuição-Sensação. O construto Percepção-Julgamento do MBTI não foi correlacionado nesse processo de validação com o instrumento QUATI, porque esse instrumento não utiliza este construto (Zacharias, 2003).

O Quati foi aprovado pelo Conselho Federal de Psicologia por ter mostrado uma relação significativa com o outro instrumento que mede temperamento, o já citado MBTI (Myers-Briggs, *Type Indicator*), desenvolvido por Izabel Briggs-Myers em 1940 e padronizado em 1962, cujo objetivo é tornar a teoria tipológica proposta por Jung compreensível à vida diária (*Association for Psychological Type-APT*, 2005).

Estilos de Pensar e Criar – Versão I (Wechsler, 1999, 2005)
(Anexo D)

O Questionário foi composto de 100 itens, dos quais 85 foram considerados válidos para o estudo de estilos e 15 foram mantidos a fim de diminuir a tendência à resposta certa dos sujeitos, que são respondidas numa escala que vai de 01 a 06, tipo Likert de seis pontos, na qual o sujeito assinala uma dentre seis possibilidades de resposta (discordo totalmente – DT, discordo – D, discordo parcialmente – DP, concordo parcialmente – CP, concordo – C e concordo totalmente – CT). Esse instrumento mostrou ter validade para demonstrar a relação entre a produção criativa dos indivíduos e sua vida real. A escala foi elaborada com base na teoria da pessoa criativa (Wechsler, 1998a; 1999; 2000a).

Dois estudos foram relatados por essa autora. O primeiro foi composto por uma amostra de 736 sujeitos (390 do sexo masculino e 346 do sexo feminino) com faixa etária entre 18 e 65 anos. O objetivo foi o de estudar a validade do construto e sua precisão. A segunda amostra teve como objetivo investigar a validade preditiva do instrumento e foi composta por 128 sujeitos, dos quais 59 eram definidos como pessoas criativas e 69 consideradas não criativas. O critério utilizado foi o reconhecimento público por meio de premiações regionais, estaduais ou

nacionais. Na última amostragem foi utilizado o teste T, a fim de efetuar uma análise discriminativa entre os dois grupos com relação à produtividade criativa na vida real. A análise discriminativa, por sua vez, diferenciou significativamente o grupo criativo do não criativo, indicando a validade do instrumento.

Esta primeira versão ficou composta de sete fatores, sendo que o sétimo é considerado de segunda ordem. Esses fatores são distribuídos em:

Fator 1- Confiança motivadora, composto de 37 itens. Ex: Não sou uma pessoa ativa (item negativo);

Fator 2- Inconformismo Inovador, composto de 14 itens. Ex: Gosto de trabalhar seguindo sugestões (item negativo);

Fator 3- Sensibilidade Interna e Externa, composto de 10 itens. Ex: Gosto de textos que utilizem linguagem poética (item positivo);

Fator 4-Pensamento divergente, composto de 13 itens. Ex: Minhas idéias são dirigidas para objetivos a longo prazo (item positivo);

Fator 5- Investimento Intuitivo, composto de 6 itens. Ex: Resolvo meus problemas com a primeira idéia que tenho (item positivo);

Fator 6- Síntese humorística, composto de 5 itens. Ex: Sou uma pessoa com senso de humor (item positivo);

Fator 7- Fator de Segunda Ordem: Ousadia Inovadora. Ex: Gosto de idéias novas (item positivo). Esse fator envolve itens dos seis fatores anteriores num total de 31 itens.

Os sete fatores citados foram comparados na amostra 1 pela Correlação de Pearson com Índices de Produtividade Total da amostra 2. Os índices alcançados demonstram que o Fator 1 e o Fator 6 apresentam uma correlação com a produção criativa de 0,30 com um nível de significância de $p < 0,01$. O Fator 3 e o Fator 5 obtiveram um índice de correlação de 0,25 e 0,24, com $p < 0,001$. O Fator 2 demonstrou um índice de 0,40, o Fator 4 de 0,33 e o Fator 7 de 0,32, todos com nível de significância de $p < 0,001$. Todos os fatores foram considerados indicadores

válidos para a produção criativa na vida real.

A precisão dos fatores foi calculada pelo Coeficiente Alpha, que é apresentado a seguir: o Fator 1 – Confiança Motivadora apresentou índice de precisão de 0,92; o Fator 2 – Inconformismo Inovador apresentou índice de precisão de 0,73; o Fator 3 – Sensibilidade Interna e Externa apresentou índice de precisão de 0,72; o Fator 4 – Fluência Flexível e Original de 0,68; o Fator 5 – Investimento Intuitivo apresentou índice de precisão de 0,54; o Fator 6 – Síntese Humorística apresentou índice de precisão 0,72; e o Fator 7 – Ousadia Inovadora apresentou índice de precisão de 0,91.

Em uma segunda versão, Wechsler (2005, relatório técnico) está propondo a junção dos sete Fatores em três maiores, que são: 1) Estilo de Pensar Conservador; 2) Estilo de Criar Transformador; e 3) Estilo Reflexivo. Um quarto fator não foi possível manter-se por possuir uma baixa precisão ($\text{Alpha}=0,233$). Descreveremos a seguir a análise fatorial dos quatro fatores.

A análise fatorial, a princípio, indicou 4 fatores com *eigenvalue* igual ou superior a 2,0. Foi utilizado o método de Componentes Principais com rotação Oblimin, já que existe correlação entre os fatores. Estes 4 fatores explicam 38,58% da variância total. Para *eigenvalue* igual ou superior a 2,0, o total da variância explicada é de 38,58%.

Tabela 3

Eigenvalues e Variância dos quatro fatores da Escala de Estilos de Pensar e Criar

Fatores	Eigenvalues	% Variância	% Variância Acumulada
1	20.582	24.502	24.502
2	6.932	8.253	32.755
3	2.768	3.295	36.050
4	2.126	2.531	38.580

Esse instrumento é composto de quatro fatores. Tais fatores são distribuídos em:

Fator 1: Estilo de Pensar Conservador, composto de 30 itens.

Ex: Resolvo meus problemas com a primeira idéia que tenho. A precisão dos itens foi calculada pelo Coeficiente Alpha apresentando um resultado de 0,963.

Fator 2: Estilo de Criar Transformador, composto de 30 itens.

Ex: Gosto de idéias novas. A precisão dos itens foi calculada pelo Coeficiente Alpha apresentando um resultado de 0,866.

Fator 3: Estilo Reflexivo, composto de 11 itens. Ex: Gosto de trabalhar seguindo sugestões. A precisão dos itens foi calculada pelo Coeficiente Alpha apresentando um resultado de 0,600.

Fator 4: Composto de cinco itens, sendo que os itens 12, 16, 45 estão presentes no Fator 2. A precisão dos itens foi calculada pelo Coeficiente Alpha apresentando um resultado baixo de 0,233. Não foi possível manter esse último Fator por possuir baixa precisão.

O Instrumento totalizou-se nos três fatores (F1+F2+F3) citados, composto de 71 itens. Total da variância explicada: 36,05%.

1.3 Procedimentos

Após permissão do Comitê de Ética, foram contatadas as direções das instituições envolvidas na pesquisa e os professores dos participantes para a obtenção de permissão para a pesquisa e para a disponibilização de um horário durante as aulas da instituição para a aplicação dos instrumentos. Concedida a permissão, foram contatados os professores para agendamento prévio. A pesquisadora explicou os objetivos da pesquisa em sala de aula e o termo de consentimento livre e esclarecido

(Anexo B). Os participantes também foram informados que deveriam responder questões de dois instrumentos, sendo necessário apenas um encontro com duração aproximada de 60 minutos. Dois tipos de correlações entre os fatores do QUATI com os fatores de Estilos de Pensar e Criar foram utilizados: a versão I de Wechsler (1999) com sete fatores, e a segunda versão de Wechsler (2005, relatório técnico) em três fatores maiores.

As diferenças de sexo e áreas de estudos foram analisadas por meio da análise da Variância Multivariada e Univariada.

Foi realizada uma análise por área, por sexo e por atitudes e funções do QUATI.

CAPÍTULO III

1. Resultados

A Tabela 4 apresenta o valor da média e do desvio-padrão das atitudes e das funções do QUATI por área.

Tabela 4

Média e Desvio-Padrão das atitudes e das funções do QUATI por área

Áreas	Extroversão		Introversão		Intuição		Sensação		Pensamento		Sentimento	
	Media	DP	Media	DP	Media	DP	Media	DP	Media	DP	Media	DP
Biológicas	18,65	4,30	12,40	4,23	14,19	3,30	16,30	3,33	12,91	5,17	17,72	4,90
Humanas	17,68	4,36	12,61	4,64	14,73	3,91	15,71	4,04	13,02	5,24	17,05	5,23
Exatas	17,81	3,97	12,71	4,07	15,38	3,56	15,17	3,51	13,79	3,82	16,69	3,91

Dentre as atitudes e as funções do questionário (QUATI), (tabela 4) o que apresentou maior valor médio foi a atitude Extroversão, com média de 18,65 na área Biológicas, 17,68 na área Humanas e 17,81 na área Exatas. Observou-se também que o menor valor médio nas três áreas foi o de Introversão, com valores médios de 12,40 na área Biológicas, 12,61 na área Humanas e 12,71 na área Exatas.

Tabela 5***Média e Desvio-Padrão das atitudes e das funções do QUATI por sexo***

Áreas	Extroversão		Introversão		Intuição		Sensação		Pensamento		Sentimento	
	Media	DP	Media	DP	Media	DP	Media	DP	Media	DP	Media	DP
Feminino	17,98	4,36	12,35	4,28	14,32	3,74	16,17	3,72	12,23	4,01	18,13	4,11
Masculino	18,12	4,09	12,45	4,21	15,17	3,54	15,33	3,54	14,15	5,23	16,27	5,04

De acordo com Tabela 5, para o sexo feminino a atitude que apresentou maior média foi a Extroversão e a função que apresentou maior média foi o Sentimento. Já para o sexo masculino a atitude que apresenta maior média foi a Extroversão e a função com maior média foi o Sentimento. Fazendo uma comparação entre os sexos, a atitude Extroversão tem média maior para sexo masculino (18,12) e a função Sentimento tem maior média para o sexo feminino (18,13).

A Tabela 6 apresenta uma comparação feita entre as atitudes e as funções do QUATI.

Tabela 6***Correlação de Pearson entre as atitudes e as funções do QUATI***

Fatores	Extroversão	Introversão	Intuição	Sensação	Pensamento	Sentimento
Extroversão	-	-0,945**	0,304**	-0,310**	-0,261**	0,251**
Introversão		-	0,233**	0,325**	0,325**	-0,244**
Intuição			-	-0,924**	0,148	-0,109
Sensação				-	-0,035	0,079
Pensamento					-	-0,947**
Sentimento						-

** $p \leq 0.01$

Observa-se na Tabela 6 a existência de correlações significativas e negativas, no nível de significância de 0,01 entre as atitudes Extroversão e Introversão (-0,945), entre as funções Sensação e Intuição (-0,924) e entre as funções Sentimento e Pensamento (-0,947) conforme o esperado. As correlações foram não significantes entre Pensamento e Intuição, Pensamento e Sensação, Sentimento e Intuição e Sensação e Sentimento. Esses dados confirmam a teoria Tipológica descrita no QUATI sobre atitudes e funções opostas.

Análise Multivariada de Variância – QUATI

A Tabela 7 apresenta a Análise Multivariada de Variância para as atitudes e as funções do QUATI, e cada uma das variáveis.

Tabela 7

Análise Multivariada de Variância para as atitudes e as funções do QUATI. (Extroversão, Introversão, Sentimento, Pensamento, Sensação e Intuição)

Variável	Valor	F
Sexo	0,947	0,665
	0.268	0,936
Idade	0.923	0,485
Área	0.680	0,685
Sexo x Idade	0.863	0,905
Sexo x Área	0,423	0,860
Idade x Área	0,709	1,073
Sexo x Idade x Área		

Pelos dados da Tabela 7, quando consideradas as atitudes e as funções do QUATI em conjunto, não existiu influência das variáveis sobre eles. No entanto, quando consideradas separadamente, notou-se a influência das variáveis em duas das funções: Pensamento e Sentimento, como pode ser visto nas Tabelas 8 e 9.

Análise Univariada de Variância – QUATI**Tabela 8*****Análise Univariada de Variância para a função Pensamento.***

Variável	SQ	GL	MQ	F
Sexo	60,302	1	60,302	3,144
Idade	388,000	19	20,421	1,065
Área	18,075	2	9,038	0,471
Sexo x Idade	135,852	7	19,407	1,012
Sexo x Área	30,549	2	15,274	0,796
Idade x Área	590,574	13	45,429	2,368**
Sexo x Idade x Área	97,289	4	24,322	1,268

** $p \leq 0.01$

A função Pensamento sofreu influência da interação idade x área (nível de significância de 0,01).

Tabela 9***Análise Univariada de Variância para a função Sentimento***

Variável	SQ	GL	MQ	F
Sexo	59,929	1	59,929	3,135
Idade	324,720	19	17,091	0,894
Área	22,526	2	11,263	0,589
Sexo x Idade	117,357	7	16,765	0,877
Sexo x Área	5,221	2	2,611	0,137
Idade x Área	570,249	13	43,865	2,295*
Sexo x Idade x Área	99,071	4	24,768	1,268

* $p \leq 0.05$

A função Sentimento sofreu influência da interação idade x área (nível de significância de 0,05).

As atitudes e as outras funções do QUATI, após Análise de Variância Univariada, não apresentaram influência significativa de nenhuma variável.

Estilos de Pensar e Criar – Versão I

A Tabela 10 apresenta o valor da média e do desvio-padrão dos fatores de Estilos de Pensar e Criar por área.

Tabela 10

Média e Desvio-Padrão dos fatores de Estilos de Pensar e Criar por área

Áreas	Fator 1		Fator 2		Fator 3		Fator 4		Fator 5		Fator 6		Fator 7	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Biológicas	164,85	16,83	45,51	7,32	40,74	8,40	60,26	6,51	22,47	4,00	22,26	4,38	136,21	14,29
Humanas	155,27	16,24	45,24	6,66	37,98	8,88	55,63	8,73	22,73	3,78	20,49	5,52	127,49	13,88
Exatas	157,81	9,67	47,98	8,02	41,12	8,33	55,45	8,30	23,43	4,19	21,69	3,84	130,64	16,24

Legenda:

Fator 1: Confiança Motivadora;
 Fator 2: Inconformismo Inovador;
 Fator 3: Sensibilidade Interna e Externa;
 Fator 4: Pensamento Divergente;
 Fator 5: Investimento Intuitivo;
 Fator 6: Síntese Humorística;
 Fator 7: Ousadia Inovadora

Pela Tabela 10, o Fator 1 (Confiança Motivadora) apresentou maior média na área Biológicas (164,85), quando comparado ao das áreas Exatas (157,81) e Humanas (155,27). O Fator 2 (Inconformismo Inovador) apresentou maior média na área de Exatas (47,98), em relação às áreas Biológicas (45,51) e Humanas (45,24). O Fator 3 (Sensibilidade Interna e Externa) apresentou maior valor médio na área Exatas (41,12), quando comparado ao das áreas Biológicas (40,74) e Humanas (37,98). O Fator 4 (Pensamento Divergente) apresentou maior média na área Biológicas (60,26), em relação às áreas Exatas (55,45) e Humanas (55,63). O Fator 5 (Investimento Intuitivo) apresentou maior média na área Exatas (23,43), quando comparado ao das áreas Biológicas (22,47) e Humanas (22,73). O Fator 6 (Síntese Humorística) apresentou maior média na área Biológicas (22,26), em relação às áreas Humanas (20,49) e Exatas (21,69). O Fator 7 (Ousadia Inovadora) apresentou maior média na área Biológicas (136,21), em comparação às áreas Exatas (130,64) e Humanas (127,49).

Tabela 11

Média e Desvio-Padrão dos fatores de Estilos de Pensar e Criar por sexo

Áreas	Fator 1		Fator 2		Fator 3		Fator 4		Fator 5		Fator 6		Fator 7	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Feminino	159,22	17,81	45,53	7,56	40,78	8,93	58,12	7,34	23,30	4,20	21,28	4,86	131,43	15,02
Masculino	159,53	18,27	46,89	7,26	39,23	8,27	56,27	8,78	22,48	3,78	21,68	4,48	131,59	15,43

Legenda:

Fator 1: Confiança Motivadora;
 Fator 2: Inconformismo Inovador;
 Fator 3: Sensibilidade Interna e Externa;
 Fator 4: Pensamento Divergente;
 Fator 5: Investimento Intuitivo;
 Fator 6: Síntese Humorística;
 Fator 7: Ousadia Inovadora

Pela Tabela 11, para o sexo feminino, o fator que apresentou maior média foi o Fator 1 (Confiança Motivadora) e o fator que apresentou menor média foi o Fator 6 (Síntese Humorística). Já para o sexo masculino, o fator que apresentou maior média foi o Fator 1 (Confiança Motivadora) e o que apresentou menor média foi o Fator 6 (Síntese Humorística). Comparando-se os dois sexos, o Fator 1 apresentou média maior para o sexo masculino (159,53) e o Fator 6 apresentou média maior também para o sexo masculino (21,68).

A Tabela 12 apresenta a matriz de correlação entre os fatores da Escala de Estilos de Pensar e Criar.

Tabela 12

Correlação de Pearson entre os fatores de Estilos de Pensar e Criar

Fatores	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6	Fator 7
Fator 1	-	0,312**	0,466**	0,513**	-0,142	0,546**	0,919**
Fator 2		-	0,166	-0,073	-0,213*	0,183*	0,309**
Fator 3			-	0,494**	-0,053	0,493**	0,493**
Fator 4				-	0,156	0,382**	0,627**
Fator 5					-	-0,060	-0,070
Fator 6						-	0,576**
Fator 7							-

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$

Legenda: Fator 1: Confiança Motivadora;
 Fator 2: Inconformismo Inovador;
 Fator 3: Sensibilidade Interna e Externa;
 Fator 4: Pensamento Divergente;
 Fator 5: Investimento Intuitivo;
 Fator 6: Síntese Humorística;
 Fator 7: Ousadia Inovadora.

Na Tabela 12, o Fator 1 (Confiança Motivadora) correlacionou-se com todos os outros Fatores da Escala de Estilos no nível de significância

de 0,01, com exceção do Fator 5 (Investimento Intuitivo), com o qual não apresentou correlação significativa. O Fator 2 (Inconformismo Inovador) correlacionou-se com os Fatores 5 e 6 (Síntese Humorística) no nível de significância de 0,05, e com o Fator 7 (Ousadia Inovadora) no nível de significância de 0,01. O Fator 3 (Sensibilidade Interna e Externa) correlacionou-se com os Fatores 4, 6 e 8 no nível de significância de 0,01. O Fator 4 (Pensamento Divergente) correlacionou-se com os Fatores 6 e 7 no nível de significância de 0,01. O Fator 5 correlacionou-se somente com o Fator 2 no nível de significância de 0,05. O Fator 6 correlacionou-se com todos os outros fatores, com exceção do Fator 5, no nível de significância de 0,05 com o Fator 2 e no nível de significância 0,01 com os demais fatores.

A Tabela 13 apresenta a Análise Multivariada de Variância para os fatores de Estilos de Pensar e Criar.

Tabela 13

Análise Multivariada de Variância para os fatores de Estilos de Pensar e Criar

Variável	Valor	F
Sexo	0,922	0,845
Idade	0,241	0,854
Área	0,725	1,742
Sexo x Idade	0,478	1,150
Sexo x Área	0,732	1,691
Idade x Área	0,295	1,056
Sexo x Idade x Área	0,687	0,994

Pelos dados da Tabela 13, quando os fatores foram considerados em conjunto, não existiu influência das variáveis nos fatores de Estilos de Pensar e Criar. No entanto, quando os fatores foram considerados separadamente, foi possível observar influência significativa das variáveis em alguns dos fatores.

Tabela 14

Análise Univariada de Variância para o Fator 1 (Confiança Motivadora) de Estilos de Pensar e Criar

Variável	SQ	GL	MQ	F
Sexo	363,868	1	363,868	1,235
Idade	6014,471	19	316,551	1,074
Área	916,721	2	458,360	1,556
Sexo x Idade	2162,358	7	409,100	1,049
Sexo x Área	818,200	2	485,617	1,389
Idade x Área	6313,022	13	458,617	1,648
Sexo x Idade x Área	780,396	4	195,099	0,662

O Fator 1 (Confiança Motivadora) não sofreu influência significativa de nenhuma das variáveis.

Tabela 15

Análise Univariada de Variância para o Fator 2 (Inconformismo Inovador) de Estilos de Pensar e Criar

Variável	SQ	GL	MQ	F
Sexo	30,638	1	30,638	0,537
Idade	1080,115	19	56,848	0,997
Área	208,778	2	104,389	1,830
Sexo x Idade	421,224	7	60,175	1,055
Sexo x Área	227,555	2	113,777	1,995
Idade x Área	356,153	13	27,396	0,480
Sexo x Idade x Área	60,889	4	15,222	0,267

O Fator 2 (Inconformismo Inovador) não sofreu influência significativa de nenhuma das variáveis.

Tabela 16

Análise Univariada de Variância para o Fator 3 (Sensibilidade Interna e Externa) de Estilos de Pensar e Criar

Variável	SQ	GL	MQ	F
Sexo	53,218	1	53,218	0,659
Idade	1204,330	19	63,386	0,785
Área	314,232	2	157,116	1,946
Sexo x Idade	432,583	7	61,798	0,765
Sexo x Área	148,835	2	74,417	0,922
Idade x Área	1010,032	13	77,695	0,962
Sexo x Idade x Área	288,558	4	72,140	0,894

O Fator 3 (Sensibilidade Interna e Externa) não sofreu influência significativa de nenhuma das variáveis.

Tabela 17

Análise Univariada de Variância para o Fator 4 (Pensamento Divergente) de Estilos de Pensar e Criar

Variável	SQ	GL	MQ	F
Sexo	4,046	1	4,046	0,062
Idade	788,613	19	41,506	0,638
Área	659,442	2	329,721	5,068**
Sexo x Idade	508,273	7	72,610	1,116
Sexo x Área	104,753	2	52,376	0,805
Idade x Área	829,520	13	63,809	0,981
Sexo x Idade x Área	260,303	4	65,076	1,000

** $p \leq 0.01$

O Fator 4 (Pensamento Divergente) sofreu influência da área no nível de significância de 0,01.

Tabela 18

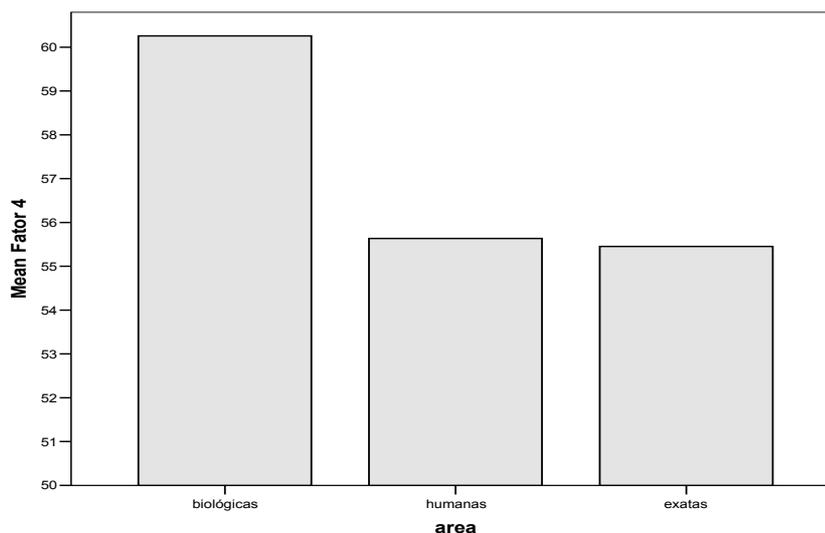
Médias ajustadas por área no Fator 4¹ - Pensamento Divergente

Biológicas		Humanas		Exatas	
Média	EP	Média	EP	Média	EP
60.31 ^a	1.20	55.62 ^{bc}	1.23	55.45 ^c	1.21

1 – Médias com letras diferentes são significativas ($p \leq 0.05$), utilizando Bonferroni

Figura 1

Média do Fator 4 (Pensamento Divergente) de Estilos de Pensar e Criar por área



Pela Tabela 18 e Figura 1, entre as médias ajustadas por área para o Fator 4, a área Biológicas diferencia-se das outras duas áreas por

apresentar média ajustada maior. As áreas Humanas e Exatas, por sua vez, possuem médias próximas.

Tabela 19

Análise Univariada de Variância para o Fator 5 (Investimento Intuitivo) de Estilos de Pensar e Criar.

Variável	SQ	GL	MQ	F
Sexo	1,379	1	1,379	0,089
Idade	257,738	19	13,565	0,872
Área	25,859	2	12,929	0,831
Sexo x Idade	242,238	7	34,605	2,224*
Sexo x Área	183,517	2	91,758	5,898**
Idade x Área	145,649	13	11,204	0,720
Sexo x Idade x Área	173,063	4	43,266	2,781*

** $p \leq 0.01$ * $p \leq 0.05$

O Fator 5 (Investimento Intuitivo) sofreu influência da interação sexo x idade (nível de significância de 0,05), da interação sexo x área (nível de significância de 0,01) e da interação sexo x idade x área (nível de significância de 0,05).

Figura 2

Média do Fator 5 (Investimento Intuitivo) de Estilos de Pensar e Criar por sexo

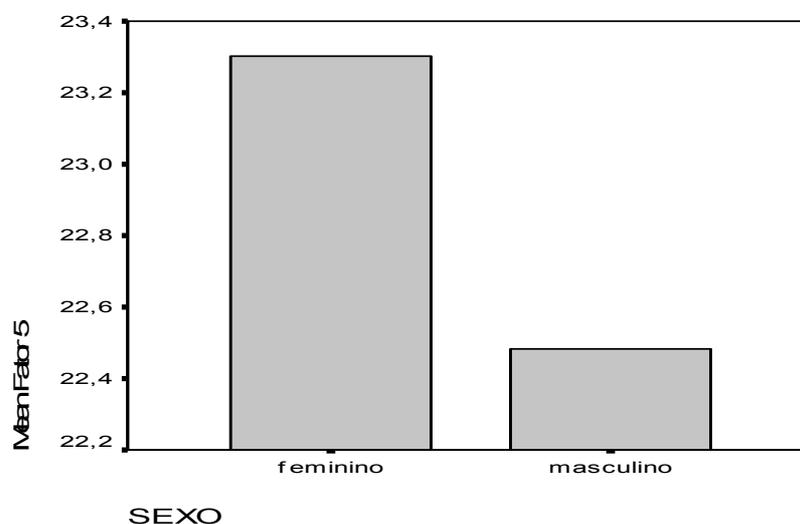
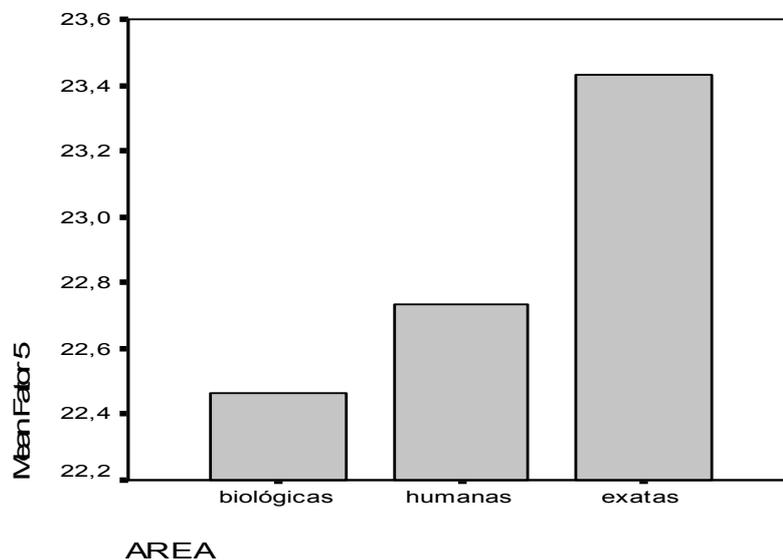


Figura 3

Média do Fator 5 (Investimento Intuitivo) de Estilos de Pensar e Criar por área

**Tabela 20**

Análise Univariada de Variância para o Fator 6 (Síntese Humorística) de Estilos de Pensar e Criar

Variável	SQ	GL	MQ	F
Sexo	84,994	1	84,994	4,287*
Idade	312,445	19	16,444	0,830
Área	72,281	2	36,140	1,823
Sexo x Idade	332,462	7	47,495	2,396**
Sexo x Área	91,774	2	45,887	2,315
Idade x Área	501,670	13	38,590	1,947**
Sexo x Idade x Área	123,131	4	30,783	1,553

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$

O Fator 6 (Síntese Humorística) sofreu influência do sexo (nível de significância de 0,05), da interação sexo x idade (nível de significância de 0,01) e da interação idade x área (nível de significância de 0,01).

Figura 4

Média do Fator 6 (Síntese Humorística) de Estilos de Pensar e Criar por sexo

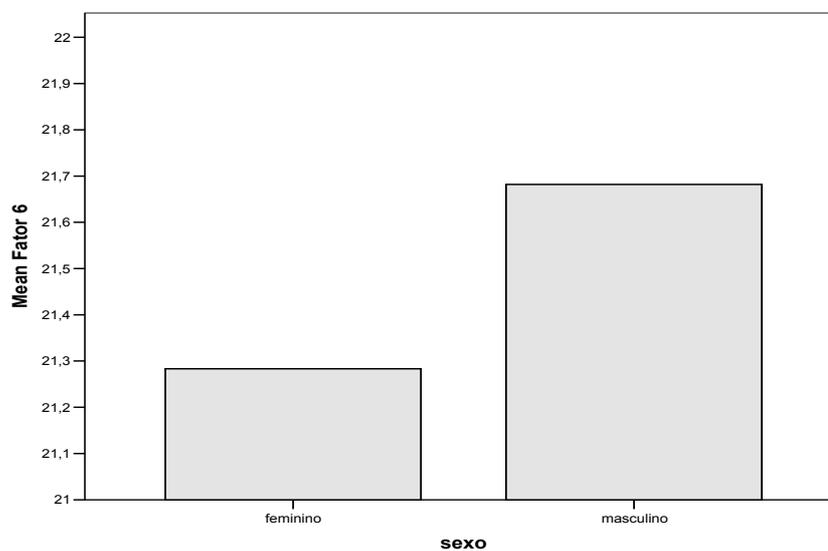


Tabela 21

Análise Univariada de Variância para o Fator 7 (Ousadia Inovadora) de Estilos de Pensar e Criar

Variável	SQ	GL	MQ	F
Sexo	329,752	1	329,752	1,464
Idade	2753,229	19	144,907	0,643
Área	1432,068	2	716,034	3,179*
Sexo x Idade	2279,470	7	325,639	1,446
Sexo x Área	318,555	2	159,277	0,707
Idade x Área	3753,160	13	288,705	1,282
Sexo x Idade x Área	693,115	4	173,279	0,769

* $p \leq 0.05$

O Fator 7 (Ousadia Inovadora) sofreu influência da área (nível de significância de 0,05).

Tabela 22

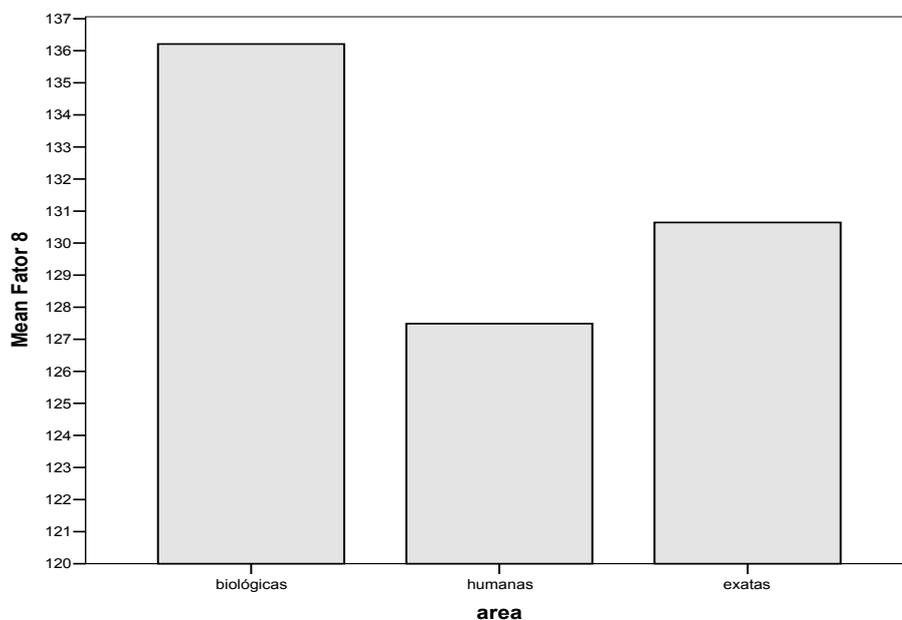
Médias ajustadas por área no Fator 7¹ - Ousadia Inovadora

Biológicas		Humanas		Exatas	
Média	EP	Média	EP	Média	EP
136.05 ^a	2.25	127.33 ^{bc}	2.30	130.64 ^c	2.27

1 – Médias com letras diferentes são significativas ($p \leq 0.05$)

Figura 5

Média do Fator 7 (Ousadia Inovadora) de Estilos de Pensar e Criar por área



Pela Tabela 22 e Figura 5, entre as médias ajustadas por área para o Fator 7, a área Biológicas diferencia-se das outras duas áreas por apresentar média ajustada maior. As áreas Humanas e Exatas, por sua vez, apresentam médias próximas.

Escala Estilos de Pensar e Criar - Versão II

A Tabela 23 apresenta o valor da média e do desvio-padrão de acordo com a segunda versão analisada por Wechsler (2005).

Tabela 23

Média e Desvio-Padrão dos Fatores de Estilos de Pensar e Criar por área.

Áreas	Fator 1		Fator 2		Fator 3	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Biológicas	80,09	20,70	143,33	13,40	42,49	5,82
Humanas	86,32	18,00	133,17	15,51	42,54	4,62
Exatas	80,14	18,20	135,10	19,24	40,86	6,93

Legenda:

Fator 1: Estilos de Pensar Conservador;
Fator 2: Estilos de Criar Transformador;
Fator 3: Estilo Reflexivo.

Pela Tabela 23 dos três fatores, o que apresentou maiores médias nas três áreas foi o Fator 2 (Estilos de Criar Transformador), sendo seu valor médio na área Biológicas (143,33) maior que a média nas áreas Exatas (135,10) e Humanas (133,17). Observou-se que o Fator 1 (Estilos

de Pensar Conservador) apresentou maior média na área Humanas (86,32), quando comparado ao das áreas Exatas (80,14) e Biológicas (80,09). O Fator 2 (Estilos de Criar Transformador) apresentou maior média na área Biológicas (143,33), em relação às áreas Exatas (135,10) e Humanas (133,17). O Fator 3 (Estilo Reflexivo) apresentou maior valor médio na área Humanas (42,54), quando comparado ao das áreas Biológicas (42,49) e Exatas (40,86).

Tabela 24

Média e Desvio-Padrão dos fatores de Estilos de Pensar e Criar por sexo

Áreas	Fator 1		Fator 2		Fator 3	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Feminino	82,58	19,86	137,72	14,99	42,90	6,11
Masculino	81,73	18,52	136,88	18,20	41,11	5,58

Legenda:

Fator 1: Estilos de Pensar Conservador;
Fator 2: Estilos de Criar Transformador;
Fator 3: Estilo Reflexivo.

Pela Tabela 24, para o sexo feminino, o Fator que apresenta maior média é o Fator 2 (Estilos de Criar Transformador) e o que apresenta menor média é o Fator 3 (Estilo Reflexivo). Comparando-se os sexos, os dois fatores citados, 2 e 3, apresentam médias maiores para o sexo feminino.

A Tabela 25 apresenta uma comparação feita entre os estilos da Escala de Estilos de Pensar e Criar.

Tabela 25***Correlação de Pearson entre os fatores de Estilos de Pensar e Criar***

Fatores	Fator 1	Fator 2	Fator 3
Fator 1	-	-0,531(**)	0,305(**)
Fator 2		-	0,360
Fator 3			-

** $p \leq 0.01$ **Legenda:**

Fator 1: Estilos de Pensar Conservador;
 Fator 2: Estilos de Criar Transformador;
 Fator 3: Estilo Reflexivo.

Como pôde ser observado na Tabela 25, o Fator 1 (Estilos de Pensar Conservador) correlacionou-se, conforme o esperado, com o Fator 2 (Estilos de Criar Transformador) de forma negativa (-0,531), no nível de significância de 0,01, e correlacionou-se com o Fator 3 (Estilo Reflexivo), também no nível de significância de 0,01, de forma positiva (0,305). Entre o Fator 2 e o Fator 3 não houve correlação significativa.

A Tabela 26 apresenta a Análise Multivariada de Variância para os Fatores de Estilos de Pensar e Criar.

Tabela 26***Análise Multivariada de Variância para os fatores de Estilos de Pensar e Criar.***

Variável	Valor	F
Sexo	0,964	0,930
Idade	0,541	0,890
Área	0,861	1,921
Sexo x Idade	0,736	1,143
Sexo x Área	0,905	1,265
Idade x Área	0,608	1,033
Sexo x Idade x Área	0,917	0,544

Quando os fatores foram considerados em conjunto (tabela 26), não foram observadas influências das variáveis sobre os fatores de Estilos de Pensar e Criar. No entanto, quando os fatores foram considerados separadamente, foi possível observar influência significativa das variáveis em alguns dos fatores.

Tabela 27

Análise Univariada de Variância para o Fator 1 (Estilos de Pensar Conservador) de Estilos de Pensar e Criar

Variável	SQ	GL	MQ	F
Sexo	908,537	1	908,573	2,819
Idade	8280,975	19	435,841	1,352
Área	590,022	2	295,011	0,915
Sexo x Idade	4355,910	7	622,273	1,931
Sexo x Área	2142,271	2	1071,135	3,324*
Idade x Área	9756,736	13	750,518	2,329*
Sexo x Idade x Área	1122,826	4	280,707	0,871

- $p \leq 0.05$

O Fator 1 (Estilos de Pensar Conservador) sofreu influência da interação Sexo x Área e da interação Idade x Área, ambas no nível de significância de 0,05.

Figura 6

Média do Fator 1 (Estilos de Pensar Conservador) de Estilos de Pensar e Criar por sexo

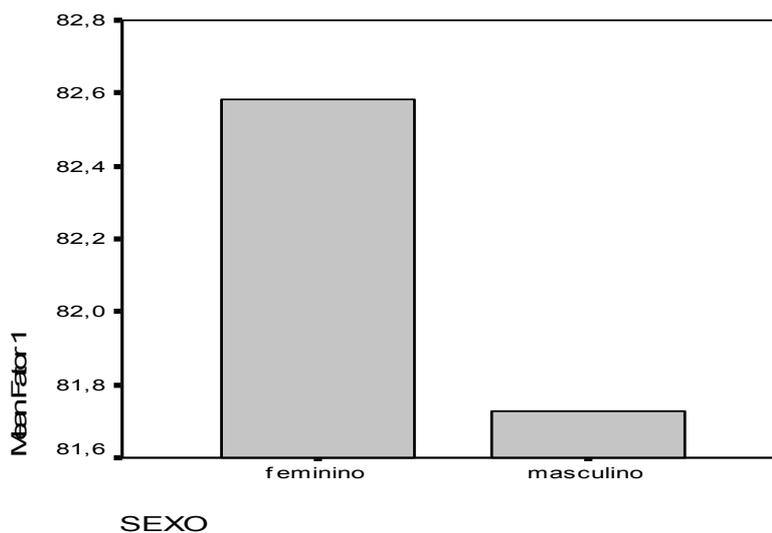


Figura 7

Média do Fator 1 (Estilos de Pensar Conservador) de Estilos de Pensar e Criar por área

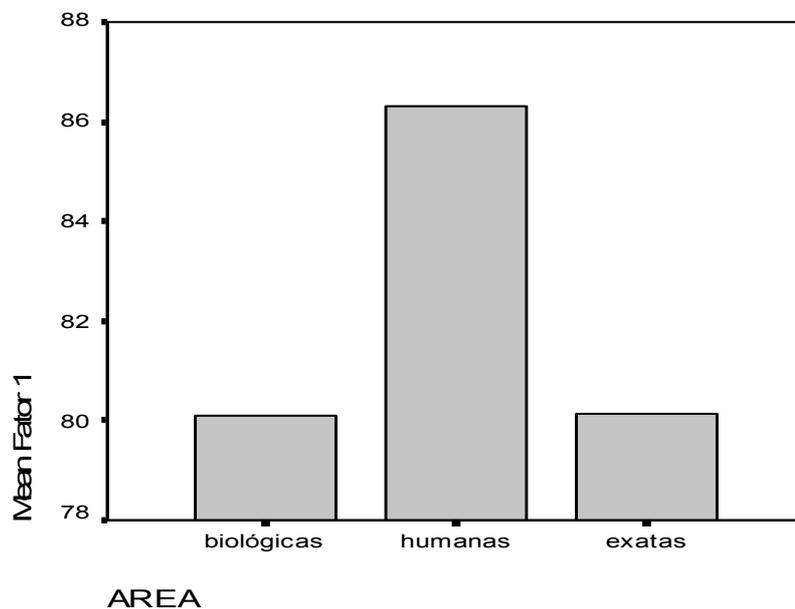


Tabela 28

Análise Univariada de Variância para o Fator 2 (Estilos de Criar Transformador) de Estilos de Pensar e Criar

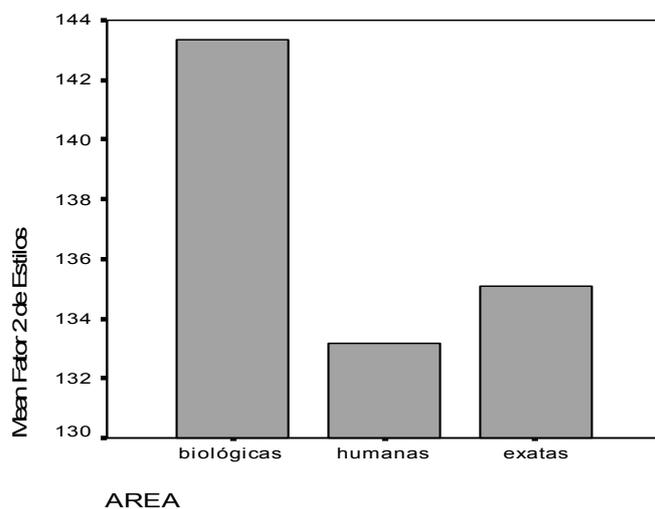
Variável	SQ	GL	MQ	F
Sexo	266,876	1	266,876	0,917
Idade	2957,315	19	155,648	0,535
Área	2069,471	2	1034,735	3,556*
Sexo x Idade	2420,509	7	345,787	1,188
Sexo x Área	194,259	2	97,129	0,334
Idade x Área	3105,505	13	238,885	0,821
Sexo x Idade x Área	416,056	4	104,014	0,357

* $p \leq 0.05$

O Fator 2 (Estilos de Criar Transformador) sofreu influência da área (nível de significância de 0,05).

Figura 8

Gráfico das médias nas três áreas para o Fator 2



Pela Figura 8 foi possível verificar o resultado exposto na Tabela 27 sobre a Análise de Variância Univariada do Fator 2 (Estilos de Criar Transformador). Esse fator sofreu influência significativa da área, cuja média é maior na área Biológicas.

Tabela 29

Médias ajustadas por área no Fator 2¹ - Estilos de Pensar Criar Transformador

Biológicas		Humanas		Exatas	
Média	EP	Média	EP	Média	EP
142,86 ^a	3,26	130,17 ^b	3,56	133,22 ^{ab}	3,47

1 – Médias com letras diferentes são significativas ($p \leq 0.05$)

A Tabela 29 apresentou as médias ajustadas por área no Fator 2. Foi possível observar que existe diferença entre as médias da área Biológicas e da área Humanas, embora não exista diferença entre as médias das áreas Humanas e Exatas e entre as médias das áreas Exatas e Biológicas.

Tabela 30

Análise Univariada de Variância para o Fator 3 (Estilo Reflexivo) de Estilos de Pensar e Criar

Variável	SQ	GL	MQ	F
Sexo	13,185	1	13,185	0,356
Idade	605,110	19	31,848	0,860
Área	101,160	2	50,580	1,366
Sexo x Idade	196,581	7	28,083	0,758
Sexo x Área	96,052	2	48,026	1,297
Idade x Área	302,058	13	23,235	0,627
Sexo x Idade x Área	41,347	4	10,337	0,279

* $p \leq 0.05$

O Fator 3 (Estilo Reflexivo) não sofreu influência significativa de nenhuma das variáveis.

QUATI e Estilos de Pensar e Criar – Versão I

As atitudes e as funções do QUATI foram comparadas aos fatores da Escala de Estilos de Pensar e Criar. A Tabela 31 apresenta os resultados dessa correlação.

Tabela 31***Correlação de Pearson entre as atitudes e as funções do QUATI e os fatores de Estilos de Pensar e Criar - Versão I***

Fatores	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6	Fator 8
Extroversão	0,060	0,159	0,001	-0,050	-0,165	0,125	0,061
Introversão	-0,030	-0,170	-0,021	0,064	0,118	-0,140	-0,035
Intuição	0,037	0,218*	-0,005	0,059	-0,096	-0,024	0,113
Sensação	-0,011	-0,243**	-0,019	-0,059	0,078	-0,002	-0,087
Pensamento	0,165	0,076	-0,125	0,033	-0,017	-0,209*	0,155
Sentimento	-0,112	-0,048	0,136	0,013	0,007	0,258**	-0,091

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$

Legenda: Fator 1: Confiança Motivadora;
 Fator 2: Inconformismo Inovador;
 Fator 3: Sensibilidade Interna e Externa;
 Fator 4: Pensamento Divergente;
 Fator 5: Investimento Intuitivo;
 Fator 6: Síntese Humorística;
 Fator 8: Ousadia Inovadora.

Na Tabela 31 observa-se a existência de correlação significativa entre o Fator 2 de Estilos (Inconformismo Inovador) e as funções Intuição (nível de significância de 0,05) e Sensação (nível de significância de 0,01). Notou-se também a existência de correlação significativa entre o Fator 6 de Estilos (Síntese Humorística) e as funções Pensamento (nível de significância de 0,05) e Sentimento (nível de significância de 0,01). Entre o restante dos fatores não houve correlação significativa.

QUATI e Estilos de Pensar e Criar – Versão II

Tabela 32

Correlação de Pearson entre as atitudes e funções do QUATI e os fatores de Estilos de Pensar e Criar - Versão II

Fatores	Extroversão	Introversão	Intuição	Sensação	Pensamento	Sentimento
Fator 1	0,013	0,013	-0,029	0,057	-0,060	0,033
Fator 2	0,088	-0,026	0,044	-0,012	-0,083	-0,009
Fator 3	-0,108	0,131	-0,169	0,165	-0,155	0,155

Legenda: Fator 1: Estilos de Pensar Conservador;
Fator 2: Estilos de Criar Transformador;
Fator 3: Estilo Reflexivo.

Não foram observadas correlações significativas entre as atitudes e funções do QUATI e os fatores de Estilos de Pensar e Criar – Versão II .

Tipos Psicológicos

A Tabela 33 apresenta a distribuição dos Tipos Psicológicos do QUATI por área.

Tabela 33

Distribuição dos Tipos Psicológicos por área.

Tipos Psicológicos	Biológicas		Humanas		Exatas		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1	8	34,8	8	34,8	7	30,4	23	100
2	5	45,5	3	27,3	3	27,3	11	100
3	1	12,5	4	50,0	3	37,5	8	100
4	1	10,0	3	30,0	6	60,0	10	100
5	15	48,4	8	25,8	8	25,8	31	100
6	2	25,0	4	50,0	2	25,0	8	100
7	3	37,5	2	25,0	3	37,5	8	100
8	1	33,3	1	33,3	1	33,3	3	100
9	2	66,7	1	33,3	-	-	3	100
10	-	-	-	-	-	-	-	-
11	-	-	1	33,3	2	66,7	3	100
12	1	25,0	1	25,0	2	50,0	4	100
13	-	-	1	33,3	2	66,7	3	100
14	1	16,7	2	33,3	3	50,0	6	100
15	2	60,7	1	33,3	-	-	3	100
16	1	50,0	1	50,0	-	-	2	100

Legenda:

- 1 – Extroversão Sentimento Intuição
- 2 – Extroversão Intuição Sentimento
- 3 – Extroversão Pensamento Intuição
- 4 – Extroversão Intuição Pensamento
- 5 – Extroversão Sentimento Sensação
- 6 – Extroversão Sensação Sentimento
- 7 – Extroversão Pensamento Sensação
- 8 – Extroversão Sensação Pensamento
- 9 – Introversão Sentimento Intuição
- 10 – Introversão Intuição Sentimento
- 11 – Introversão Pensamento Intuição
- 12 – Introversão Intuição Pensamento
- 13 – Introversão Sentimento Sensação
- 14 – Introversão Sensação Sentimento
- 15 – Introversão Pensamento Sensação
- 16 – Introversão Sensação Pensamento

A Tabela 34 apresenta a Distribuição dos Tipos Psicológicos do QUATI por sexo.

Tabela 34

Distribuição dos tipos psicológicos por sexo

Tipos Psicológicos	Feminino		Masculino		Total	
	N	%	N	%	N	%
1	11	47,5	12	52,2	23	100
2	6	54,5	5	45,5	11	100
3	2	25,0	6	75,0	8	100
4	4	40,0	6	60,0	10	100
5	18	58,1	13	41,9	31	100
6	6	75,0	2	25,0	8	100
7	2	25,0	6	75,0	8	100
8	1	33,3	2	66,7	3	100
9	-	-	3	100,0	3	100
10	-	-	-	-	-	-
11	2	66,7	1	33,3	3	100
12	2	50,0	2	50,0	4	100
13	2	66,7	1	33,3	3	100
14	2	33,3	4	66,7	6	100
15	1	33,3	2	66,7	3	100
16	1	50,0	1	50,0	2	100

Legenda:

- 1 – Extroversão Sentimento Intuição
- 2 – Extroversão Intuição Sentimento
- 3 – Extroversão Pensamento Intuição
- 4 – Extroversão Intuição Pensamento
- 5 – Extroversão Sentimento Sensação
- 6 – Extroversão Sensação Sentimento
- 7 – Extroversão Pensamento Sensação
- 8 – Extroversão Sensação Pensamento
- 9 – Introversão Sentimento Intuição
- 10 – Introversão Intuição Sentimento
- 11 – Introversão Pensamento Intuição
- 12 – Introversão Intuição Pensamento
- 13 – Introversão Sentimento Sensação
- 14 – Introversão Sensação Sentimento
- 15 – Introversão Pensamento Sensação
- 16 – Introversão Sensação Pensamento

DISCUSSÃO

No início deste trabalho, estabelecemos alguns pontos que norteariam o seu desenvolvimento e os descrevemos nos objetivos, ou seja, partiríamos de uma investigação geral sobre a possibilidade de haver alguma relação entre tipos de temperamento e os estilos de pensar e criar. Pesquisamos o construto temperamento e as dimensões envolvidas por ele, cogitando sempre se os tipos que estávamos estudando poderiam, de alguma forma, intervir no pensamento e na criação individual. Para obtermos alguma resposta, propusemo-nos a investigar o temperamento e os estilos de pensar e criar de estudantes universitários das áreas das ciências Humanas, Exatas e Biológicas. Fomos um pouco além, procurando também verificar se o sexo e a idade produziriam diferenças significativas com relação ao ato criativo do indivíduo. Essas indagações nos levaram, após a realização da pesquisa, às seguintes conclusões:

Sobre a existência de relação entre tipos de temperamento de estudantes universitários dentro das áreas das ciências Humanas (Administração de Empresa), Exatas (Matemática e Ciências da Computação) e Biológicas (Farmácia Bioquímica) temos: com relação à atitude, o maior valor médio foi Extroversão, com média maior na área Biológicas. Observou-se que o menor valor médio das três áreas foi na atitude Introversão. Quanto ao maior valor médio na atitude Extroversão, podemos ressaltar que, segundo a teoria Junguiana (1987), as pessoas que buscaram essas áreas possuem uma circulação da energia libidinal, num movimento inconsciente de introversão, ficando, assim, possivelmente caracterizado que as pessoas dessas áreas possuem personalidade consciente extrovertida, o que significa que a libido na extroversão flui de maneira livre, sem embaraços ao encontro do objeto.

Com relação às atitudes e funções do QUATI, no que diz respeito à variável sexo, observamos que a atitude que apresentou maior média foi Extroversão e a função que apresentou maior média foi Sentimento, e isso aconteceu para ambos os sexos. Entretanto, comparando-se os sexos, a atitude Extroversão tem média maior para sexo masculino e a função Sentimento tem maior média para o sexo feminino. Interessante é que, apesar da pequena diferença de médias maiores diferenciadas, observamos que tantos homens quanto mulheres apresentaram as mesmas atitudes e funções. Podemos inferir que, provavelmente, o fato de a quantidade de pessoas da amostragem entre 21 e 25 anos ter sido maior, para ambos os sexos, interferiu nesse resultado por influência de características próprias da idade, uma vez que sabemos que as fases em que os indivíduos estão podem determinar certos tipos de comportamentos. Queremos dizer com isso que, independentemente do sexo, a idade pode ser fator influenciador para os resultados apresentados.

Constatamos, também, a existência de três conjuntos possíveis de correlações significativas, mas negativas, entre as atitudes Extroversão e Introversão, entre as funções Sensação e Intuição e entre as funções Sentimento e Pensamento. Não houve correlação significativa entre os conjuntos de funções, Pensamento e Intuição, Pensamento e Sensação, Sentimento e Intuição e Sensação e Sentimento. Esses dados confirmam parcialmente a validade do QUATI para a mensuração sobre atitudes e funções opostas, que são a forma como Jung (1920/1967) explicou os processos característicos para o controle e funcionamento do ego.

Sobre as diferenças entre tipos de temperamento de acordo com o sexo de estudantes universitários, constatamos que não existiu influência desta variável para atitudes e funções do QUATI, havendo influência apenas para as variáveis idade x área para a função Pensamento e para a função Sentimento. A função Pensamento, que julga, classifica, que gosta

de organização, que faz uso da lógica e baseia seus julgamentos em padrões universais, e a função Sentimento, que faz a estimativa dos objetos e decide seu valor para si e para os outros, sendo o que esclarece o pensamento, dando-lhe uma base pessoal de respeito aos outros, analisando e decidindo sobre o que possui um maior valor, concentraram-se na faixa etária entre 21 e 25 anos e na área Biológicas. Esses resultados estão coerentes com as exigências do trabalho da área Biológicas, que faz pesquisas racionais, voltadas para o bem comum e avanço social sem ferir os princípios de maior valoração aos seres humanos, como vemos nas pesquisas científicas feitas por tecnólogos que cuidam de animais, aplicando seus conhecimentos para tirar lições da natureza, melhorando assim, a vida do ser humano (Venturoli, 2005).

Analisaremos, em primeiro lugar, os dados dos Estilos de Pensar e Criar segundo a primeira versão de Wechsler (1999). Sobre a análise das diferenças entre Estilos de Pensar e Criar, na primeira versão, de estudantes universitários das áreas de ciências Humanas, Exatas e Biológicas, foi possível observar que o Fator 1 (Confiança Motivadora) apresentou maior média em todos os fatores para área Biológicas, quando comparada às áreas Exatas e Humanas. Considerando que o estilo Confiança Motivadora é característico do indivíduo altamente criativo, que tem alta confiança no que faz, é motivado, otimista, dinâmico e com muito entusiasmo no trabalho que se propõe a fazer, podemos inferir que também há coerência com as pessoas que optam pela área Biológicas, sugerindo que essas características de estilo seriam muito importantes, senão essenciais para o futuro profissional dessa área.

O Fator 2 (Inconformismo Inovador) apresentou maior média na área Exatas, em relação às áreas Biológicas e Humanas. Considerando que o estilo Inconformismo Inovador caracteriza pessoas criativas, que não gostam de seguir regras, que preferem trabalhar de forma independente e

não têm medo de se arriscar em situações novas (Wechsler, 1999), podemos dizer que essas características são importantes para quem decidiu fazer um curso na área Exatas, o que nos parece ser coerente com certas exigências dessa área.

O Fator 3 (Sensibilidade Interna e Externa) também apresentou maior valor médio na área de Exatas, quando comparada às áreas Biológicas e Humanas. Sendo o estilo Sensitivo, segundo Wechsler (1999), característico de pessoas criativas, com sensibilidade emocional que utilizam isso para compreender melhor o outro, que gostam da natureza e da linguagem poética, parece-nos que esse resultado vem conflitar-se com o que normalmente se espera de um profissional da área Exatas, levando-nos a fazer duas conjecturas principais: a) como a amostra usada na pesquisa corresponde a estudantes universitários em seu segundo ano de estudo, talvez estes não tenham ainda a maturidade suficiente para perceberem o que a área escolhida irá exigir deles, ou b) poderíamos dizer que talvez essa área deva ser mais bem pesquisada, pois poderíamos descobrir que nem todos que procuram essa área são tão racionais e desprovidos de características emocionais como, às vezes, muitos de nós imaginam, levando-nos a refazer muitos julgamentos apriorísticos inadequados.

O Fator 4 (Pensamento Divergente) apresentou maior média na área Biológicas, em relação às áreas Exatas e Humanas. O estilo Pensamento Divergente, segundo Wechsler (1999), caracteriza pessoas com produção científica relacionada a operações cognitivas, grande número e flexibilidade de idéias bem como originalidade, detalhamento e embelezamento delas, o que acreditamos ser muito importante para o futuro de um profissional dessa área, e, conseqüentemente, está em coerência com o resultado da pesquisa (exemplo: trabalho com produtos transgênicos).

O Fator 5 (Investimento Intuitivo) apresentou maior média na área Exatas, quando comparada às áreas Biológicas e Humanas. Considerando que o estilo Investimento Intuitivo, como descrito por Wechsler (1999), caracteriza a pessoa criativa que faz uso de sua imaginação e fantasia e usa sua intuição e capacidade de sonhar para vislumbrar novas possibilidades de ação, é possível que as pessoas que se orientam para essa área possuam essas características (por exemplo, os pesquisadores da Nasa), essas, no entanto, podem não ser tão óbvias como parecem, pois grandes revolucionários (Gandhi, por exemplo) fizeram grandes mudanças do ponto de vista social. Por isso, as mesmas inferências que levantamos para o Fator 3 as fazemos para esse fator.

O Fator 6 (Síntese Humorística) apresentou maior média na área Biológicas, em relação às áreas Humanas e Exatas. Wechsler (1999) afirma que o estilo Síntese Humorística caracteriza pessoas que preferem utilizar o humor no seu dia-a-dia como forma de descontrair ambientes e agregar pessoas. Para nós, tal característica não nos parece ser de fundamental importância para essa área, o que poderia ser esclarecido num aprofundamento da pesquisa nessa variável.

O Fator 7 (Ousadia Inovadora) apresentou maior média na área Biológicas, em comparação às áreas Exatas e Humanas. As pessoas do estilo Ousadia Inovadora, de acordo com Wechsler (1999), são produtivas, tendem ao inconformismo, são espontâneas, arriscam-se na direção de novos projetos, demonstram facilidade para expressar opiniões e liderar grupos, características que nos parecem ser fundamentais para profissionais da área Biológicas, que têm, nas últimas décadas, demonstrado grandes inovações ousadas no campo de sua atuação (por exemplo: clonagem, células-tronco).

Podemos concluir que a área Biológicas foi a que mais apresentou índices fatoriais (Confiança Motivadora, Pensamento Divergente, Síntese

Humorística, Ousadia Inovadora), demonstrando, assim, maior abrangência desses fatores para essa área na Escala Estilos de Pensar e Criar, apresentado na Tabela 8 pelos valores da média e do desvio-padrão.

Com relação à hipótese de haver diferença entre Estilos de Pensar e Criar de acordo com o sexo, área e idade de estudantes universitários, observamos que, quando considerados os fatores em conjunto, não existiu influência dessas variáveis nos fatores de Estilos de Pensar e Criar. Entretanto, quando os fatores foram considerados separadamente, foi possível observar influência significativa das variáveis em alguns fatores. O Fator 4 (Pensamento Divergente) sofreu, também, influência da área, sendo a área biológica com média maior. As pessoas com Pensamento Divergente buscam obter soluções variadas e relevantes para a solução de problemas (Tiedermann, 1989; Wechsler, 2002). Tal fator envolve a produção criativa que está relacionada às distintas operações cognitivas: flexibilidade, mudanças de tipos de idéia, elaboração (Wechsler, 1999); todas essas características são aparentemente importantes para profissionais da área Biológicas. O Fator 5 (Investimento Intuitivo) sofreu influência da interação sexo x idade, da interação sexo x área, e da interação sexo x idade x área. Os indivíduos desse fator são os que fazem uso da fantasia, imaginação, intuição e que têm a capacidade de sonhar e de vislumbrarem maior capacidade de ação (Wechsler, 1999), dados que nos pareceu apresentar certa coerência com a faixa etária (21-25 anos), mais influenciada, que presumidamente apresenta essas características. O Fator 6 (Síntese Humorística) sofreu influência do sexo, sendo o sexo masculino de maior influência, da interação sexo x idade, e da interação idade x área. O fato de o sexo masculino ter demonstrado maior influência no fator Síntese Humorística, o humor é um atributo importante nos homens, que aprenderam a usá-lo como arma de sedução, segundo a tese de Eric Bressler (*apud* Civita, 2005).

O Fator 7 (Ousadia Inovadora) sofreu influência da área, sendo, também, a área Biológicas com média maior. As pessoas desse grupo têm preferência por arriscar-se em novos projetos, produtividade, inconformismo, espontaneidade, têm facilidade para liderar grupos e para expressar opiniões (Wechsler, 1999). Acreditamos que a área Biológicas requer pessoas com tais características.

Analizamos, também, por meio da segunda versão da Escala Estilos de Pensar e Criar (Wechsler, 2005), os valores da média e desvio-padrão por área e pelos três fatores da Escala (Estilo de Pensar Conservador, Estilo de Criar Transformador, Estilo Reflexivo).

Foi possível observar que, dos três fatores, o que apresentou maiores médias nas três áreas foi o Fator 2 (Estilos de Criar Transformador), sendo seu valor médio na área Biológicas maior que a média na área Exatas e Humanas, sendo que a transformação é uma característica que provavelmente se evidencia nas pessoas da área Biológicas. Segundo Wechsler (2005), esse Estilo caracteriza pessoas dinâmicas, auto-motivadas, que preferem situações com liberdade para quebrar regras, geram grande número de idéias, trabalham com informações múltiplas, questionam modos de pensar, gostam de idéias novas.

O Fator 1 (Estilos de Pensar Conservador) apresentou maior média na área Humanas, quando comparada às áreas Exatas e Biológicas, o que nos parece coerente com as pessoas dessa área, uma vez que Wechsler (2005) descreve pessoas desse estilo como sendo o estilo de pessoas mais cautelosas, que preferem o conhecido para desenvolver suas idéias, preferem colocar em prática idéias já conhecidas, fazendo poucas alterações nelas e evitando pensar em coisas diferentes. Tendem a serem prudentes, conformistas, preocupam-se com detalhes, são metódicas e raramente questionam regras.

O Fator 3 (Estilo Reflexivo) apresentou maior valor médio na área Humanas, quando comparado às áreas Biológicas e Exatas, o que também nos pareceu coerente com a descrição feita por Wechsler (2005) sobre o Estilo Reflexivo (função secundária), como sendo de indivíduos com dificuldades para tomar decisões, pois a ponderam, preferindo seguir o pensamento lógico a seguir a intuição porque temem a se riscar, preferindo o certo ao duvidoso.

Quanto aos fatores de Estilos de Pensar e Criar por sexo, foi possível observar que, tanto para o sexo feminino quanto para o masculino, o fator que apresentou maior média foi o Fator 2 (Estilos de Criar Transformador), o que nos levou concluir que não existem diferenças entre sexos no que diz respeito a estilos de pensar e criar. Para Wechsler (1994), todas as pessoas teriam criatividade, que num sentido maior ou menor vai acompanhar a todo o momento o indivíduo. Sua visão ou o sentido de um destino criativo vai determinar seus valores, suas atitudes freqüentes, seus comportamentos, e seus relacionamentos interpessoais.

Na correlação entre os fatores da Escala Estilos de Pensar e Criar-Versão II, observamos que o Fator 1 (Estilos de Pensar Conservador) correlacionou-se com o Fator 2 (Estilos de Criar Transformador) de forma negativa, e correlacionou-se com o Fator 3 (Estilo Reflexivo) de forma positiva. Entre o Fator 2 e o Fator 3 não houve correlação significativa. O Estilo de Criar Transformador se apresenta de forma oposta ao Estilo de Criar Conservador por apresentar características de pessoas dinâmicas, auto-motivadas, que preferem situações em que haja liberdade para quebrar regras e fugir de paradigmas. Em oposição a esse estilo, temos o Estilo Conservador, que é característico de pessoas mais cautelosas e que preferem o conhecido para desenvolver suas idéias. Fazem poucas alterações nas mesmas, não procuram pensar em coisas diferentes. O Estilo Reflexivo e o Estilo Conservador não se opõem por possuírem

características complementares. Por outro lado, os Estilos de Criar Transformador e Reflexivo não possuíram correlação significativa.

Para os fatores de Estilos de Pensar e Criar – Versão II, não existiram influências das variáveis nos fatores dessa escala. No entanto, quando os fatores foram considerados separadamente, foi possível observar influência significativa das variáveis em alguns dos fatores.

O Fator 1 (Estilos de Pensar Conservador) de Estilos de Pensar e Criar – Versão II – sofreu influência da interação sexo x área, sendo o sexo feminino e a área Humanas que apresentaram médias maiores, como também da interação idade x área. É possível que a área Humanas tenda a procurar menos inovações práticas. É comum vermos filmes que usam avançadas tecnologias espaciais em suas aeronaves e utiliza-se de tecnologia de ponta na área química e física, ao passo que os tripulantes dessas mesmas naves vivem os mesmos problemas psicológicos, filosóficos e sociológicos de nossos antepassados, os mesmos conflitos e angústias, apresentam sentimentos e emoções que ainda não foram resolvidos pela ciência moderna. O mesmo pode ser observado na área educacional, que ainda vive, na sua grande maioria, problemas idênticos aos de séculos passados.

O Fator 3 (Estilo Reflexivo de Estilos de Pensar e Criar – Versão II), não sofreu influência significativa de nenhuma das variáveis. O Estilo Reflexivo pode aparecer tanto no indivíduo Conservador quanto no Transformador. As pessoas usam vários estilos de modo flexível, adaptando-os às situações que surgem em sua vida. Os estilos estão fortemente relacionados a como o indivíduo interage com o meio ambiente, podendo, assim, desenvolver e socializar estilos. Pessoas criativas podem demonstrar vários tipos de estilos (Sternberg & Grigorenko, 1997).

As atitudes e as funções do QUATI foram comparadas aos fatores da Escala de Estilos de Pensar e Criar – Versão I. Observou-se a existência de correlação significativa entre o Fator 2 de Estilos (Inconformismo Inovador) e as funções Intuição e Sensação. Notou-se também a existência de correlação significativa entre o Fator 6 de Estilos (Síntese Humorística) e as funções Pensamento e Sentimento. Entre o restante dos fatores não houve correlação significativa.

Foram observadas, também, as atitudes e funções do QUATI e Estilos de Pensar e Criar – Versão II (Wechsler, 2005). Os resultados apresentaram ausência de correlações significativas entre as atitudes e funções do QUATI (Zacharias, 2003) e os fatores de Estilos de Pensar e Criar, ou seja, pessoas criativas podem ter os mais variados tipos de temperamentos. Para Keirsey (1980), o temperamento é uma configuração de inclinações que podem ser observadas desde a mais tenra idade, antes que a família, grupos ou outras forças sociais possam ter causado uma impressão sobre eles.

Na distribuição dos Tipos Psicológicos (Zacharias, 2003) por área, temos 15 sujeitos da área Biológicas que apresentaram Tipos Psicológicos com atitude Extroversão e função principal Sentimento e função auxiliar Sensação (E St Ss). Pessoas desse grupo valorizam o contato humano, são amistosas e ordeiras, esperando que os demais se comportem como elas, são sensíveis às manifestações dos outros e tendem a idealizar pessoas, instituições ou causas que admiram. Valorizam muito as opiniões alheias e acreditam que pontos divergentes possam harmonizar-se, pois harmonia é muito importante para elas. São práticas, realistas, gostam de novidades e variedades, têm facilidade em lidar com os demais, conseguindo cooperação das pessoas.

Oito sujeitos da área Biológicas apresentaram Tipos Psicológicos com atitude Extroversão, função principal Sentimento e função auxiliar

Intuição (E St In). São pessoas simpáticas, irradiam calor humano, são amistosas, cheias de tato, capazes de entrar em sintonia com os outros, são perseverantes, conscienciosas, esperam aprovação e sofrem com a indiferença, idealizam as instituições e as opiniões alheias, enxergam possibilidades que estão além do óbvio, são curiosas por idéias novas, têm visão de futuro e capacidade de penetrar além do conhecido. Com a comparação entre o que foi descrito pelo QUATI e o resultado de nossa pesquisa, esse tipo psicológico foi o que apresentou menor discrepância em seus resultados.

Oito sujeitos da área Humanas apresentaram Tipos Psicológicos com atitude Extroversão, função principal Sentimento e função auxiliar Sensação (E St Ss). Esse tipo psicológico descrito pelo QUATI, apresentado anteriormente, demonstrou concordância com resultado de nossa pesquisa para essa área.

Oito sujeitos da área Humanas apresentaram Tipos Psicológicos com atitude Extroversão, função principal Sentimento e função auxiliar Intuição (E St In). Esse tipo psicológico descrito pelo QUATI, apresentado anteriormente, demonstrou concordância com resultado de nossa pesquisa para área Humanas.

Oito sujeitos da área Exatas apresentaram Tipos Psicológicos com atitude Extroversão, função principal Sentimento e função auxiliar Sensação (E St Ss), tipo psicológico já descrito anteriormente, que não apresentou nenhuma correlação entre os resultados descritos pelo QUATI e os resultados de nossa pesquisa nesta área.

Sete sujeitos da área Exatas apresentaram Tipos Psicológicos com atitude Extroversão, função principal Sentimento e função auxiliar Intuição (E St In), tipo psicológico já descrito anteriormente, que não apresentou nenhuma correlação entre os resultados descritos pelo QUATI e os resultados de nossa pesquisa nessa área.

Um total de trinta e um sujeitos das três áreas que apresentaram Tipos Psicológicos com atitude Extroversão, função principal Sentimento e função auxiliar Sensação (E St Ss), tipo psicológico já descrito anteriormente que, segundo Zacharias (2003), identificam-se com a área Humanas. No entanto, em nossa pesquisa apenas dezesseis indivíduos da área Humanas se identificaram com esse tipo psicológico, o que demonstra uma correlação parcial entre o QUATI com os resultados de nossa pesquisa.

Um total de vinte e três sujeitos apresentou Tipos Psicológicos com atitude Extroversão, função principal Sentimento e função auxiliar Intuição (E St In), tipo psicológico já descrito anteriormente. Em nossa pesquisa, como afirmamos acima, dezesseis indivíduos se identificaram com a área Humanas, característica preponderante desse tipo psicológico. Esses dados apresentam correlação significativa com um dos dezesseis tipos psicológicos descritos por Zacharias (2003).

Na distribuição dos Tipos Psicológicos por sexo, temos dezoito sujeitos femininos e treze masculinos na atitude Extroversão, função principal Sentimento e função auxiliar Sensação (E St Ss); doze sujeitos masculinos e onze femininos na atitude Extroversão, função principal Sentimento e função auxiliar Intuição (E St In).

Observamos, quanto à distribuição dos Tipos Psicológicos, que a atitude Extroversão e a função Sentimento apareceu em todas as áreas pesquisadas, como também para os sexos feminino e masculino a mesma atitude e função se repetem. Alguns aspectos descritos na parte teórica de nosso trabalho a respeito da teoria dos Tipos Psicológicos Junguianos e os Tipos psicológicos descritos por Zacharias (2003) no QUATI aparecem evidenciados nos resultados de nossa pesquisa.

Segundo a teoria dos oito Tipos Psicológicos de Jung (1987), o mais encontrado na pesquisa foi o Tipo Sentimento Extrovertido, que, segundo ele, são pessoas que se relacionam com objetos exteriores

facilmente, vivendo bem com o seu mundo, são acolhedoras, afáveis, comunicativas, que pesam as qualidades positivas e negativas dos elementos que as circundam, não têm ilusões sobre as pessoas e são fiéis aos valores que lhe foram inculcados desde a infância.

Segundo a análise que realizamos com o instrumento QUATI, elaborado por Zacharias (2003), com relação aos dezesseis Tipos Psicológicos descritos por ele, encontramos, para as três áreas e sexos, a atitude Extrovertido, com função principal Sentimento e função auxiliar Sensação (E St Ss). Também encontramos, com esse instrumento, a atitude Extroversão, com função principal Sentimento e função auxiliar Intuição (E St In).

Zacharias (2003) descreve o primeiro tipo como sendo o de pessoas afetuosas, comunicativas, conscienciosas e cooperadores natos. São membros ativos de grupos. Necessitam de harmonia ao seu redor e são muito bons para criar. Sempre procuram fazer algo de bom para alguém. Trabalham melhor com elogio e encorajamento. O segundo Tipo é descrito como pessoas com características receptivas e responsáveis, que sentem real preocupação com o que os outros pensam ou querem. Tentam tratar as coisas com a devida consideração para com os sentimentos das pessoas. Podem liderar um debate de grupo com facilidade e tato. Tendem a ser solidárias, populares e sociáveis.

Concluimos, por meio de nossa pesquisa, que os tipos evidenciados tanto pela teoria de Jung (1920/1967) no qual se baseia o instrumento de Zacharias (2003) a respeito dos tipos psicológicos são os mesmos no que se refere à atitude e função principal, aparecendo diferenciações apenas na função auxiliar acrescentada por Zacharias. Analisando a descrição que ambos autores fazem desses tipos, percebemos que elas são diferenciadas por pequenas nuances, que acreditamos advir da função auxiliar que Zacharias acrescenta ao tipo psicológico descrito por Jung.

Nossa pesquisa demonstrou também não haver nenhuma relação entre Temperamento e Estilos de Pensar e Criar. Podemos inferir que o Estilo de Criar dos indivíduos independe de seus Temperamentos, isso poderá colaborar com a eliminação de preconceitos formulados pelo senso comum de que a pessoa criativa tende a ser especial ou diferente, ou seja, qualquer tipo Psicológico apresentado até o momento poderá aparecer em qualquer pessoa criativa. Podemos colaborar, também, para que educadores evitem rotular crianças a partir de observações empíricas sobre o temperamento delas e sua possível criatividade, já que essa criatividade pode ser desenvolvida e estimulada. Não podemos esquecer que Sternberg (1997) afirmou que estilos são um conjunto de preferências e não um conjunto de capacidades. Assim sendo, o conceito de estilos refere-se ao modo de cognição, enquanto o conceito de capacidade refere-se ao nível do conteúdo da cognição. Ainda, o mesmo autor (Sternberg, 2002) disse que as pessoas criativas são rechaçadas e vistas com ceticismo, concluímos, assim, que as crianças criativas podem incomodar o *status quo* vigente na escola, recebendo denominações sobre sua conduta nem sempre lisonjeiras e nem sempre elas têm a coragem necessária para desafiar as normas impostas.

Csikszentmihalyi (1994; 1997) afirma que estamos acostumados a pensar que a criatividade começa e termina com o indivíduo. No entanto, ela depende de situações, eventos, fatos que o estimulam, vindos de mudanças que ocorrem fora da pessoa. Depende dos sistemas vigentes ou padrões em um dado lugar, em um dado tempo, que criam as mais diferentes motivações para a personalidade, que se vê então impulsionada a querer criar algo novo.

Martinez (2002/2004) afirma que criatividade é a forma como as pessoas se expressam em determinadas situações, sendo capazes de produzir algo novo, assim sendo, a criatividade humana pode ser

considerada um processo plurideterminado, em que fatores históricos, econômicos, sócio-culturais, ideológicos, conjunturais e subjetivos mediatizam, de forma extremamente complexa, a expressão criativa. A autora não vê a criatividade como potencialidade psicológica com a qual o indivíduo nasce, mas como ele consegue desenvolver ou não recursos psicológicos que lhe permitirão, em maior ou menor grau e com diferente qualidade, expandir ações criativas. As características do contexto determinam de forma diferenciada a possibilidade da expressão criativa do sujeito.

Wechsler (2002) afirma que, sem menosprezar as características individuais, a criatividade sofre as influências dos aspectos sociais, históricos, culturais e educacionais. A autora ressalta que, para o desenvolvimento de um potencial criativo, é importante um ambiente estimulador e esse tipo de ambiente tem sido um dos fatores mais comumente investigados nos estudos que focalizam aspectos específicos para desenvolver a criatividade.

As regras e métodos de educação deveriam estar subordinados ao objetivo de permitir a manifestação da individualidade única da criança, observando, por exemplo, sua tipologia, dons e limitações, deixando-a levar uma vida rica de significados (Grinberg, 1997).

Segundo as pesquisas realizadas por Oakland *et al* (2001), quanto mais cedo a criança for estimulada em suas vocações, tanto maior será a capacidade para despertá-las, já que, de acordo com as conclusões desse autor, o temperamento influi nas preferências vocacionais e, quanto menor for a criança, mais genuíno será seu temperamento, pois terá, provavelmente, sofrido menor influência do ambiente, não deixando, obviamente, as questões genéticas para trás, que também são fatores preponderantes no desenvolvimento da personalidade.

O que desejamos ressaltar com nosso trabalho é que os Estilos podem se diferenciar sobremaneira nos indivíduos, independentemente da fase em que se encontram em seu desenvolvimento, não necessitando exclusivamente pertencerem a alguns tipos psicológicos para poderem acontecer determinadas vocações, escolhas e criações. O que é importante percebermos é que podemos criar de modos diferentes em todos os tipos de Temperamento.

O mesmo foi ressaltado por Siqueira (*apud* Wechsler, 2005), que observou estudantes de escolas públicas e privadas e constatou que a persistência nos estudos tinha relação com todos os estilos de criar.

Não poderíamos, entretanto, concluir este trabalho sem colocarmos as limitações e implicações advindas da própria estrutura da realização de nossa pesquisa. Elencamos alguns fatores que consideramos limitadores, como o tamanho da amostra, que poderia ter sido maior, a restrição da pesquisa em uma única região, e o número de áreas das ciências envolvidas, que poderia ter sido maior. Essas limitações apresentadas poderão instigar futuros pesquisadores à continuidade do nosso trabalho.

Um outro fato que gostaríamos de ressaltar é o de que nossos dados indicaram que todas as áreas pesquisadas, principalmente a área Biológicas, demonstraram preferência pelo o Extrovertido, podendo isso estar refletindo um problema nos valores (escores) baixo atribuído a uma atitude ou função, nos resultados de nossa pesquisa, que segundo Zacharias (2003) “quanto mais baixo for o valor atribuído a uma atitude ou função, maior será a identificação da pessoa avaliada, indicando imaturidade e conflito entre dois modos opostos de ser, perceber ou agir no mundo” (p. 11). Assim, a questão a ser levantada é se a faixa etária pesquisada, ou seja, de adolescentes ou jovens, tenderiam, por suas próprias características do

desenvolvimento, preferirem estar em grupo, levando-os a escolher temperamento do tipo Extrovertido.

Poderíamos ainda conjecturar que o padrão de comportamento da cultura brasileira, e sua influência poderia levar os participantes envolvidos na pesquisa a tender mais a tipologia psicológica do tipo Extrovertido Sensação Sentimento.

Registramos, segundo nosso critério, que o instrumento utilizado em nossa pesquisa, Estilo de Pensar e Criar (Wechsler, 1999, 2005), demonstrou

ser de fundamental importância para as áreas Organizacionais e Vocacionais, auxiliando os psicólogos e educadores a oferecer indicadores confiáveis para a orientação de seus trabalhos. Sabendo-se que estilos são modos preferenciais utilizados pelo indivíduo para a realização de suas ações (cognitivas, afetivas, psicomotoras), os profissionais dessas áreas poderão oferecer suporte profissional com mais segurança, já que poderão coadunar perfil pessoal com profissional.

Com relação ao instrumento QUATI (Zacharias, 2003), ressaltamos que ele é muito útil na avaliação psicológica em geral, destacando a identificação dos Tipos Psicológicos dos indivíduos e sua adequação para colocação profissional, resultando disso, pessoas mais ajustadas à profissão, levando-nos a concluir que podem ser mais produtivas e úteis às organizações ou instituições. Ressalvamos que ambos instrumentos são utilizados em larga escala em nossa atividade pessoal.

REFERÊNCIAS

- Adler, A. (1967). A ciência da natureza humana. São Paulo: Nacional, (original publicado em 1928).
- Alencar, E.S. & Fleith, D. S. (2003). Barreiras à criatividade pessoal entre professores de distintos níveis de ensino. Psicologia Reflexão e Crítica, 16 (1), 63-69.
- Allen, B. P. (1997). Personality theories: development, growth and diversity. Boston: Allyn and Bacon (Original publicado em 1937).
- Allport, G. W. (1961). Psicología de la personalidad. Buenos Aires. Paidós.
- Allport, G. W. (1970). Desenvolvimento de personalidades: considerações básicas para a psicologia da personalidade. São Paulo: Herder, (original publicado em 1937)
- Akiskal, H. S. (1992). Delineating irritable – choleric and hyperthymic temperaments and variants of cyclothymia. Journal of Personality Disorders. 4, 56-58
- Association for Psychological Type (2005). What is the Myers-Briggs Type Indicator (MBTI)? [Online]. Kansas City: APT. Disponível <http://www/apcentral.org/aptmbtiw.htm>
- Bates, J. E. (1989). Concepts and measures of temperament. In G. A. Kohnstamm; J. E. Bates & M. K. Rothbart (eds), Temperament in Childhood. (pp. 3-26). New York, Wiley.
- Bates, J. E. & Wachs, T. D. (eds., 1994). Temperament: Individual differences at the interface of biology and behavior. New York: APA.
- Brasil, Conselho Federal de Educação (2003). Resolução CFP no. 002.

- Buss, A. H. & Plomin, R. (1975). A temperament theory of personality development. New York: Wiley.
- Buss, A. H. & Plomin, R. (1984). Temperament: Early developing personality traits. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Buss, A. H. & Plomin, R. (1986). The EAS approach to temperament. In R. Plomin & J. Dunn (Eds), The study of temperament: changes, continuities and challenges. (pp 43-60). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Cartwright, Desmond S. (1974). Introduction to personality. Chicago: Rand McNally College Publishing Company.
- Catini, N. (1999). Temperamento: Estudo inicial da escala PTS infantil. (Dissertação de mestrado). Puccamp, Campinas.
- Chess, S & Thomas (1989). Temperament in clinical practice. New York: Guilford.
- Civita, V. (ed.) et al. (1971). Personalidade. Enciclopédia Abril. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial.
- Civita, V. (2005, 12 de outubro). A sedução do humor. Veja, 1926, 122-123.
- Cotrim, G. (2002). Fundamentos da Filosofia, para uma geração consciente. São Paulo: Saraiva. (Vol. 9, pp 3672)
- Csikszentmihalyi, M. (1994) The domain of creativity. In Feldman, D., Csikszentmihalyi, M. & Gardner, H. Changing the world: A framework for the study of creativity. (pp 82-95), Westport: Praeger.
- Csikszentmihalyi, M. (1997). Flow and the psychology of discovery and invention. (pp. 23-50) New York: First Harper Perennial Edition.
- Erickson, E. H. (1972). Identidade: Juventude e crise. (2^a. ed.). (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro, Zahar.

Eysenck, H. J. (1976). A desigualdade do homem. Rio de Janeiro: Zahar.

Freud, S. (1974). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, (original publicado em 1905)

Fromm, E. (1983). Análise do homem. (O. Alves Filho, Trad.). Rio de Janeiro: Koogan S. A.

Gallagher W. (1998). Identidade: a genética e a cultura na formação da personalidade. (M. Bagno, Trad.). São Paulo: Ática.

Gelade, G. (1995). Creative style and divergent production. Journal of Creative Behavior, 29, (1), 37-53

Goldstein, K. (1939). The organism. New York: American Book Co.

Grinberg, L. P. (1997). Jung: O homem criativo. São Paulo: FT

Guzzo, R. S. L., Riello, I. C. & Primi, R. (1996). Pavlovian temperament survey PTS: Análise de itens e testes de realidade. Psicologia Escolar e Educacional, 1 (1): 53-59.

Hall, C. S. & Lindzey, G. (1973). Teorias da personalidade. (L. Bretones, Trad.). São Paulo: E.P.U. (Original publicado em 1909)

Hall, C. S. & Lindzey, G. (1984). Teorias da Personalidade. (18^a.ed.), (Vol. 1 e 2), (M. C. M. Kupfer, Trad. e Rev.). São Paulo: EPU.

Hall, C. S., Lindzey, G. & Campbell, J. B. (2000). Teorias da personalidade. (4^a. ed.), (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre. Artmed. (original publicado em 1998)

Hayes, J. & Allison (1994). Cognitive style and its relevance for management practice. British Journal of Management, 5 (1), 53-71

Hayslip, B. (1994). Cognitive learning styles. In Corcine, R. J. Encyclopedia Edition. USA. Editora Wiley Interscience Publication.

Hutz, C. S.; Nunes, C. H.; Silveira, A. D.; Serra, J.; Anton, M. & Wiczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para avaliação da personalidade no Modelo dos Cinco Grandes Fatores. Psicologia: Reflexão e Crítica, 6 (1e2), 85-101.

Ito, P. C. P. e Guzzo, R. S. L. (2002). Diferenças individuais: temperamento e personalidade: Importância da teoria. Estudos de Psicologia, 19 (1), 91-100.

Jung, C. G. (1967). Tipos psicológicos. (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, (original publicado em 1920).

Jung, C. G. (1986). O desenvolvimento da Personalidade. (2ª. ed.), (F. V. Amaral, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1915).

Jung, C. G. (1987). Psicologia do inconsciente. Petrópolis: Vozes.

Keller, F. S. & Shoenfeld, W. N. (1968). Princípios de psicologia, um texto sistemático na ciência do comportamento. (C. M. Bori & R. Azzi, Trad.). São Paulo: Herder.

Kneller, G. F. (1978). Arte e Ciência da Criatividade. (J. Reis, Trad.). São Paulo: Ibrasa.

Kirton, M. (1976). Adaptors and innovators: a description and measure. Journal of Applied Psychology, 61 (5), 622-629.

Kirton, M. (1994). Adaptors and innovators: styles of creativity and problem solving. London: Routledge.

Kroeger, O. & Thuesen, J. M. (1989). Type talk. Bantam: Doubleday Dell Publishing Group, Inc.

Martinez, A. M. (1997). Criatividade, personalidade e educação. Campinas: Papyrus.

Martinez, A. M. (2002). Creatividad y salud en los individuos y en las organizaciones. Creatividad y Sociedad. 1, 25-32

Martinez A. M. (2004). O outro e sua significação para a criatividade: Implicações educacionais. Em L. M. Simão & A. M. Martinez (orgs.) O outro no desenvolvimento humano. (pp.77-98). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Maslow, A. H. (1967a). A theory of metamotivation: the biological rooting of the value life. Journal Humanistic Psychol., 7, 93-127.

Maslow, A. H. (1968). Toward a psychology of being. New York: Van Nostrand.

Messick, S. (1984). The nature of cognitive style: Problems and promise in educational practice. Educational Psychologist, 19, (2), 59-74.

Messick, S. (1994). The matter of style: Manifestations of personality in cognition, learning and teaching. Education Psychologist, 29, (3), 121-136.

Moraes, I. F. (2001). Validade e precisão do Quati na avaliação de tipos Junguianos em universitários. Itatiba: Universidade São Francisco.

Myers, I. Briggs. (1997). Ser humano é ser diferente. São Paulo: Editora Gente.

Myers, I. Briggs & Myers, P. B. (1980). Diferir dos presentes. Palo Alto, CA: Consulting Psychological Press.

Mundim, M. C. B. & Wechsler, M. S. (2005). Estilos de criar em líderes organizacionais. (no prelo).

Negreiros, A. C. (2004). As quatro naturezas humanas. [On line], Disponível <http://sites.mpc.com.br/negreiros/>

Oakland, T.; Stafford, M. E.; Horton, C. B. & Glutting, J. J. (2001). Temperament and vocational preferences: age, gender, and racial-ethnic comparisons using the students styles questionnaires. Journal of career assessment, 9, (3) 297-314.

Pasquali, L. (2003). Os tipos humanos, a teoria da personalidade. Petrópolis: Vozes.

Piaget, J. (1970). Construção do real na criança. (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Ática.

Piaget, J. (1981). Creativity. In Gallagher, J. M. & Reid, D. K. The learning theory of Piaget and Inhelder. (pp 62-64), Monterrey: Krooks/Cole.

Pinho, C. C. M. (2005). Taxonomia Brasileira da Personalidade: Um Estudo dos adjetivos da língua portuguesa. (Dissertação de Mestrado), Puccamp, Campinas.

Riello, I. C. (1999). Temperamento: perfil de adolescentes com diferentes competências em natação. (Tese de Doutorado). Campinas: Puccamp.

Rogers, C. R. (1959). Uma teoria da terapia, personalidade e relacionamento interpessoal, assim como se desenvolve no contexto centrado no cliente. Em C. Rogers & G. M. Kinget. Psicoterapia e Relações Humanas. (1977) (Vol.1 pp 123-130). Belo Horizonte: Interlivros.

Rogers, C. R. (1961). Tornar-se pessoa. (M. J. C. Ferreira, Trad). Lisboa: Moraes Editores.

Rogers, C. R. (1974). Em Retrospecto: Quarenta e seis anos. Em: A pessoa como centro. São Paulo: EDUSP, 1977.

Rothbart, M. K. (1989). Temperament and Development. In G. A. Kohnstamm; J. E. Bates & M. K. Rothbart (Eds). Temperament in Childhood. (pp 59-73) .Wiley, Chichester.

Romo, M. (1998). Psicología de la creatividad. Temas de Psicología – Paidós. 17-65

Sheldon, W. H. (1970). Las variedades del temperamento, psicología de las diferencias constitucionales. (S. S. Esteves, Trad.). Buenos Aires: Paidós, (Original publicado em 1942).

Silveira, N. da. (1981). Jung: Vida e Obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Siqueira, G. G. (2001). Estilos de criar e desempenho escolar: análise de influência do sexo e da escolaridade. (Dissertação de Mestrado). Puccamp, Campinas.

Sternberg, R. J. (2002). La creatividad es una decision. Creatividad y Sociedad, 1, 15-23.

Sternberg, R. J. & Grigorenko, E. L. (1997). Are cognitive styles still in style? American Psychologist, 52, (7), 700-712.

Strelau, J. (1994). Gerard Heymans – the pioneer of empirical studies of temperament. Personality Psychology in Europe, 5, 85-104.

Strelau, J. (1998). Temperament: A psychological perspective. Hardcover: Plenum Press.

Tiedemann, J. (1989). Measures of cognitive style: A critical review. Educational Psychologist, 24, (3), 261-275.

Thomas, A. & Chess, S. (1977). Temperament and development. New York: Brunner-Mazel.

Venturoli, T. (2005, 23 de novembro). A natureza fez primeiro. Veja, 1932, 64-66.

Wechsler, S. M. (1985). A identificação do talento criativo nos Estados Unidos e no Brasil. Psicologia, Teoria, Pesquisa, Brasília, 1, (2), 140-146.

Wechsler, S. M. (1994). Criatividade e saúde mental na escola. XVII Internacional School Psychology Colloquium/ II Congresso Nacional de Psicologia Escolar, Brasil, 74-77.

Wechsler, S. M. (1994). A Educação de alunos criativos através dos estilos de aprender. Minho: Revista Portuguesa de Educação, 7, (1 e 2), 15-26.

Wechsler, S. M. (1998a). Avaliação Multidimensional da Criatividade: uma realidade necessária. Psicologia Escolar e Educacional, 2, (2), 89-99.

Wechsler, S. M. (1999). Avaliação da criatividade: um enfoque multidimensional. Em S. M. Wechsler e R. S. L. Guzzo (orgs.) Avaliação psicológica: perspectiva internacional. (pp. 231-260). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Wechsler, S.M. (2001). Criatividade na cultura brasileira uma década de estudos. Psicologia, Teoria, Investigação e Prática. Minho: Universidade do Minho, 1, 215-226.

Wechsler, S. M. (2002a). Criatividade: descobrindo e encorajando, contribuições teóricas e práticas para as mais diversas áreas. (2^a. ed.) Campinas: Livro Pleno.

Wechsler, S. M. (2002). Caminhos para a Avaliação da Criatividade : Perspectiva Brasileira. Em Primi, R. (2002). Temas em Avaliação Psicológica. (pp. 230-259) Campinas: Ibap.

Wechsler, S. M. (2005). Evaluación de los estilos de pensar y crear. Enciclopedia de la creatividad, (no prelo).

Wechsler, S. M. (2005). Estilos de pensar e criar: Construção e padronização de instrumento. (relatório técnico).

Wechsler, S. M. & Guzzo, R. S. L. (1999). Avaliação psicológica: perspectiva internacional. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Within, H. A. & Goodenough, D. R. (1991). Estilos cognitivos: Natureza y origenes. Madrid: Ediciones Pirámides.

Zacharias, J. J. de M. (2003). Quati – Questionário de Avaliação Tipológica – Versão II – Manual (5^a. ed. Ver. Amp.). São Paulo: Vetor.

Anexo A

Carta de Autorização para realização de pesquisa para Diretores de Escolas

Prezado(a) Diretor(a),

Venho solicitar a sua colaboração no sentido de autorizar a realização de uma pesquisa no seu estabelecimento de ensino sobre Temperamento e as relações existentes entre ele e as formas de Pensar e Criar.

A pesquisa envolverá cerca de 120 alunos de ambos os sexos, na faixa etária dos 18 aos 40 anos, do segundo ano ou período universitário em diante, nas áreas de ciências: humanas, exatas e biológicas. Os participantes deverão responder questões de dois instrumentos de Avaliação Psicológica. Para tanto, será necessário um encontro com os mesmos. O encontro necessitará de aproximadamente 60 minutos, previamente agendadas com a Escola, professores e participantes, que responderão os questionários no mesmo horário.

Ressaltamos que a participação será voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, e não envolverá qualquer forma de risco para a formação acadêmica e estrutura psicológica do participante. Os dados obtidos serão de divulgação cientificamente, não envolvendo qualquer tipo de identificação pessoal ou da instituição, garantindo assim o mais absoluto sigilo.

Esclarecemos que, por se tratar de uma pesquisa, não serão oferecidos resultados nem individuais e nem para a Escola. Todos os resultados serão guardados confidencialmente. Os participantes receberão uma folha explicativa sobre os diferentes tipos de Temperamento e de Estilos de Pensar e Criar e suas diferenças e implicações.

Acrescentamos, ainda, que a Escola e os participantes não terão nenhum tipo de ônus.

Esperando contar com a sua colaboração, coloco-me ao seu inteiro dispor para esclarecimentos que se fizerem necessários.

Caso concorde com a realização da pesquisa, favor preencher os dados abaixo e assinar.

Atenciosamente

Silvia Helena Vertoni Homs

Mestranda em Psicologia Escolar-Puc-Campinas

Comitê de ética Fone 0(xx) 19 37296808

Eu-----, abaixo assinado, na função de-----
-----da Escola-----, declaro estar de acordo
com a realização da pesquisa acima citada em meu estabelecimento.

Assinatura _____

Local e data _____

Anexo B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) estudante,

Estamos realizando uma pesquisa com o objetivo de verificarmos se existe alguma relação entre tipo de Temperamento e Estilos de Pensar e Criar. Esclarecemos que a referida pesquisa envolve alunos do segundo ano ou período universitários, de ambos os sexos, na faixa etária dos 18 aos 40 anos, das áreas de ciências: humanas, exatas e biológicas.

Utilizaremos dois instrumentos, sendo o primeiro denominado de Questionário de Avaliação Tipológica – QUATI, composto de 93 itens, organizados em seis situações, sendo 15 itens para cada uma das cinco situações, com exceção da última que é composta de 18 itens. O participante é solicitado a assinalar para cada item uma das duas respostas (a) ou (b) apresentadas, indicando o que efetivamente faria e não o que gostaria de fazer em cada situação correspondente. O segundo instrumento utilizado é o Questionário Estilos de Pensar e Criar, composto de 100 informações que o participante é solicitado a responder numa escala de 01 a 06 desde concordo totalmente a discordo totalmente. A aplicação será coletiva, na própria sala de aula, com duração aproximada de 60 minutos, sendo que um instrumento será aplicado um após o outro.

A sua participação é voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, não havendo ônus ou prejuízo aos participantes que não se dispuserem a colaborar. A atividade a ser desenvolvida não oferece nenhum risco psicológico ou físico aos participantes. Os dados coletados serão guardados de modo confidencial, não sendo divulgada a identidade da instituição ou do estudante em qualquer comunicação pública oral ou escrita.

Esclarecemos que, por se tratar de uma pesquisa, não serão oferecidos resultados nem individuais e nem para a Escola. Todos os resultados serão guardados confidencialmente. Os participantes receberão uma folha explicativa sobre os diferentes tipos de Temperamento e de Estilos de Pensar e Criar e suas diferenças e implicações.

Caso concorde em participar desta pesquisa do modo como ela foi proposta, por favor, preencha os dados abaixo, assine e devolva-a para o pesquisador que estiver presente em sala de aula. Grata pela sua colaboração,

Silvia Helena Vertoni Homs

Mestranda em Psicologia Escolar - Puc-Campinas

Comitê de Ética Fone 0(xx) 19 37296808

Declaro aceitar participar da pesquisa de acordo com as condições estabelecidas pela mesma.

Nome: _____

Data: _____ Local: _____

Assinatura: _____

QUATI

(VERSÃO II)

CADERNO DE QUESTÕES

José Jorge de Moraes Zacharias

INSTRUÇÕES

Não marque nada neste Caderno de Questões

As respostas devem ser marcadas na **Folha de Respostas** que você já recebeu e deve ter preenchido corretamente com todos os dados que lhe são pedidos.

Neste Caderno você encontrará questões que apresentam situações comuns do cotidiano, e deverá escolher uma das duas respostas (**a** ou **b**) que lhe são apresentadas. Sua escolha deverá refletir o que você efetivamente faria e **não** o que gostaria de fazer nestas situações.

Não se preocupe em dar a resposta "certa". Neste Questionário não existem respostas certas ou erradas, e por isso você deverá responder do modo mais verdadeiro possível, não se preocupando com os resultados.

Você não deverá pensar muito para responder cada uma das questões. Se você não conseguir decidir-se sobre qual resposta deva dar à alguma questão, porque nenhuma das duas seria a sua escolha, ou porque você escolheria ambas, **não** marque nenhuma resposta.

Sempre que você não conseguir decidir-se, pule esta questão e passe imediatamente para a questão seguinte. Se você pular alguma questão, certifique-se de que está marcando sua próxima resposta no lugar certo.

Você não deverá responder aleatoriamente. **NÃO CHUTE!**

Você **NÃO DEVERÁ VOLTAR** para tentar responder as questões que pulou.

Tente responder à todas as questões. Se você não conseguiu responder algumas questões, entregue assim mesmo.



VETOR
EDITORA PSICO-PEDAGÓGICA LTDA.
RUA CUBATAO, 48 CEP 04013-000 SP
Fones/Fax: (0xx11) 283-5225 / 283-0336 / 283-5922

Copyright © 1994/1999 - Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda. SP. É proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, inclusive informatizada, sem autorização por escrito da Editora. Copyright 1994 para versão informatizada

Leia atentamente cada uma das situações propostas e tente, por alguns minutos, visualizar-se nelas. Responda quais seriam suas reais preferências em cada uma das situações propostas.

A FESTA

Supondo que você está em uma festa. Estão presentes muitas pessoas que você conhece e outras que você não conhece. Há uma alegre movimentação no salão, com muita comida e bebida, além de música animada. Então você...

1. a - aprecia todo este movimento.
b - pensa que talvez fosse melhor ter ficado em casa.
2. a - fica atento para oportunidades de contato que possam surgir.
b - presta atenção especial na organização e nos detalhes da festa.
3. a - procura conversar sobre suas idéias e opiniões.
b - prefere conversar sobre o que as pessoas gostam e estão sentindo.
4. a - presta atenção a tudo e em todos a sua volta.
b - está mais voltado para seu possível incômodo pessoal.
5. a - não fica reparando nos detalhes da festa.
b - atenta especialmente para todos os detalhes e não os esquecerá.
6. a - não hesita em questionar os pontos de vista dos convidados.
b - procura não criticar os outros para não criar um clima desagradável.
7. a - procura conversar com o maior número de pessoas possível.
b - conversa com poucas pessoas.
8. a - não se preocupa em aproveitar o conforto oferecido, isto não lhe chama a atenção.
b - aproveita, com prazer, o conforto do ambiente.
9. a - expõe suas idéias de maneira clara para queri se aproximar.
b - torna-se receptível e amigável com quem se aproxima.
10. a - não liga para o fato de haver tantas pessoas desconhecidas.
b - fica retraído por haver tantos desconhecidos e não se interessa em conhecê-los.
11. a - já está imaginando como poderia ser uma nova festa.
b - pensa nos problemas práticos que ocorreram para se organizar esta festa.
12. a - numa conversação pode discordar e reafirmará a sua idéia até o fim.
b - concorda com os outros para não estragar a festa.
13. a - quando recebeu o convite para a festa aceitou-o imediatamente.
b - quando recebeu o convite para a festa pensou antes de aceitá-lo.
14. a - não fica reparando no que os outros têm ou fazem.
b - repara no comportamento não convencional dos outros.
15. a - não se importa em criticar até mesmo o dono da festa, se isto for necessário.
b - procura ressaltar os pontos positivos da festa, para quem a promoveu.



LABORATÓRIO DE AVALIAÇÃO E MEDIDAS PSICOLÓGICAS

ESTILOS DE PENSAR E CRIAR

Autora: Solange Muglia Wechsler. Ph.D.

Laboratório de Avaliação e Medidas Psicológicas - LAMP
Departamento de Pós Graduação em Psicologia da PUCCAMP
Rua do Sacramento, 313 - Centro - 13020-904
Campinas - SP - Brasil - Tel.: (19) 3735-5876



ESTILOS DE PENSAR E CRIAR

INICIAIS: _____ IDADE: _____ SEXO: _____

ESCOLARIDADE: _____

INSTRUÇÕES:

Abaixo existe uma série de afirmações que descrevem a maneira preferencial de um indivíduo pensar e realizar um trabalho criativo. Assinale para cada afirmação, a opção que melhor descreve a sua maneira preferencial de pensar e criar de acordo com as opções a seguir:

1	DT	Discordo Totalmente
2	D	Discordo
3	DP	Discordo Parcialmente
4	CP	Concordo Parcialmente
5	C	Concordo
6	CT	Concordo Totalmente



	DT	D	DP	CP	C	CT
001-Resolvo meus problemas com a primeira idéia que tenho.						
002-Gosto de trabalhar seguindo instruções.						
003-Gosto de idéias novas.						
004-Tomo decisões baseando-se nos meus sentimentos.						
005-Prefiro sonhar a planejar.						
006-Não sou uma pessoa ativa.						
007-Sou uma pessoa questionadora e gosto de dar sugestões.						
008-Prefiro acreditar nas minhas idéias, mesmo quando sou criticado.						
009-Sou uma pessoa aberta a novas idéias.						
010-Gosto de textos que utilizem linguagem poética.						
011-Tenho preguiça em procurar coisas novas para fazer.						
012-Não tenho medo de situações novas						
013-Encontro motivação em tudo que faço						
014-Sou uma pessoa com senso de humor						
015-Tenho dificuldades em combinar idéias para torná-las engraçadas.						
016-Tenho segurança em mim mesmo(a).						
017-Sinto que posso contribuir para o bem estar da minha comunidade.						
018-Eu me "desligo do mundo" quando quero testar uma nova idéia.						
019-Sou uma pessoa otimista.						
020-Não consigo organizar grupos.						
021-Percebo falhas no ambiente e tenho idéias para resolvê-las.						
022-Adoro fazer uma coisa só para ver o que vai acontecer.						
023-Tenho muito cuidado antes de expressar minhas idéias.						
024-Respeito o direito do outro ao tomar decisões.						
025-Não tenho disposição para nada.						
026-Não consigo convencer as pessoas das minhas idéias.						
027-Mesmo quando erro, continuo tentando com novas alternativas.						